

merece

Ano 01 / Nº 1

UFPEL | 2019

A VEZ DELES

Página 44

Alunos com deficiência falam sobre a questão da acessibilidade em suas diversas formas na UFPEL

André Nunes tem 25 anos e é estudante de engenharia da computação.



África Kanimambo: A moda mudando vidas

Página 57

Ediane Oliveira: “Foi uma mão africana que fez nossas roupas”

No país do futebol as mulheres quebram barreiras

Página 82

Mesmo após a Copa do Mundo Feminina a luta por espaço no esporte segue viva

Aprenda a simplificar o empreendedorismo

Página 70

Nossas atividades de lazer podem ter se tornar uma fonte de renda integral

Merece

Revistas laboratório dos Cursos de Jornalismo são publicações que desafiam diversos padrões do jornalismo em si porque buscam produzir reportagens com estudantes que estão começando a compreender os mecanismos técnicos e éticos deste desafiante trabalho absurdamente pretensioso e, mesmo assim, vital para a compreensão da realidade. Sim, mesmo nesta sociedade mediada digitalmente, o jornalismo segue produzindo produtos que auxiliam na compreensão do social, em sua complexidade incontornável.

Aqui nesta revista o leitor pode imergir nesta complexidade de temas e de visões de mundo que estão nas mentes de 50 alunos da disciplina de Jornalismo Impresso da UFPEL. Um recorte de mundo que traz reportagens com temas tão diversos e importantes como de projetos da universidade que prestam serviços para a população da região como o Desafio Pré-Vestibular e o Serviço de Assistência Jurídica (SAJ). Reportagens que mostram a dupla jornada de estudantes que trabalham e estudam e ainda encontram tempo para fazer em pesquisa em projetos como o PIBID. E muitas destas alunas ainda são mães e unem esta responsabilidade a todo o trabalho acadêmico. Realidade esta que recebeu do próprio Ministério da Educação ataques e ameaças de corte de verbas, como mostra a reportagem sobre os cursos de Nutrição e Engenharia de Materiais. Também foi mostrada pelos alunos, a fundamental atividade da UFPEL em gerir e oferecer a população museus com um patrimônio indispensável para a compreensão da realidade. Mesmo assim, estudantes de muitos estados do Brasil, continuam vindos morar em Pelotas. Resistiremos.

Atividades relacionadas ao meio ambiente, como a CEAMA ou iniciativas que usam o esporte para gerar a inclusão social também estão retratadas nas reportagens do projeto dos Garotos da Lagoa e do Muai Tay. No esporte, Lobas e Flamingos mostram que também nesta área a diversidade está presente, seja no estilo do esporte quanto no gênero, com reportagens sobre Padel, Jiu Jitsu e, claro, futebol. Na Cultura, os olhares se voltaram para os grandes nomes da indústria musical, mas também para os novos artistas locais, desde os independentes até os que buscam uma espiritualidade muito além dos hits. Da mesma forma, no mundo da literatura, as abordagens jornalísticas foram desde o mais raro livro da biblioteca pública até os mais novos autores. E, também, uma reportagem sobre o crescente mundo da dança gauchesca e sua principal competição no estado, o Enart. Confira.

Assuntos ligados a vida social tiveram grande destaque, com as reportagens sobre feminismo, a criação do Coletivo Tim Lopes pelos estudantes negros de jornalismo na UFPEL e as muitas possibilidades de empreender algum negócio. Já o universo da moda exemplifica muito bem a complexidade social. As reportagens trazem ao leitor a realidade da moda de matriz africana, a modo plus-size e a moda consciente, bem coo a presença de modelos negros nas passarelas do Moda Pelotas. Tudo isso sem descuidar da saúde, onde são abordadas as questões de interesse público relacionadas a vacinação, saúde mental e bissexualidade e, por fim, a nossa manchete com o destaque para os estudantes da UFPEL que enfrentam os estudos com a necessidade de superação de cuidados especiais. Afinal, vocês leitores e estes futuros repórteres merecem.

Carlos Dominguez

Expediente

Revista Merece

Disciplina de Jornalismo Impresso | 2019/2

Professor Responsável: Carlos Dominguez

Repórteres:

Ana Garrafiel
Ana Júlia Ferreira
Andressa Siemionko
Ariane Bertinetti
Augusto Cabral
Beatriz Regina
Bruno Bitencourt
Bruno Bonilha
Débora Luz
Diulia Rocha
Elena Santos
Gabhriel Fagundes
Gabriel Gonçalves
Gabriela Pereira
Giéle Sodré
Helena Schuster
Helena Isquierdo
Isabella Barcellos
Isabeli Marques

Editores:

Carolina Pinho
Giéle Sodré
Isadora Ogawa
Joanna Manhago
Luiz Schmidt

Diagramadores:

Helena Schuster
Larissa Bruno

Isadora Ogawa
Joanna Manhago
Josimara Megiato
Larissa Bueno
Luana Martini
Luiz Schmidt
Mariah Coelho
Marina Duarte
Pedro de Almeida
Rayla Ribeiro
Ronaldo L. F. Siqueira
Thaís Carolina Pereira
Thierry Cunha
Victoria Meggiato
Victoria Dutra
Vitor Porto
Vitória Costa
Vinicius Santos

Pedro de Almeida
Thierry Cunha
Vitor Valente
Vitória Santos

Paulo Pereira
Pedro de Almeida

Sumário

04 Trabalho dobrado e lazer limitado: a dupla jornada de estudantes da UFPel

06 Educação para igualdade de gênero, raça e respeito às diferenças

09 Projeto Desafio pré-vestibular gera oportunidades

10 O direito é de todos e o SAJ também

12 O desafio das mães universitárias da UFPel

14 As dificuldades dos cursos de Engenharia de Materiais e Gastronomia com os cortes

16 CEAMA: Conhecer para preservar

19 Comunidade em campo

21 A importância dos museus para a história e para a cultura pelotense

24 Memória vira símbolo de identidade

25 A competição da indústria musical

28 A resistência cultural nativa brasileira na expressão artística dos jovens

30 Artistas independentes no cenário musical de Pelotas

31 Livros que mudaram vidas

33 Brazil Pittoresco A joia da nossa biblioteca

36 Para além da dança, a preservação da história do Rio Grande do Sul

42 Os desafios da trajetória de estudantes de outros estados na UFPel

44 A vez deles

49 O feminismo além dos direitos iguais

52 Tim Lopes, o primeiro coletivo negro do Jornalismo UFPel

55 Jornalismo de moda? Sim!

57 África Kanimambo: A moda mudando vidas

60 As passarelas ainda não foram tomadas por gente preta, mas em breve serão

64 O corpo e a personalidade plus

66 Por uma moda MAIS consciente

70 Quero empreender, mas não sei como administrar! O que eu faço?

74 Como lidar com a jornada dupla entre trabalho e faculdade

76 Os sonhos, as necessidades e a Coolkies

77 Formei, e agora? Diploma na parede ou na bagagem?

79 Vacinação: Mitos e verdades

81 Bissexuais e Saúde Mental: Uma conversa sobre Invisibilidade

84 No país do futebol as mulheres quebram barreiras

87 Acostume a ver gays, lésbicas, mulheres, bissexuais e transexuais no esporte

89 O acesso da periferia ao esporte

91 Jovem pelotense conquista título mundial

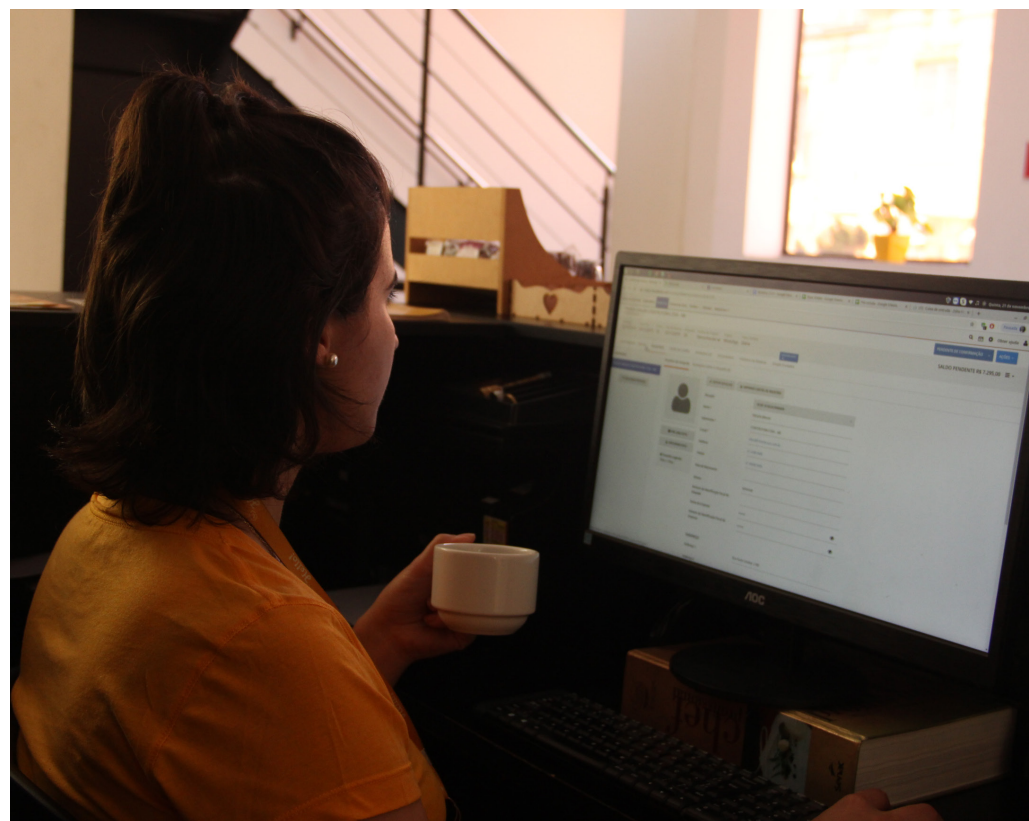
92 A ascensão do Padel



UFPEL

Trabalho dobrado e lazer limitado: a dupla jornada de estudantes da UFPeL

A rotina exaustiva de estudantes que dividem seus dias entre estudos acadêmicos e o trabalho remunerado



Débora na recepção do hostel onde trabalha

Isadora Ogawa

Isadora Ogawa

A vida universitária já exige muito do estudante e quando ela se concilia com trabalho, torna-se duplamente exaustiva. Após entrarem na sonhada federal, nesse caso a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), são outros impasses que os alunos encontram. Alguns dividem sua rotina entre os estudos da graduação, a qual remete a possibilidade de ascensão profissional no futu-

ro, e o trabalho, que para muitos é a fonte de renda e sustento.

Murillo Neves tem 25 anos e veio de São Paulo para estudar em Pelotas. Mesmo com os benefícios da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), não são suficientes para mantê-lo em dedicação exclusiva aos estudos. “Vim de uma família carente, então não tenho ajuda financeira para me manter

na universidade.” Após sofrer inúmeras dificuldades no início de sua jornada acadêmica, ele agora divide seus dias com estudo, ministrando aulas e exercendo outras atividades. É professor de inglês, alemão, redação e é estagiário, e também pesquisador CNPq, no qual inclusive foi destaque 2019. E ainda, o estudante trabalha no bar nas quintas, sextas e sábados, onde

amanhece trabalhando. Para ele, as sextas são as mais terríveis: “Eu tenho aula na quinta-feira das 13h até às 15h10, volto pra casa e preparo a aula do dia seguinte. Retorno pra faculdade das 19h até as 21h15 mais ou menos, saio de lá e vou direto para o bar, onde fico até às 6h da manhã de sexta-feira. Vou para o estágio às 8h da manhã e saio meio dia. Depois tenho aula no Anglo (campus) das 16h até às 21h30”, finaliza.

A dupla jornada substitui o tempo em que os estudantes dedicariam ao lazer, à família e amigos, e até mesmo aos estudos extraclasses, pelo trabalho. O que torna esses momentos mais raros e restritos. A Débora Luz, que tem 28 anos e cursa Jornalismo, lembra que o tempo com a família e amigos diminui bastante, principalmente por ela trabalhar aos finais de semana, “a vida social é bem prejudicada nesse sentido, o tempo para amigos e família é bem limitado”. E completa “eu acabo perdendo, às vezes, muita

coisa, porque eu preciso ficar trabalhando”, o que para ela é um dos piores pontos da dupla jornada.

“A dedicação exclusiva a faculdade iria me proporcionar mais tempo de lazer, com os amigos, meu namorado e até mesmo pra mim”, observa Murillo. E continua, “meu namorado pira um pouco quando eu estou no meio do semestre, por exemplo, que estou trabalhando de segunda a segunda e só tenho o domingo livre pra passar com ele e com os amigos”.

Débora trabalha como recepcionista em um hostel e também faz “freelas” de fotógrafa. Ela já possui graduação em Biologia. “Quando eu resolvi fazer uma segunda graduação, minha mãe disse que não poderia mais me ajudar, e eu teria que me virar por conta própria”. Então ela teve que escolher trabalhar em uma área em que não se formou, para conseguir conciliar com o curso, e poder então realizar um sonho, que era cursar Jornalismo. “É puxado, é cansativo, mas eu acho que eu estou em um lugar muito bom para conciliar com a faculdade”, afirma.

De acordo com o Instituto Nacional



Guilherme além de Policial Militar, também é fotógrafo na instituição

Patrick Duarte

de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), do total de universitários, 3.179.613 (62,5%) estudam no período noturno. E a conclusão é que, cresceu o número de estudantes que trabalham no país. É o caso do pelotense Guilherme Schmidt, que cursa Direito na UFPeL no período noturno. Ele trabalha em Porto Alegre, 260km de Pelotas. Lá ele é policial militar no 9º Batalhão de Polícia Militar, e trabalha de segunda a sexta das 6h às 14h. “Nas segundas, quartas e quintas eu viajo. Pego o ônibus das 15h aqui em Porto Alegre, chego às 18h30 em Pelotas, mais ou menos, e tenho aula das 19h até às 22h.” De-

pois da aula ele pega o ônibus das 23h30 e volta para o quartel, onde ele mora durante os dias da semana. “Chego a Porto Alegre por volta das 3h da manhã, e às 6h da manhã já estou pronto de novo para o trabalho”.

Segundo estudos desenvolvidos pela bióloga Roberta Nagai Manelli da Universidade de São Paulo (USP), a dupla jornada - profissional e acadêmica - interfere negativamente no tempo que estudantes universitários dedicam às aulas. Conclusões semelhantes Ruth Cardoso e Helena Sampaio chegam no artigo “Estudantes universitários e o trabalho”, em que afirmam: “O trabalho do estudante

tanto prejudica seu desempenho em atividades ligadas ao aprendizado como também reduz seu grau de envolvimento com o ambiente acadêmico. É como se pelo fato de trabalhar, o jovem deixasse de gozar plenamente sua condição de estudante e a experiência do trabalho estivesse deslocada”.

Entretanto, infelizmente essa não é a realidade que muitos alunos podem desfrutar. A dupla jornada é cada vez mais presente na vida dos universitários, e em vários casos ela não se limita a apenas um trabalho, como o caso dos nossos entrevistados que atuam em mais de uma área.

Educação para igualdade de gênero, raça e respeito às diferenças

Bolsistas do PIBID UFPEL trabalham com oficinas com foco na argumentação



Alunos do PIBID na aplicação das oficinas

Divulgação

Andressa Siemionko

A sala de aula para muitos pode ser um mistério, para outros a segunda casa. Nesse lugar, que não é nenhum cômodo da casa, mas que todos tendem a frequentar, criar laços, amizades é onde em meio a correria e preocupação da vida acadêmica, cerca de 30 alunos do curso de Letras (português, alemão, espanhol, e francês)

da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), dividem suas atenções com o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). O projeto visa trabalhar a leitura e a interpretação do texto, bens preciosos para a continuidade do ensino, além de inserir o universitário no seu futuro ambiente de trabalho. Com isso é possível unir teoria

e prática.

Todos os cursos de licenciatura da UFPEL participam do programa e são divididos em núcleos. O PIBID Letras é recebido em três escolas públicas de Pelotas, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Irene (EMEF Santa Irene), o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEE Assis Brasil) e a Es-

cola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles (EMEF Cecília Meireles), que mesmo com toda crise do ensino público brasileiro, abraçaram o projeto, junto aos graduandos. Eles trabalham com oficinas, a metodologia é de problematização e os grupos focam na aprendizagem da argumentação. Na primeira fase as oficinas



Aplicação da oficina de bullying

Divulgação

tiveram como tema Direitos Humanos e todas as escolas receberam a mesma, ela foi produzida em conjunto. Está primeira etapa tratou também de diferenciar argumentos e opiniões. Assim, os bolsistas do projeto puderam discutir a fundo e surgiram pedidos de oficinas de vários temas, mais específicos. Notou-se que trazer estes assuntos era de grande interesse, como observa a bolsista do PIBID, Gabriele Vargas: “Os alunos viram em nós pibidianos, ma chance de falar expor e falar sobre diversos assuntos que muitas vezes não são debatidos em outros momentos”

“Os alunos viram em nós pibidianos, ma chance de falar expor e falar sobre diversos assuntos que muitas vezes não são debatidos em outros momentos”

seus medos. O conjunto destes três assuntos formaram os “Atos de Leitura e Escrita”. O tema racismo foi escolhido em cima de relatos, como contou Larissa Taborda:

“Alunos do sétimo ano relataram que já foram seguidos dentro de estabelecimentos.”

A desigualdade social no Brasil, além de enorme, tem um forte componente racial, este fato mostra o quão relevante é falar sobre estas

questões em sala de aula e investir em educação, pois são caminhos para reduzir números como o divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que mostra a grande diferença entre a população branca e negra, quando se fala de informalidade na população.

A igualdade de gênero, que é um dos Direitos Humanos, foi um tema sugerido por alunas da EMEF Cecília Meireles e abraçado pelos bolsistas do PIBID, como conta Luana Durante Oliveira:

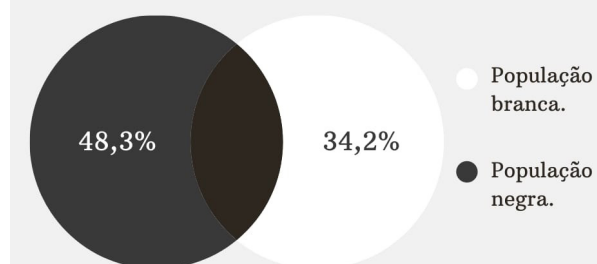
“A gente quer quebrar este estereótipo de coisa de menino e coisa de menina.”

A sociedade impõe e deposita desde o nascimento de uma criança predileções, ele veste azul, ela rosa, ele não chora, ela é sensível. Po-

rém, o fato é que todas essas ideias não são naturais e sim construídas historicamente e socialmente. Em números essa mentalidade tem grande relevância. Uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (Fipe-USP), com 15 mil alunos do ensino médio, retrata a realidade.

Os dois temas abordados pelo PIBID são problemáticas da sociedade brasileira e não está restrita a escola. O terceiro tema, e não menos importante é o bullying. É comprovada que quase metade das crianças no Brasil já sofreu bullying, uma violência que pode ser danosa para a maioria das vítimas, segundo dados da Fundação das Nações Unidas pela Infância (UNICEF).

Informalidade da população:

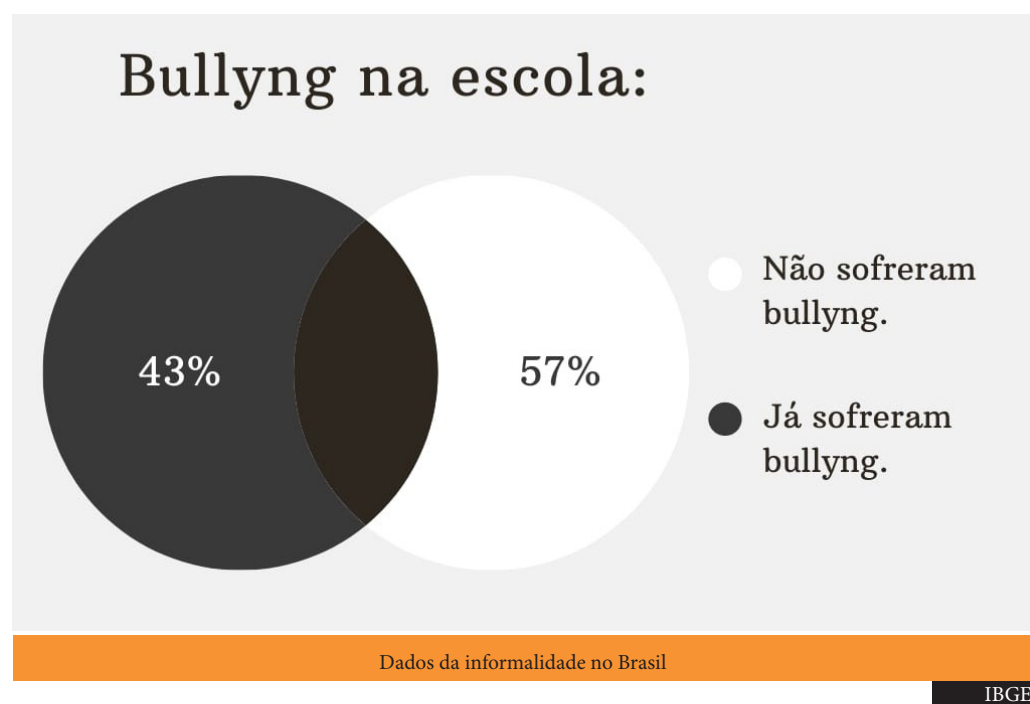
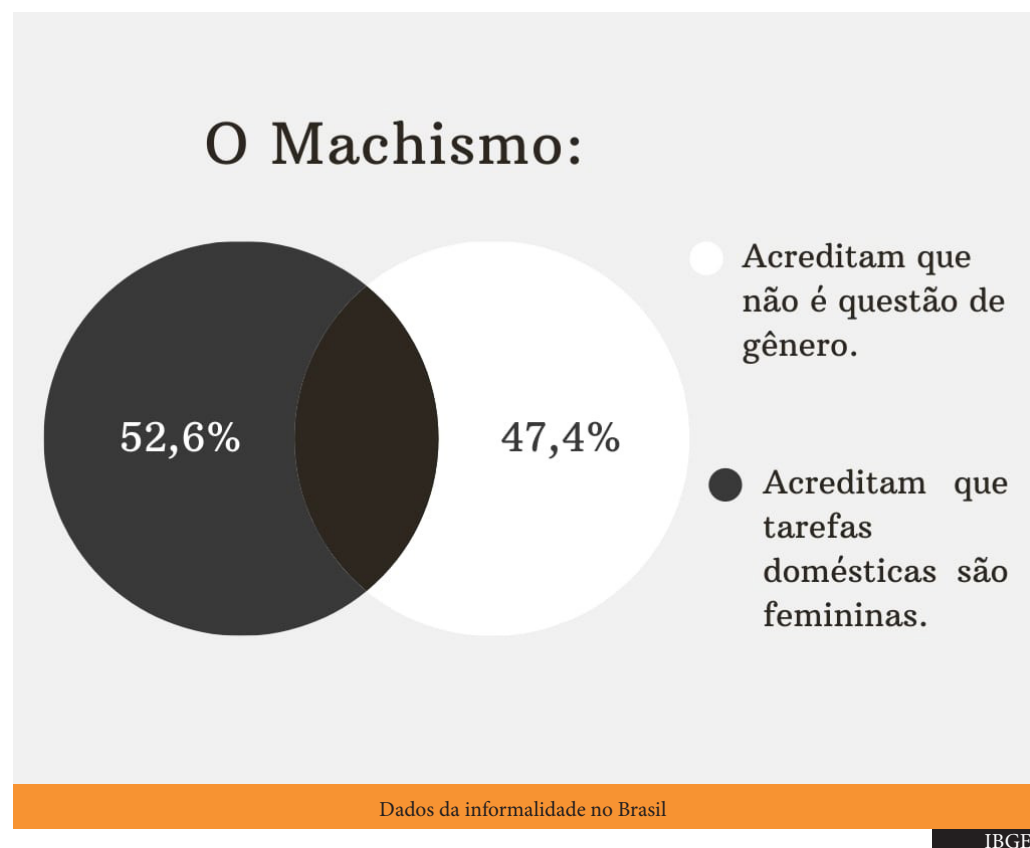


Dados da informalidade no Brasil

IBGE

Além desses, muitos outros dados mostram a relevância de falar sobre temas como estes na escola, de uma forma que agregarão conhecimento de leitura, interpretação e escrita. Com o PIBID, ambas as partes saem ganhando, escola, alunos e “pibidianos”. A troca de conhecimento é enriquecedora e agrega na formação de futuros professores que tem a oportunidade de lidar com a sala de aula, sentir o ambiente, enfrentar problemas do dia a dia, se colocar na posição do professor e construir conhecimento junto a uma sala de aula. Gabriele engrandece o projeto e explica a importância na sua formação acadêmica:

“O PIBID significou muito para a minha formação, tanto acadêmica quanto como futura docente. Ter o contato com a sala de aula, antes mesmo das disciplinas de estágio, é uma ótima oportunidade para nós da licenciatura, pois nos permite conhecer o ambiente escolar e suas especificidades de outro ponto de vista: o de professor.”



Projeto Desafio pré-vestibular gera oportunidades

O curso, totalmente gratuito, já inseriu mais de 60 alunos na UFPe

Elena Santos

O Desafio Pré-Universitário Popular é um curso totalmente gratuito, e tem como objetivo contribuir com o ingresso de pessoas de vulnerabilidades social. O desafio os oportuniza, além de um curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), um espaço de discussão sobre o mundo, e sobre questões sociais da sociedade que eles se inserem.

Geralmente os alunos são organizados em duas turmas. À tarde e a noite, e dependendo da evasão do curso, são abertas outras turmas. Anualmente são de 200 a 300 alunos que acabam fazendo parte do projeto, a maioria são pessoas da periferia.

No ano de 2018, até o primeiro semestre desse ano, foram mais de 60 alunos conseguiram ingressar na UFPe, em cursos de uma concorrência menor, até os de grande concorrência.

“Nós consideramos o Desafio nesse momento político que vivemos como um projeto de resistência, onde mais uma vez com o seu propósito de início que ele volta a reafirmar a importância dele como defensor da universidade pública e gratuita. Para todos e principalmente para quem não tem condições de pagar um curso pré-universitário particular” diz Noris Leal, coordenadora do projeto.

Desde o momento em que ele surgiu, as aulas são ministradas por alunos da universidade da graduação, atualmente da pós-graduação, e ex-alunos que acabam se voluntariando para isso. “Para mim como educador em formação, a experiência que o desafio trás vai além de



Rômulo dando aula no Desafio

Arquivo Pessoal



Logo do Desafio pré-vestibular

Divulgação Projeto

“ Nós consideramos o Desafio nesse momento político que vivemos como um projeto de resistência ”

sala de aula. Vai desde formular aulas de acordo com as demandas dos alunos, quanto as de conteúdos programáticos para a prova, até toda a experiência de uma sala de aula com pessoas de diversas idades e vivências englobados com todo o viés da educação, popular proposta por Freire” diz Rômulo Diel, estudante de Letras e Professor do Projeto.

O Desafio Pré-Vestibular Popular abre inscrições todos os anos. O seu espaço é no antigo prédio Salis Goulart, na Tiradentes e você pode também acompanhar informações pelas suas plataformas digitais.

História do projeto

Há 26 anos, com uma iniciativa de um grupo de estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), que queriam lutar contra uma proposta de privatização das universidades, surgiu o Projeto Desafio Pré-Universitário Popular. A questão era como eles poderiam dar um retorno para a sociedade. Com isso eles criaram um projeto pré-vestibular baseado nas teorias de Paulo Freire e numa gestão do professor Amílcar Gigante. De início independente da universidade, utilizaram espaços fora dos prédios universitários. Primeiro no Círculo Operário Pelotense. Em 1995, o Desafio passa a ser um projeto de extensão, desde então, o projeto vem criando importância. Ele acabou sendo um dos primeiros projetos Pré-Universitários Populares no Brasil, fazendo com que vários outros projetos como ele, de outras universidades, fundam-se com base no Desafio.

O direito é de todos e o SAJ também

Programa de assistência jurídica contribui muito para o aprendizado profissional de estudantes de direito, além de beneficiar a comunidade com atendimento gratuito



Alunos do direito prestando assistência aos assistidos

Coordenação da Comunicação Social (CCS) da UFPeL

Josimara Megiato Rodrigues

O Programa de Assistência Jurídica da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), mais conhecido como SAJ, existe há mais de 50 anos e desde então vem contribuindo para o crescimento profissional dos estudantes do curso de Direito da Universidade. Além de oferecer serviço de assistência jurídica gratuitamente para a comunidade, o SAJ atende pessoas que por sua vulnerabilidade social,

não possuem condições financeiras de arcar com despesas jurídicas (pagar um advogado) e assim, estes recebem todo acompanhamento necessário para o encaminhamento de um possível processo. Estudantes do quinto e do sexto anos juntos, prestam atendimento no SAJ, todos com orientação de um profissional.

Os alunos conseguem colocar em prática conhecimentos adquiridos

ao longo da graduação, além de ganhar uma boa experiência para o mercado de trabalho. Karine Emanuela Goettemn, coordenadora do SAJ resalta que os alunos que prestam assistência jurídica devem, obrigatoriamente, estar matriculados na cadeira de estágio de seu curso. “O nosso aluno atende dentro do ensino, o SAJ é uma disciplina o nosso aluno está matriculado e por fim é ou não aprovado.”

Mas Karine resalta sobre ser extensão também, uma vez que, atende a comunidade onde os alunos também participam voluntariamente. Um dos projetos de extensão é o direito cuidativo, que funciona em parceria com estudantes dos cursos da saúde também. Neste projeto os alunos auxiliam idosos com doenças crônicas, e que precisam de um atendimento jurídico.

A coordenadora res-

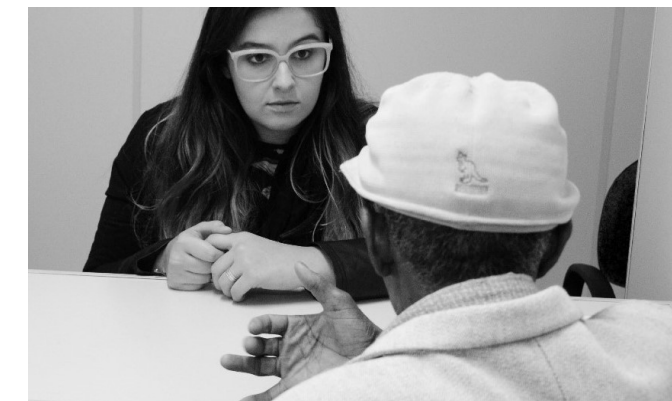
salta que quem procura o atendimento, são geralmente, familiares das pessoas, seja para buscar medicamentos em parceria ao governo, ou até mesmo encaminhamento de cirurgia, além de transporte. Karine ainda comenta que para pacientes mais idosos ou até em situação de demência, o SAJ promove ações de interdições para tornar o familiar um representante legal.

Além do direito cuidativo, a coordenadora conta que existe mais dois projetos de extensão em atividade. O Defesa que atende na área criminal, visando que todo trabalho realizado pelos estagiários no SAJ é na área civil, mas com este projeto ao menos uma vez por semana há o atendimento para área criminal, para crimes como violência doméstica, lesão corporal, ameaça, entre outros.

Existe também o direito no olho social, que é realizado em parceria com o mestrado em Direito, e leva para escolas de comunidades que possuem baixa renda, orientações jurídicas, palestras, oficinas ou “mini” cursos, desenvolvendo assuntos que a escola solicita. Além disso, Karine conta que está em andamento um quarto projeto, que se chama Balcão do Consumidor em parceria com o PROCON, onde alunos irão atender pessoas com problemas com produtos e serviços mal prestados.

Trabalhar nestes projetos, sem dúvidas agrega muito ao estudante. Os alunos que passam pelo SAJ, formam-se já com entendimento do Direito na prática, e com experiência, o que a cada dia conta mais na hora de uma contratação.

A importância destes projetos para a comunidade, somada ao grande acúmulo de conhecimento/prática para os estudantes, faz com que os mesmos, sejam gratos ao serviço. É o caso da estudante Valéria Mendes Pinheiro, do quinto ano: “Eu particularmente sou apaixonada pelo SAJ”, enfatiza a aluna. Ela ainda resalta sobre ter a oportunidade de ganhar experiência, durante o curso já que na maioria das vezes, a formação profissional deles, é embasada apenas em estudos científicos, aprendendo teorias, e questões, mas que posteriormente depois de formados, os mesmos terão de colocar na prática. Ela diz: “Gosto muito do auxílio que a nossa professora nos dá, a gente consegue vincular muito da realidade com a teoria, que é uma coisa muito difícil. Tirar do papel e colocar na prática.”



Alunos do direito prestando assistência aos assistidos

Coordenação da Comunicação Social (CCS) da UFPeL

A estudante, ainda resalta, que “pessoas que não fazem estágio, não sabem como funciona uma audiência no fórum, não sabem como é o procedimento e como funcionam as “regrinhas” de uma audiência, e como funciona o todo do direito que aqui, a gente consegue aprender muito com o SAJ”.

No Brasil, o serviço jurídico gratuito é oferecido pela defensoria pública, que segundo dados do próprio mapa do órgão, possui um déficit total de 10.578 defensores públicos. Um levantamento de GauchaZH, neste ano, mostra que o Rio Grande do Sul sofre com a falta de defensores, e por isso só neste ano inúmeras audiências tiveram que ser canceladas e remarçadas.

Felipe D’Ávila estudante do sexto ano comenta sobre: “Aqui a gente consegue prestar este serviço com qualidade e sem ter uma fila muito grande, com rapidez.”

Ele ainda conclui: “O SAJ é, dentro da faculdade de direito, o serviço mais relevante que se presta para a comunidade, porque ele dá um retorno do dinheiro que a sociedade investe na Universidade em um serviço tão importante, que é esta assistência.”

O fato é que a importância de um serviço gratuito e de qualidade para a comunidade, é de suma importância, mas o papel que o SAJ desempenha em função dos alunos, e vice versa é de grande relevância pois, o mercado de trabalho principalmente na área judicial, requer além de muito conhecimento, uma boa experiência.

Nos mais recentes concursos públicos há a exigência de comprovação da prática jurídica, o que vem refletindo em preocupação das instituições por candidatos melhores preparados, e que estejam em sintonia com a realidade da maioria da população. Afinal, não basta o conhecimento árduo da lei, o profissional tem que ser capaz de interpretar a lei e usá-la para realizar o acordo social.

O desafio das mães universitárias da UFPel

Alunas da UFPel contam as dificuldades de conciliar os estudos e a maternidade

Luiz Schmidt

Ser mãe e ter uma vida acadêmica não é nada fácil. Cuidar de criança e ter uma jornada de trabalho e estudo torna muito complicado e cansativo o dia a dia de uma mãe, essa é a realidade de várias estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), como a estudante do curso de jornalismo, Roberta Muniz:

“A minha rotina é bem diferente do que reparo na maioria dos meus colegas. Enquanto eles ficam mais despreocupados com trabalhos, por exemplo, eu tento fazer tudo o quanto antes, porque com criança pequena sempre pode acontecer imprevistos. Meus colegas mais próximos até brincam que eu estou sempre com tudo pronto primeiro, mas não é só porque eu quero, mas por saber que na idade dele imprevistos podem acontecer”, diz Roberta é mãe de um menino de quatro anos e não recebe auxílio da UFPel por escolha própria, pois alega não sentir tanta necessidade como outras mães:

“Eu sei que a minha posição é de privilégio em comparação a muitas realidades, eu tenho suporte familiar e econômico na medida do possível, mas sei que não é a realidade de todas as mães.”

A UFPel oferece o auxílio pré-escolar, concedido a estudantes com filhos em idade entre zero e cinco anos, é depositado em conta um valor de aproximadamente R\$300,00.

A estudante Marcela de Moraes, que recebe esse auxílio, conta como concilia os estudos e a criação do filho Lorenzo, de um ano:

“Tudo que eu posso produzir na faculdade mesmo. Não consigo fazer muita coisa extra e estudar em casa é sempre complicado. Minha produtividade é toda em horário de aula.”



Roberta Muniz com o menino Arthur

Arquivo Pessoal Roberta Muniz

“A minha rotina é bem diferente do que reparo na maioria dos meus colegas”

Ter uma jornada dupla de mãe e estudante não é uma tarefa fácil, mas há a jornada tripla de quem trabalha, como é o caso de Julya Schmechel, mãe de Bernardo, de quase dois anos, que além de estudar jornalismo, trabalha em um pet shop:

“É preciso muito esforço e dedicação. Não é nada fácil, o cansaço muitas vezes toma conta, mas não dá pra desistir. Estudar é algo muito importante pra mim e consequentemente, pro meu filho, então tem que ter sempre um jogo de cintura pra saber lidar com tudo.” Todas essas mães conseguem realizar suas tarefas, apesar das dificuldades. Em meio a tanta pressão, às vezes até preconceito, o auxílio da família e de colegas são de grande importância.



Julya Schmechel com seu filho Bernardo

Arquivo pessoal Julya Schmechel



Marcela de Moraes amamentando o pequeno Lorenzo

Arquivo pessoal Marcela de Moraes

Nenhuma das entrevistadas alega falta de compreensão por parte da universidade, o que já facilita muito essa difícil jornada.

“Não é nada fácil conseguir conciliar a vida de mãe com a vida de estudante, mas não é impossível. Se a mamãe tem muita vontade de estudar, eu sugiro que ela siga em frente e tente buscar ajuda com

“Estudar é algo muito importante pra mim e consequentemente, pro meu filho”

familiares e amigos. Se não tiver como, levar o filho pra faculdade também é uma opção. Mas tudo depende da vida de cada mãe. É importante que cada mulher respeite o seu tempo e o do seu filho, para conseguir lidar com tudo. Não existe idade certa para se formar em uma faculdade e não podemos nos esquecer disso. Se a mamãe quer muito estudar, mas infelizmente o momento não é propício pra isso, existe uma vida pela frente em que ela pode realizar essa vontade. Só não dá pra desanimar, porque afinal de contas o estudo é algo que levamos pra vida toda, pra nós e para os nossos filhos”, diz Julya.

As dificuldades dos cursos de Engenharia de Materiais e Gastronomia com os cortes

Cursos da UFPel são os mais prejudicados com os cortes

Marina Duarte

Há alguns meses a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) vem enfrentando dificuldades para manter suas portas abertas. Desde que os cortes na educação foram anunciados, a rotina dentro das Universidades Federais se tornou difícil.

O reitor da UFPel, Pedro Hallal, encontrou medidas paliativas para que a instituição tivesse, pelo menos, energia elétrica. No Campus Anglo, os servidores apagam as luzes nos corredores em que há um fluxo menor de alunos, e nas salas de aulas os professores mantêm o ar condicionado desligado.

Alguns cursos da Universidade como Engenharia de Materiais e Gastronomia já começaram a sentir as consequências destes cortes.

Durante a entrevista com a Erika Schneider, acadêmica do curso de Engenharia de Materiais, ela conta que em seu curso os professores e coordenadores estão fazendo o possível para que os alunos não sejam prejudicados.



Laboratório da Engenharia de Materiais da UFPel

Luiz Schmidt

A estudante conta também que o curso está apreensivo com o rumo que a UFPel pode tomar se os cortes continuarem. Os estudantes dependem do laboratório para realizarem suas pesquisas. Sem energia elétrica o lugar onde acontecem os estudos não pode ser desfrutado. Este é o grande problema da Engenharia de Materiais.

“Temos seis laboratórios no curso e caso os cortes continuem, vamos ser prejudicados.”

Erika conta que, embora os professores e os alunos estejam administrando a situação como podem, eles não foram tão prejudicados quanto os outros cursos.

“Ainda não fui prejudicada em nenhuma disciplina. As que eu curso estão sendo realizadas normalmente, inclusive as práticas” Explica a aluna

Já no curso de Gastronomia a situação está ainda mais crítica. Os alunos e professores estão tendo que improvisar as aulas e avaliações. A Thais Meus, acadêmica do curso, conta que eles reduziram as aulas práticas por falta de detergente e esponja.

“Nosso curso sempre foi meio precário por falta de recursos, mas agora estamos dividindo os ovos. Estamos tendo aulas duplicadas e as provas es-

“ Infelizmente isso prejudica a nossa avaliação e aprendizado ”

tão sendo feitas por bancadas. O que era individual agora é em grupo. Infelizmente isso prejudica a nossa avaliação e aprendizado afirma a estudante.

Ela afirma também que a Gastronomia vindo sendo prejudicada desde o início do semestre e os alunos se mobilizam para manter o laboratório aberto comprando materiais com dinheiro deles mesmos.

Ao ser questionada sobre como está o clima entre os alunos e se havia discordância acerca dos cortes, Thais afirmou que não há discordância, mas também não há uma representatividade firme e coesa. “Deveríamos estar em greve, fazendo mobilizações, pois é um dos cursos mais afetados. Mas infelizmente o medo fala mais alto e a atitude é de sobrevivência e não de luta. Alguns professores não incentivam a ter um posicionamento seja ele qual for,

mas a favor da manutenção da universidade pública que vem demonstrando decadência nos últimos três anos” Conclui a estudante

Ao final da entrevista, perguntei a Thais qual a expectativa do curso em relação aos cortes e se eles esperavam alguma melhora. Ela conta que na última semana o curso recebeu um e-mail suspendendo as aulas práticas, e diante disso eles não esperam nenhuma melhora.

Ao final da conversa com as estudantes foi possível perceber que alguns cursos estão sendo mais afetados do que outros. De qualquer forma, uma pequena parcela dos cursos está enfrentando esse déficit como podem para que não percam o semestre.

No dia 18 de outubro de 2019 o Ministério da Educa-

“ Nós esperamos que daqui para frente não tenha mais nenhum contingenciamento de verba ”

ção (MEC) anunciou o desbloqueio de 1,1 bilhões de reais para as universidades e institutos federais. O dinheiro foi e ainda está sendo usado para o pagamento das contas de energia elétrica, água, telefone e limpeza.

Após receber esta informação, voltamos à UFPel para, ver como estava a situação nos cursos.

Na Engenharia de Materiais a condição continua a mesma, mas com esperança que tudo melhore.

“Nós esperamos que daqui para frente não tenha mais nenhum contingenciamento de verba. Esperamos que a gente consiga seguir com o curso.” Conta Ana Lúcia Meireles, coordenadora do curso.

Já Cristiane Raubach, professora do curso, afirma que mesmo com o bloqueio de verbas a Engenharia não teve grandes prejuízos.

“Nós não deixamos de fazer nada do que fazíamos. Tentamos manter o ritmo normal das atividades.

Aqui o maior problema foi o medo dos alunos de não saber se podiam ou não usar os equipamentos, pois consumia muita energia.”

Não foi possível atualizar as informações sobre o curso de Gastronomia da instituição pois a coordenação não foi encontrada.

CEAMA: Conhecer para preservar

O Centro de Educação Ambiental da Mata Atlântico desenvolve atividades de preservação da mata local



Günter Timm Beskow, mostrando uma capuchinha, uma PANC presente na propriedade

Débora Luz

Saindo do distrito central de São Lourenço do Sul pela BR-116 em direção ao município de Turucu percorre-se cerca de 16,5 km até a entrada de acesso a localidade da Sesmária, a partir daí são mais cerca 22 km de estrada de chão até a sede do projeto Centro de Educação da Ambiental da Mata Atlântico (CEAMA). Na casa verde de estilo colonial pomerano os visitantes são recebidos pelo anfitrião Günter Timm Beskow e o cachorrinho Bob, um vira-lata simpático. Günter convida à todos para uma visita à propriedade que pertence à sua família há 110 anos. Hoje ele administra cerca de 5 hectares, onde há 12 anos o engenheiro agrônomo fundou o CEAMA, e possui uma agroindústria de produção sucos com frutas cultivadas de maneira agroecológica

no local.

O projeto foi criado com o auxílio da ONG alemã Verein Waldorf, e teve como objetivo inicial a recuperação das matas ciliares do Arroio Sesmária, que passa por dentro da propriedade. As atividades iniciais visavam envolver os alunos da escola local E.M Francisco Frömming, com o intuito de desenvolver uma educação ambiental sobre a importância da recuperação e da conservação da Mata Atlântica, sobretudo das matas ciliares. No entanto, no decorrer desses 12 anos, o projeto já recebeu a visita de aproximadamente 40 escolas da região. Além das escolas, professores do ensino técnico e também de universidades visitam o projeto para desenvolver atividades de ensino e pesquisa com seus alunos.

Na primeira parada da trilha, que inicia na estrada que dá acesso a propriedade, é possível ver em tempo real a diferença entre um área recuperada e uma área degradada. Isso porque, o Arroio Sesmária também passa pela propriedade do vizinho do outro lado da estrada. De um lado podemos visualizar o Arroio em processo de erosão pela ausência total de vegetação, o que deveria ser um curso abundante de água, limita-se agora a um pequeno riacho. Do outro lado da estrada o Arroio, com densa vegetação, começa a recuperar-se e mostra uma paisagem saudável.

A visita continua pelo interior da propriedade, onde os visitantes podem conhecer um pouco mais sobre a vegetação nativa, incluído árvores frutíferas e plantas alimentícias não convencionais. No viveiro da propriedade é possível conhecer a produção das mudas que são utilizadas na recuperação das áreas degradadas. Após a passagem pelo viveiro, faz-se uma parada na beira do Arroio Sesmária, onde Günter explica melhor sobre a propriedade, apresenta algumas espécies de peixe presentes no local, e suas colônias de abelhas nativas.



Margens do Arroio Sesmária em 2005, antes da recuperação

CEAMA



Margens do Arroio Sesmária em 2017, depois da recuperação

CEAMA

Depois a trilha segue até a cabana, uma casa de madeira que abriga uma espécie de mini museu de história natural e onde é desenvolvida as atividades do centro.

Onde há floresta, há riqueza

A Mata Atlântica é uma das floresta mais ricas do mundo em termos de biodiversidade e corresponde a cerca de 13,04% do território nacional. Com início no Rio Grande do Norte, a Mata Atlântica se estende pelo litoral até o Sul do País. No interior do município de São Lourenço do Sul encontram-se importantes fragmentos deste bioma. E é para proteger estes fragmento, que fazem parte do 10% restante, que o projeto CEAMA utiliza metodologias práticas de educação ambiental.

Para dar espaço a pastagem para o gado e ao

plantio de monocultura como a soja e o fumo, principais atividade econômicas da cidade, estes fragmentos vem sendo há anos devastados sem nenhum pudor. Segundo Günter, ainda é prática comum o corte seletivo de árvores antigas para serem queimadas em fôrnelhas de secagem de fumo.

De 2007 a 2019 já foram plantadas cerca de 3 mil mudas de árvores nativas na propriedade e em propriedades vizinhas, e distribuídas 1.500 mudas para alunos das escolas locais.



Atividade de solturas de aves em parceria com o NURFS-UFPel

Débora Luz

É justamente com o intuito de educar as novas gerações para a importância da preservação e a possibilidade de novos meios para manter a economia local sem prejudicar o ambiente, que o CEAMA desenvolve suas atividades.

Além do plantio e da distribuição, o projeto faz a venda destas mudas produzidas no viveiro. O dinheiro arrecadado ajuda a custear o projeto que é desenvolvido de forma totalmente voluntária. Além do plantio, também são realizadas outras atividades, como a soltura

de aves em parceria com Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre da UFPel (NURFS). Visita à cabana, com exposição de sementes, materiais indígenas, exposição de vídeos e conversas educativas. Trilha ecológica pela propriedade, visita à cachoeira Passo do Salso e a Pedrona que ficam a poucos metros da sede do CEAMA. Trilha para coleta de lixo na estrada de acesso, entre outras. As atividade são desenvolvidas conforme a faixa etária dos visitantes e o tempo disponível para a visita.

Saiba mais:

Para saber um pouco mais sobre o projeto CEAMA visite a página no facebook <https://www.facebook.com/projetoceama/>. Lá você tem acesso a fotografias e vídeos e informações sobre o projeto e a biodiversidade nativa.

Fonte: Projeto CEAMA



Visita da APAE-SLS ao projeto CEAMA

Débora Luz

Comunidade em campo

Associação atlética e cultural Garotos da Lagoa: um projeto para a comunidade



Jogo de futebol no evento de dia das crianças

Isabelli Marques

Gabriela Pereira e Isabelli Marques

A falta de oportunidade para jovens em situação de vulnerabilidade social é uma realidade que acompanha a sociedade a muito tempo. Existem pessoas que se contrapõe a regra e lutam diariamente para criar oportunidades que os jovens e crianças da periferia. Sandro Ricardo de Souza Rosa é uma destas pessoas.

Ex-jogador de futebol, Sandro jogou no Brasil de Pelotas aos 16

anos de idade, aos 17 subiu para o profissional. Na época foi chamado para jogar em times como Vasco e Flamengo, mas ficou preso ao Brasil de Pelotas. Atualmente existe a lei Pelé ou lei do passe livre, que entre outras coisas, possibilita aos jogadores liberdade de não ficarem presos em um clube até os 21 anos, quando podem assinar contratos com maiores durações. Até os 21 jogou em campeona-

tos amadores e hoje, com 43 anos, está aposentado dos gramados.

Pensando em ajudar e mudar a situação de seu bairro, Sandro Ricardo decidiu criar um projeto social que contasse com aulas de futebol de forma gratuita e sem fins lucrativos, com objetivo de seguirem carreiras profissionais. Assim surgiu o "Garotos da Lagoa".

Em 2008, na Colônia Z3 que a ideia ganhou forma, o projeto se ini-

ciou com 20 meninos de 11 a 13 anos. No final de 2009, com quase 50 crianças, surgiu a categoria de 10 e 11 anos. Como morador do Barro Duro, bairro localizado no Laranjal, em 2010 Sandro Ricardo decidiu estender o projeto para seu bairro. A escolha de estender o projeto foi uma forma de retribuição para o local de onde começou e também porque a vulnerabilidade da região é maior.



Hora do almoço no dia das crianças, organizado pelo dono do projeto Garotos da Lagoa

Isabelli Marques

Conforme o projeto foi crescendo, para conseguir recursos e funcionários precisava oficializar de forma legal, então em 2011 foi legalizado. Hoje com quase 11 anos como uma associação, ainda existe a dificuldade em encontrar voluntários para ajudar. Atualmente o Garotos da Lagoa tem um professor que é pago pela prefeitura e um voluntário da área de Educação Física.

A associação contém um grupo de avaliação para separar os jovens que têm mais qualidade para disputar em campeonatos na faixa etária de 10 a 11 anos. Eles dis-

putam em lugares como Três coroas e Porto Alegre, o que despertou interesse de alguns clubes pelos garotos.

Como fruto dessa dedicação, hoje tem quatro meninos da associação no Internacional, um de 12 anos no Grêmio, um com 18 anos jogando no profissional do São José de Porto Alegre.

Para conseguir ajuda financeira de seus colaboradores, Sandro Ricardo divulgava cartazes no muro da quadra Z3 e cada empresa pagava 100 reais de 3 em 3 meses. Agora com 150 membros, a associação ganhou mais credibilidade,

contando tanto com ajudas de grandes empresas como Skin e Zezé, como também com microempresas da região, e vão começar uma parceria com a Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas.

A grande aposta é a construção da sede para a associação que conta com a ajuda da empresa Ecosul que contribuiu com uma verba para comprar novos materiais esportivos. Já a cozinha foi ganha pelo ministério do trabalho e com o registro da assistência social conseguiram fazer oficinas e montar a bi-

blioteca, além de outros ganhos que colaboraram para compra de eletrodomésticos e móveis novos.

Alguns dos planos para a sede é ter um espaço para dentista tanto para os atletas, pais e para os mais necessitados na comunidade. Além do acompanhamento psicológico dos atletas com a chegada de futuros estagiários com a ajuda da prefeitura.

“**Tem muita gente com sonhos para realizar, eles vêm e tentam realizar aqui dentro**”

“Tem muita gente com sonhos para realizar, eles vêm e tentam realizar aqui dentro”, disse Sandro durante a entrevista.

A associação é aberta para oficinas e trabalhos voluntários de todas as áreas que contribua para o conhecimento e lazer desses jovens e das crianças que frequentam o ambiente. As aulas acontecem às quartas feiras com turno inverso e aos sábados são os treinos.

A importância dos museus para a história e para a cultura pelotense

Servindo como fonte de cultura e vitrine da universidade, essas instituições representam a alma da sociedade

Ana Garrafiel

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra museu significa “instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico”, ou então “coleção, reunião de objetos raros; miscelânea, variedade”. Mais do que isso, os museus são o retrato da sociedade. É por meio deles que a população conhece sua história. Eles são o elo entre os povos atuais e seus ancestrais.

Surgido na Grécia, o termo era inicialmente escrito ‘Mousa’ e ‘Mouseion’, que eram templos de musas e serviam como local de estudo das artes e das ciências. O primeiro museu no estilo que conhecemos nasceu no Reino Unido, no século XVII, e se chamava Ashmolean Museum. Com o passar dos anos, esses estabelecimentos viraram uma fonte de cultura e foram criando um enorme acervo que detalha com objetos e fotografias a história de um determinado povo.

Apesar da grande carga de cultura e conhecimento que os museus carregam, muitas vezes os mesmos não são valorizados como merecem. A falta de interesse por parte da população e o descaso dos órgãos responsáveis pela manutenção dos museus geram um quadro que muitas vezes pode ser fatal e destrutivo, como aconteceu com o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, ambos vítimas de incêndio que destruiu parte de seus acervos em razão da falta de manutenção dos locais.

Em Pelotas, esses locais são uma importante parte histórica e cultural da cidade. Os diversos casarões históricos, localizados principalmente na parte central do município, contam muito sobre o legado que os antigos povos que aqui viveram deixaram. O Museu do Doce, Museu da Baronesa, Museus de Ciências Naturais Carlos Ritter e o Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo são alguns dos lugares que guardam parte da história da cidade de Pelotas. A falta de recursos, a infraestrutura precária e a escassez de interesse também

afetam esses locais.

O estudante de Museologia, Leandro Pereira, é o primeiro aluno cego do curso e também o primeiro deficiente visual a receber atendimento pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da universidade. Ele é o idealizador de um evento chamado Olho de Sogra, que promove visitas a espaços culturais da cidade para apresentar o patrimônio às pessoas cegas. “O evento acontece anualmente e tem uma programação que apresenta os patrimônios de Pelotas para os visitantes com deficiência visual. Meu objetivo com essa ação é mostrar a necessidade das pessoas com deficiência visual estarem em contato com esses espaços, a importância disso para elas”.

Desde adolescente, o estudante gosta de visitar museus. Morador de Pelotas, ele frequenta periodicamente esses locais e sempre que viaja, procura conhecer algum museu. “Eles contam muito sobre a história dos lugares, hábitos e costumes da comunidade local”, diz ele. Porém, nessas visitas, o jovem também encontra algumas dificuldades em suas visitas: “os principais problemas que eu percebo são relacionados a infraestrutura. Essas instituições públicas são precárias e, na maioria delas, os espaços tem adaptações por não dispor de condições ideais, que acaba comprometendo a experiência do visitante, por não encontrar um local acolhedor, seguro, com número de funcionários ideal, limpo e organizado”. Segundo ele, outro problema é a utilização de prédios tombados, que, para não ficarem abandonados, acabam sendo transformados em museus. “São lugares impróprios, que causam impedimentos estruturais por conta das leis de preservação de patrimônio”, completa. Em questão de acessibilidade, para Leandro, os museus deixam muito a desejar. “É quase inexistente. Mas é importante que os funcionários saibam como agir diante de uma pessoa com deficiência visual, buscando oferecer bem-estar e possibilidades de aproveitar a exposição, a visita, tanto quanto uma pessoa sem deficiência”.

Além dos cegos, os surdos e as pessoas que possuem mobilidade reduzida também encontram problemas na hora de acessar os museus: “os museus estão instalados em prédios históricos, sem rampas de acesso e elevadores, um empecilho para cadeirantes e pessoas que possuem dificuldades para caminhar; para os surdos, não há intérprete, e os funcionários não recebem nenhum tipo de treinamento ou capacitação para qualificar o atendimento aos visitantes

que não ouvem; os cegos, como eu, ainda existe aquela cultura de não poder tocar em nada nessas instituições. Um total despreparo, em vista que o deficiente visual precisa muito utilizar o tato para materializar o que não vê”, comenta. Ele acha que os museus acabam se tornando desinteressantes para essas pessoas, por não oferecerem condições ideais para recebê-las.

Para a melhoria desses espaços, Leandro diz que os repasses de verba teriam que ser maiores, para terem condições de fazer manutenção. “Os museus geralmente são comprometidos pela falta de mediadores, monitores, funcionários suficientes para atender às demandas de visita. Os acervos são comprometidos, em alguns casos, pela falta de manutenção, consequência da falta de dinheiro que essas instituições passam”, finaliza.

Do outro lado da história, os problemas citados aparecem, e outros surgem. Quem vê a realidade dentro dos museus consegue enxergar mais dificuldades ainda – mas também sabe das grandes qualidades desses órgãos. Roberto Heiden, atual diretor do Museu do Doce, um dos principais de Pelotas, confirma a baixa renda e as restrições de uso do Casarão 8 como as principais dificuldades da instituição. “Nós temos pouquíssimos, quase nenhum recurso financeiro pra usar livremente pra montagem de exposições.



Leandro em frente ao Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, o mais recente museu ligado à UFPel.

Ana Garrafiel

Precisamos fazer as coisas de forma muito criativa, reaproveitando materiais, fazendo manualmente as coisas”, conta. Segundo ele, o local que abriga o museu, por ser um patrimônio arquitetônico tombado, deve, antes de tudo, obedecer a critérios de conservação. “São questões administrativas que é preciso levar em conta na hora de se pensar o que vai se propor e apresentar pro museu”.

Já para Matheus Cruz, o museólogo, há ainda outro problema: a falta de representatividade dos museus. “A UFPel é distribuída dentro daquela lógica que a gente conhece, de reitoria, pró-reitorias, colegiados, departamentos, enfim, as estruturas administrativas normais. Os museus não tem essa figura jurídica dentro da universidade. Então, pelo menos dentro da UFPel, por não ter isso, acaba sendo colocado de uma forma meio ‘gambiarra’, como alguma outra coisa. Aí os museus acabam sendo um órgão suplementar, que é um termo muito genérico; o museu acaba virando um colegiado, um departamento”.

O principal problema nessa colocação, segundo ele, é as consequências que isso gera: “os colegiados precisam adquirir papel, caneta e material para o funcionamento de uma escola. Os museus não são dessa forma. A gente sempre esbarra nesse problema, que é burocrático”, diz o profissional.

Para Matheus, os museus são a vitrine da universi-

“ Eu vejo os museus como uma vitrine pra o que fazemos dentro de uma universidade, acho que é uma forma institucional, inclusive, de a universidade mostrar a importância do nosso trabalho ”

dade. “Há 12 anos atuando com Museologia, entre graduação e mestrado e desde 2011 no Museu do Doce, ele reconhece o poder que instituições culturais exercem sobre as pessoas: a cultura é elemento transformador, o acesso à cultura é elemento transformador social. A partir do momento que se tem acesso a certas experiências, inclusive que os museus propõem, as visões de mundo acabam saindo daqui impactadas”. Ele ainda cita uma situação que exemplifica muito bem todo esse contexto: “uma parte da nossa exposição é sobre um ciclo de industrialização de pêssego que houve em Pelotas. Esses ciclos, a forma como desenvolveram no século XX, foi basicamente o motor da economia no século inteiro. Quando aos adolescentes vem aqui, eu sempre pergunto se eles estão por dentro dessa discussão da Havan vir pra Pelotas ou não, e ela gerando 400 empregos. E aí a maioria está atenta a isso. Se são alunos prestes a terminar o ensino médio, estão de olho no mercado de trabalho, dependendo de onde estão vindo. E aí eu mostro que uma dessas empresas que houve em Pelotas chegou a ter 3000 empregados ao mesmo tempo, e ela fechou. E era um cenário completamente diferente do que vivemos hoje: a população era menor, a cidade era menor, o nível de consumo era menor e esse lugar empregava 3000 pessoas para empreendimento local, que investia localmente. Aí a Havan gera todo esse “burburinho” por 400 empregos. É uma boa perspectiva pra analisarmos o que é o passado e as relações dele com o presente. Então, esse exemplo pra mim é um exemplo claro de que forma tu pode impactar alguém com informação, com pesquisa, com dados relevantes, e gerar impacto, na consciência, gerar pensamento crítico. Temos um presidente que diz que pensamento crítico não é necessário, e aí quando temos um elemento institucional que serve pra isso eu imagino que ele seja de um poder infinito; dessa forma que vejo os museus”.

Na questão da valorização, Matheus acredita que o Museu do Doce, mesmo com pouco tempo de funcionamento, atingiu um grande nível de reconhecimento pela população. “Eu estou aqui a muito tempo, ajudei a planejar e tudo mais. Eu vi todas as fases que o museu passou, e eu posso dizer até com certa folga que essa valorização chegou”. Ele conta que os visitantes vão ao local, fruem e voltam. “Isso de certa forma é a coisa mais gratificante do trabalho que a gente desenvolve aqui, porque as pessoas voltam”. O museu, apesar de trabalhar pra atender o turismo, possui foco na população local: “nosso foco é a comunidade, porque estamos falando de um elemento identitário, que é essa coisa do doce de Pelotas e tudo mais. Isso gera as revisitas e acaba tornando os museus parte da vida das pessoas mesmo. É muito claro de gente, no final do dia das uma passadinha pra ver o que tá acontecendo agora. Vejo isso com muita frequência e isso me inspira pra trabalhar, de verdade”.

Roberto, que além de diretor do Museu do Doce ainda é professor do departamento de Museologia – Restauração e Conservação da UFPel, também reconhece a valorização que a instituição adquiriu ao longo de seus anos de existência: “não podemos dizer que o museu é desconhecido ou não é valorizado. Pra ter uma ideia, nos três dias do Dia do Patrimônio, passaram pelo museu mais de 2.400 pessoas; só no sábado tivemos 1043 visitantes. Isso é um número muito expressivo. Dessas visitantes, a maioria era de Pelotas. Não dá pra dizer que a população não valoriza. Eu considero isso como a população valorizando, visitando e tirando proveito das coisas que os museus tem pra oferecer”.

No quesito de melhorias das condições do patrimônio cultural, ambos concordam que maiores investimentos e um olhar verdadeiramente institucional no museu ajudaria muito a sobrevivência do local. “Eu imagino que pra que nós pudéssemos ser mais efetivos, a gente precisava mesmo desse investimento, que não necessariamente é econômico, mas a compreensão de que somos vitrines do que a universidade faz, do efeito que causamos na cidade, a compreensão de que o museu aberto, funcionando de forma efetiva, a plenos vapores, cobrindo todas as potencialidades, ele seria um elemento de lazer pro trabalhador, um elemento pra reflexão de quem vive perto, da cidade de uma forma geral. Acho que esse investimento de energia, de boa vontade, de gestão, de iniciativa privada, enfim, tornaria muito mais eficiente o trabalho que nós conseguimos fazer”, finaliza Matheus.

Memória vira símbolo de identidade

Museu Histórico de Morro Redondo abriga objetos e histórias da cidade

Luana Martini

A “vontade de memória” levou três idosos a fundarem o Museu Histórico de Morro Redondo, em 2006. Diferente dos grandes museus, que surgem a partir de uma demanda estatal ou de um grupo bem estabelecido socialmente, esse nasce a partir de um desejo de pessoas comuns de colecionar memórias de vida.

Depois de uma viagem a Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, onde visitou alguns museus que conservam memórias da cultura pomerana, o idealizador dessa iniciativa, Osmar Franchini, se sentiu motivado a criar um lugar que preservasse toda história de vida dos moradores de Morro Redondo. Para isso se uniu a dois amigos, Ervino Büttow e Antônio Renardt.

Não visto simplesmente como um recinto que agrega objetos, mas sim como um armazenador de memórias, contador de histórias e instrumento de apropriação, o Museu Histórico de Morro Redondo incorpora vestígios da vida cotidiana. Conforme o museólogo e arqueólogo Diego Lemos Ribeiro, os objetos presentes no museu têm, tecnicamente, uma função de acervo. “Mas, filosoficamente, têm uma função narrativa muito grande. Aquele conjunto de objetos funciona como se fosse uma extensão deles, uma extensão da vida deles. Não são meros objetos, são ‘pessoas’”, diz.

Uma característica significativa do espaço é que ele vai além de suas quatro paredes. Ele abrange toda a cidade, incorporando tudo que há de humano. Isso inclui tradições doceliras, a multiculturalidade e a música. “O museu não se limita ao seu espaço físico”, enfatiza Diego. Embora não haja nenhum patrimônio material oficialmente reconhecido na cidade, existiam patrimônios afetivos, lugares e referências que são cheias de afeto, lembranças e vivências. Em maio de 2018, o doce colonial foi reconhecido como patrimônio no Livro de Registro dos Saberes. Isso não envolve o doce em si, palpável, material. Mas sim as recordações de como fazer, o que inclui as técnicas usadas antigamente, os gestos, a forma de mexer o tacho. O doce se tornou um bem cultural imaterial.

O museu incentiva o interesse às origens por meio de ações educativas. Ações essas que unem idosos e crianças



Foto exposta no Museu Histórico retratando uma das famílias mais antigas de Morro Redondo - Família Fiss.

Luana Martini

na busca pela valorização cultural. De acordo com a museóloga Andréa Cunha Messias, voluntária no lugar desde 2014, os jovens acabam migrando para outras cidades. O intuito é reverter essa situação. “Por isso há um investimento na criança, para que ela tenha consciência e já cresça percebendo que isso aqui tem muito valor cultural agregado. E que ele não precisa sair daqui para ir buscar uma coisa lá fora”, salienta Andréa. As memórias presentes em cada local da cidade ajudam as crianças a conhecerem aquele patrimônio e a entenderem a importância dele, o que as motiva a cuidar. Uma casa de baile, um local no qual se realizou um casamento, uma antiga escola, um ponto onde os tropeiros paravam com seus cavalos para descansar se tornam reais, vívidos. Deixam de ser apenas prédios, passam a ser resquícios de vida.

O querer preservar o passado tem um efeito admirável no presente e, conseqüentemente, no futuro. A identidade dos cidadãos de Morro Redondo é preservada por meio de suas memórias. Quem são e o que querem repassar para as gerações seguintes se faz presente em cada gesto, lugar e lembrança. Como bem frisado por Osmar, “as peças são mortas vivas. Estão mortas, mas estão vivas na memória”. Isso é evidência de que o museu invade a vida.

“O museu não se limita ao seu espaço físico”

A competição da indústria musical

Mais do que apenas escutar música, hoje cada vez mais importa decidir quem são os melhores (e os piores) do momento

Helena Isquierdo

Não à toa intitulada como primeira arte, a música faz parte das nossas vidas das mais diversas formas e nos mais variados momentos. E junto disso, temos hoje uma febre causada por esse universo: as premiações. Durante o ano, ocorrem dezenas delas, sobre diferentes universos e ritmos, com inúmeras categorias e ganhadores. A intenção é homenagear e premiar os artistas que alcançaram o maior desempenho durante o ano, seja em produção, clipes ou álbuns. Vendas os charts não são importantes nessas decisões.

A principal entre todas elas é o Grammy, conhecido como a maior premiação do meio da música e também a mais esperada por todos. A premiação, que ocorre desde 1959, tem um diferencial na hora de escolher os

seus vencedores: há uma academia de membros votantes (National Academy of Recording Arts and Sciences), semelhante a do Oscar, onde é decidido, por um pequeno número de pessoas, quem levará o prêmio para casa. O famoso troféu no formato de gramofone é o mais cobiçado pelos artistas da indústria musical.

Não ficando atrás, temos uma das maiores premiações decididas pelo voto popular: Video Music Awards (VMA). A festa entrega prêmios da cultura pop, rock e hip hop. O VMA existe desde 1984 e é uma criação da MTV. Atualmente está entre as premiações com as maiores revelações e melhores performances, atraindo majoritariamente o público jovem.

Grammy 2019

Justamente por seu diferencial na hora de eleger os vencedores entre as 80 categorias da noite, algumas vezes as decisões acabam surpreendendo o público. Como foi o caso da categoria “Álbum do ano” vencida por Kacey Musgraves, que concorria com Cardi B e Drake. Além da categoria “AOTY”, Kacey também levou pra casa o prêmio de melhor álbum country. Já Childish Gambino venceu quatro categorias: “Gravação do ano”, “Canção do ano”, “Melhor clipe” e “Melhor performance de rap cantado” com This Is America, música que viralizou em 2018, principalmente pelas críticas feitas ao país americano. Não surpreendendo, tivemos Dua Lipa vencendo a categoria de “Revelação do ano” e Cardi B adicionando mais um prêmio a sua enorme coleção, dessa vez sendo a primeira mulher a vencer na categoria de “Melhor Álbum de Rap” com o aclamado Invasion of Privacy. O destaque vai para Lady Gaga, que levou três troféus para casa: “melhor performance duo/grupo” e “melhor música escrita para a mídia visual” com o smash hit “Shallow” e também melhor performance pop solo, com “Joanne (Where Do You Think You’re Goin?)”.

As apresentações:

Além de apresentar com maestria a cerimônia, Alicia Keys fez uma das melhores performances dos últimos



Lady Gaga recebeu três importantes prêmios da noite

Getty Images

anos. Alicia tocou em dois pianos, ao mesmo tempo, as músicas “Killing Me Softly” (Roberta Flack), “Use Somebody” (Kings Of Leon), “In My Feelings” (Drake) e “Empire State of Mind”, parceria da cantora com o Jay-Z. Lady Gaga apresentou uma versão diferente da conhecida “Shallow” e agradou o público, que já estava sentindo falta de maior presença da Gaga nos palcos. Cardi B dominou a noite performando “Money”. Além disso tivemos no palco Miley Cyrus, Katy Perry, Camila Cabello, Diana Ross, H.E.R, Jennifer Lopez e Red Hot Chili Peppers.

Run the World (Girls)

A apresentadora da noite, Alicia Keys, recebeu no palco Michele Obama, Lady Gaga, Jennifer Lopez e Jada Pinkett Smith para falarem sobre a força e o poder das mulheres no universo da música. Ambas falaram sobre suas experiências, dos preconceitos sofridos e de como atingiram o sucesso. Alicia finalizou o discurso com “quem comanda o mundo”, enquanto a plateia deu sua resposta: as mulheres, referência a canção de Beyoncé Run the World (Girls).



Lady Gaga, Jada Pinkett Smith, Alicia Keys, Michelle Obama e Jennifer Lopez durante cerimônia de premiação

Getty Images

Video Music Awards

Nesse ano, a premiação já começou desagradando o público quando divulgou o nome dos nominados as categorias. Nomes fracos ou repetitivos foram criticados, e a falta de alguns artistas foi considerada injusta, como o exemplo da cantora Miley Cyrus, que só dias antes da premiação acontecer foi adicionada a uma categoria. Entre os vencedores temos Ariana Grande como artista do ano, Jonas Brothers levando melhor pop com “Sucker”, Panic! At The Disco venceu melhor rock com “High Hopes” e melhor colaboração foi pra Shawn Mendes e Camila Cabello. Taylor Swift recebeu dois troféus: “Vídeo do ano” e “Melhor vídeo com mensagem”, ambas com a música “You need to calm down”.

O novo nome no mundo da música Lil Nas X também merece destaque com “Old Town Road” que venceu duas categorias, e Cardi B levou “Melhor Hip Hop” com “Money”. A artista revelação do ano foi Billie Eilish, dividindo as opiniões entre os que não acharam justa a escolha do público. E ainda temos Rosalía, que além de ter entregue uma performance excelente, foi vencedora de duas categorias.

As apresentações:

Taylor Swift abriu a noite com dois dos seus novos singles. Jonas Brothers fazem a sua volta valer cada vez mais a pena, e entregaram um show externo que foi considerado um dos melhores da noite. A revelação Lizzo não levou o prêmio pra casa, mas agradou a todos com toda a energia e talento cantando seus dois maiores sucessos “Truth Hurts” e “Good as Hell”. Após dizer que não cantaria no VMA, e voltar atrás logo depois, Miley Cyrus apresentou seu novo single “Slide Away”, em um show todo em preto e branco, que emocionou a plateia e os fãs. Uma das apresentações mais esperadas era a de Camila Cabello e Shawn Mendes que acabaram deixando muito a desejar. O destaque aqui vai todo para Normani,



Taylor Swift abriu a noite de shows do Video Music Awards

Getty Images

que performou seu single “Motivation” e deixou o público perplexo com as coreografias, além da música ser um sucesso, que atingiu o topo da Billboard rapidamente.

Prêmio Vanguard

O troféu é entregue aos artistas que causaram grande impacto e tiveram enorme relevância na indústria da música, e diferente dos outros prêmios entregues, o Vanguard não passa pelo voto popular. Grandes nomes já o receberam, e em 2019 a escolhida foi Missy Elliot. Após 16 anos, a rapper voltou aos palcos da premiação e além de receber o prêmio mais especial e importante da noite, ainda entregou um show de 8 minutos cantando seus maiores sucessos. Ao fim Missy recebeu o prêmio das mãos de Cardi B, que emocionou a plateia com seu discurso para a rapper.



A rapper Missy Elliot com o “Michael Jackson Video Vanguard”, prêmio mais importante da cerimônia

Getty Images

O balanço do ano de 2019

Para o estudante Lucas Fagundes, de 21 anos, 2019 retirou a “maldição” que assolava as premiações dos anos anteriores. Nos últimos dois anos, por exemplo, a audiência das famosas Video Music Awards, Billboard Music Awards, American Music Awards, e até mesmo do Grammy caíram significativamente. Com shows ruins, e principalmente com vencedores óbvios, o público desse tipo de atração estava precisando de um ano como foi 2019. As revelações trouxeram uma qualidade que procurava-se a muito tempo, e foi uma ótima oportunidade de juntar os grandes nomes da música em uma mesma festa. A presença de Lady Gaga era esperada



A revelação Lizzo em sua performance de “Truth Hurts” e “Good As Hell”

Getty Images

há muito tempo, os show de Taylor Swift e Cardi B cada vez mais impecáveis, os novos nomes como Lizzo e Rosalía aumentando ainda mais o nível desse universo foram essenciais para a construção da indústria musical do último ano. “Lógico que, principalmente nas premiações de voto popular, sempre há quem discorde de algum resultado. Mas as premiações deste ano trouxeram aquilo que o público realmente espera para assistir: as performances. Na minha opinião, Nor-

mani no VMA ficará marcado em toda a história da atração, assim como a Alicia Keys tocando dois pianos ao mesmo tempo, aquilo foi impressionante e impecável.” Lucas também admite que faltou a presença de alguns artistas de renome, como Beyoncé, Rihanna, Demi Lovato e Kanye West, mas os novos artistas estão dando conta do recado. Os nominados para o Grammy 2020 já foram divulgados, e a expectativa agora é para os próximos shows e vencedores que virão por aí!

A resistência cultural nativa brasileira na expressão artística dos jovens

Grupo musical de estudantes da UFPEL tem grupo indígena como referência artística, filosófica e espiritual

Vinícius Santos

O projeto Boca de Côve, idealizado na cidade de Pelotas, mais precisamente na Praia do Barro Duro, surgiu à beira do fogo, “assando a meia”, que é a expressão usada pelos integrantes para definir a ocasião de estar ao redor da fogueira, no chão. O projeto é inicialmente composto pelos músicos Paulo Bernardes, Érico Machado, Kewin Yamani, Ricardo Avila e, como eles mesmos afirmam por quem mais estiver a fim de tocar com o coletivo. A essência das apresentações e do processo criativo permeiam a espiritualidade e a ancestralidade brasileira, sobretudo a etnia Guarani.

O grupo diz que o nome “Boca de Côve” emergiu através do interesse compartilhado pela alimentação saudável, de comer aquilo que é plantado no quintal de casa. E, em um contexto espiritual e filosófico, explica que a boca representa, metaforicamente, o instrumento que propaga a voz e que expressa o conteúdo interno (a alma). Já a couve representa o aspecto material, o alimento e a terra.

Sob os referenciais do projeto, os músicos reverenciam a ancestralidade representada por meio da própria terra e sublinham a dualidade do indivíduo contemporâneo, que carrega consigo não só os próprios conhecimentos, mas todas as coisas que foram deixadas pelos povos que anteriormente habitaram essa região. “As nossas palavras não são apenas as nossas palavras. São as palavras de quem veio antes da gente”, pontua o artista.

Dois dos integrantes, Paulo e Ricardo, moram na mesma casa, situada às margens da Lagoa dos Patos. No começo, quando foram residir no local, revelam que o terreno era abandonado e infértil, mas, devido ao cuidado, ao vínculo com a natureza e a vontade de plantar, revitalizaram o lugar e, hoje, está consolidado o que denominam como uma “agrofloresta”. Levaram para esse ambiente a tradição de acender uma fogueira e se reunir no entorno dela. “Temos o hábito de ficarmos juntos ao fogo, botando a meia para assar. Lá nós cantamos, rezamos e inspiramos nossas ideias”, contam.

Na música, são enfáticos ao expor que não definem



Kewin Yamani, Ricardo Avila e o baterista convidado, Fabiano Hendges, na I Feira Gráfica Engasga-Gato

Vinícius Santos

gênero para os sons que produzem. Transitam entre os diversos estilos musicais e abrem espaço para quem quiser interagir de forma harmônica e criativa. Lembram que tratam as apresentações como uma terapia, acessando as ideias e refletindo sobre elas. Fazem dos shows um momento de cura, e levam isso às pessoas através da cultura e educação.

Assim como os outros idealizadores, Paulo Bernardes, o Sabiá, estuda Licenciatura em Música pela UFPEL. Natural do interior de São Paulo está em Pelotas desde 2017. Ele conta que na adolescência, por volta dos 15 anos, decidiu saber mais sobre os seus antepassados. Ascendente de avós maternos guaraini-kawioá e avós paternos negros, Sabiá se encontrou como mestiço. Nesse mesmo momento da vida, o integrante comenta que foi,



Kewin Yamani, Ricardo Avila e o baterista convidado, Fabiano Hendges, na I Feira Gráfica Engasga-Gato

Vinícius Santos

também, quando começou a ter um contato maior com a música. “Foi aí que comecei a conhecer os instrumentos eletrônicos, porque até essa idade eu fui criado dentro da capoeira. Conhecia o berimbau e o atabaque. Estava na roda todos os dias”, lembra.

Sabiá diz ter sido muito influenciado pelo viés místico, no início, apoiado na banda The Doors, na qual trazia diversas referências sobre o xamanismo. E, a partir disso, começou a escrever e a compor suas próprias letras. “Fazer música, para mim, é colocar uma letra, um sentimento e uma junção de elementos espirituais”, relata. E sobre a questão “o que é música?”, ele reitera que são as misturas de coisas feitas para aprender, ensinar, ter percepção e sensibilidade para materializa-las.

O cantor e compositor reafirma suas origens ao lembrar-se de sua avó materna, Guarani Kaiowa, nascida em Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. A etnia na qual ela pertence, na chegada dos europeus no Brasil, ocupava a extensa região litorânea que ia de São Paulo ao Rio Grande do Sul. O sudoeste do sul mato-grossense esteve isento dos processos

colonizadores intensos até o século XX e teria servido de refúgio para as populações Guarani. Hoje, grande parte de sua população que resistiu se encontra nesse local.

Os povos Guarani e Kaiowá ainda precisam lutar pelo direito a terra no Mato Grosso do Sul. A região é historicamente palco de conflitos, com fazendeiros e homens armados de um lado, e indígenas de outro. Segundo a Anistia Nacional, na última década, foram registrados diversos assassinatos e ameaças de morte a líderes indígenas. Além disso, muitos foram mortos em acidentes de trânsito, a beira da rodovia.

A música e a arte em geral vêm complementando a mobilização social no país, conscientizando e ensinando passos importantes para a evolução das políticas públicas. Kewin, um dos que compõe o Boca de Côve revela que leva a política ao público nas entrelinhas de sua arte, não falando de determinado partido ou representante político, mas educando por via da música. “Se nós, artistas, não falarmos sobre o que está acontecendo, falaremos sobre o quê?”, completa.

Artistas independentes no cenário musical de Pelotas

Mulheres que começaram sozinhas suas carreiras no mundo da música e os desafios que enfrentam para fazer sucesso em uma cidade do interior

Ana Júlia Ferreira

Eventos, shows e festas. Pelotas, além de ser polo universitário com mais jovens chegando todo ano, também é palco para inúmeros artistas que buscam fazer dos seus talentos, fontes de renda e de sucesso. Além dos eventos promovidos pela Prefeitura Municipal como o Festival Musical SESC, que recebe todos os tipos de talentos, a cidade também conta com iniciativas independentes que apoiam e dão espaço para cantoras, dançarinas, DJ's e todo tipo de artistas do meio musical.

Entre tantos desses, está Julie Schiavon, que desde 2017, quando lançou sua carreira profissional, tem criado suas próprias canções e se apresentado pela cidade. Cantora, compositora e dançarina, Julie já tem no currículo dois singles com clipes lançados no YouTube ("Only You" e "Fear") e 3 músicas em parceria com artistas internacionais da África do Sul. Por mais que tenha tido boas oportunidades, Julie confessa que se preocupa com a cena musical de Pelotas. "A parte mais difícil é conseguir alcance, conquistar espaço e público. A cidade não tem muitas oportunidades para uma ascensão como artista" conta em entrevista. Segundo ela, é admirável a existência de eventos públicos para promover visibilidade dos artistas, mas estes não tem uma divulgação significativa. Assim como Julie, a DJ Dola



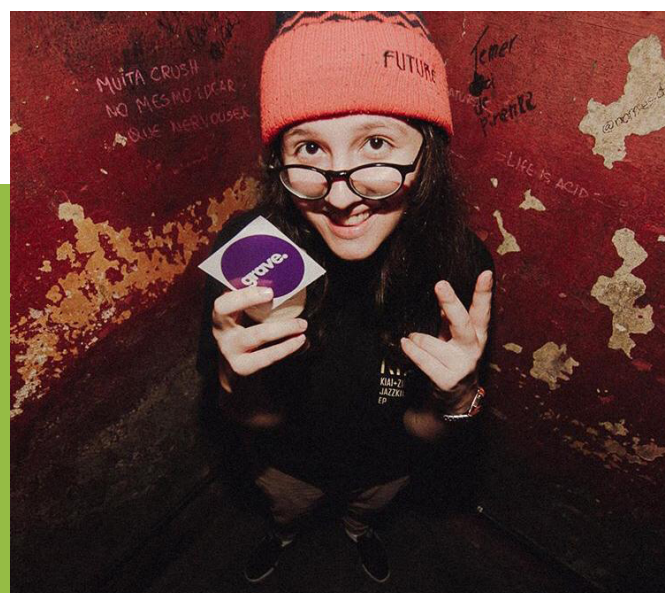
Julie Schiavon, em foto promocional para o clipe de Only You

Ana Nachtigal

também luta por espaço na cena musical de Pelotas. Tocando e praticando a arte da discotecagem desde 2013, Dola tem uma visão um pouco mais otimista sobre o espaço para os artistas na cidade, mas sem ignorar a existência das dificuldades "tem muitos artistas talentosos aqui, e Pelotas é uma cidade culturalmente ativa e forte em diversos segmentos, mas por ser relativamente pequena, os espaços e oportunidades também tendem a ser mais escassos".

Para fazer sua parte em resolver esse problema e acrescentar ainda mais na cena artística da cidade, em 2014 Dola idealizou a Grave, um evento em parceria com o Galpão Satolep que busca trazer sonoridades e atrações diferentes para o público, tentando fugir do óbvio e usual. "Comecei a Grave pois estava cansada de tocar em festas e ver sempre as mesmas atrações. Em todas as edições contamos com shows de algum artista local, para promover e dar espaço, pois sei como é difícil para um artista independente ter oportunidades".

Julie e Dola são apenas duas das várias artistas locais que acrescentam na cena musical e investem em suas carreiras artísticas. A próxima edição da Grave será em novembro, e podemos ficar por dentro das discotecagens da Dola pelo seu instagram, @dolarecords; e o último clipe da Julie, "Only You", está disponível em seu canal no youtube, Julie Schiavon.

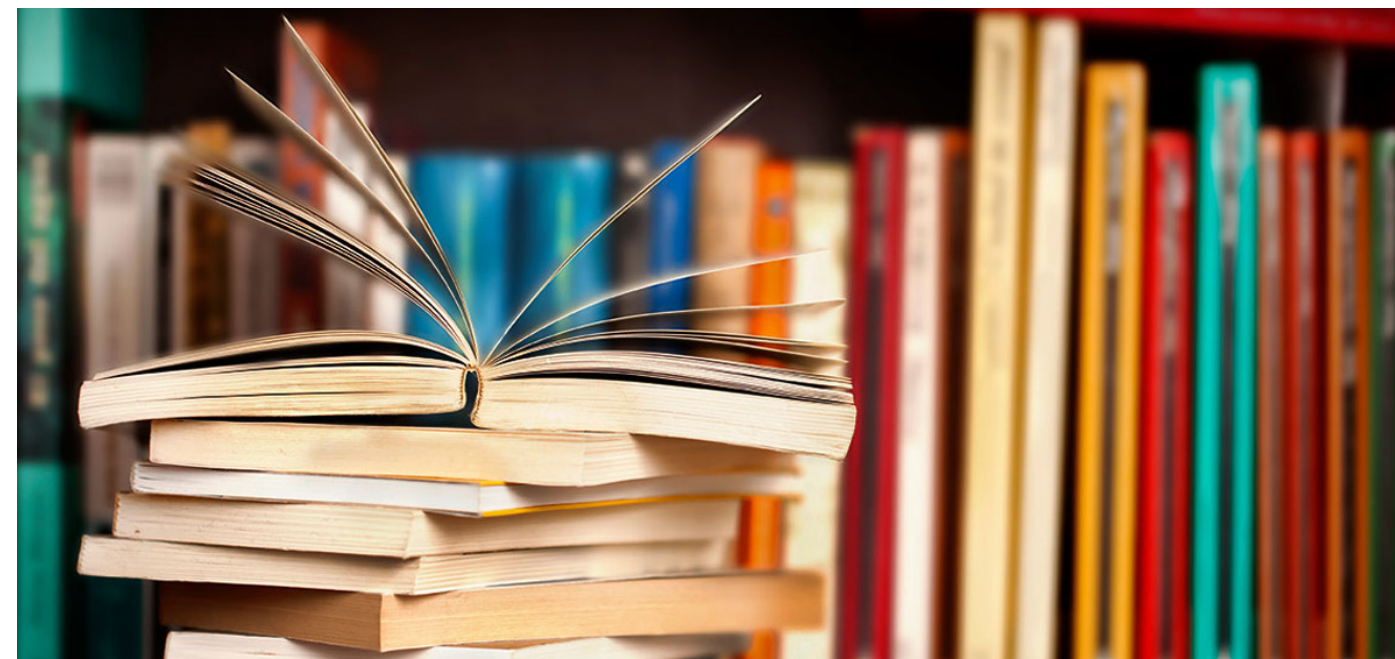


DJ Dola na última edição da Grave

Kevin Juarez

Livros que mudaram vidas

O impacto das obras na personalidade das pessoas



Os livros acompanham a evolução da sociedade e também a vida dos indivíduos, seja na leitura escolar ou em leituras livres

Livraria Saraiva

Joanna Manhago e Helena Schuster

Os livros estão presentes na sociedade desde a antiguidade, antes em papiros, depois em pergaminhos até chegar ao papel que conhecemos hoje. Mas as coisas do passado, ou evoluíram, ou foram perdendo a sua importância. No caso dos livros, eles evoluíram - e muito. Os livros foram os primeiros meios de comunicação em massa, era através deles que as pessoas obtinham informações. Todavia, era um instrumento extremamente elitizado, uma vez que a sua fabricação era difícil e a leitura era um privilégio das classes mais altas.

Já hoje, os livros podem ser encontrados não só em livrarias, mas em sebos, lojas online e até mesmo PDFs na internet, o que facilita o acesso da população com esse material.

É possível notar que o impacto dos livros em uma sociedade é imenso, por exemplo, na Idade Média, o livro que causou uma "revolução ideológica" foi a Bíblia. Os textos que ali continham, mudaram ideias, atitudes e leis de nações do mundo inteiro. Já hoje, o impacto, ainda que aconteça de forma massiva, tem um resultado individual, pois existem muitas informações além daquelas

Os livros são capazes de persuadir, influenciar e informar.

encontradas nos livros.

Os livros são um meio de comunicação, e por isso são capazes de persuadir, influenciar e informar o leitor. Nesse sentido, a psicóloga Vanisie Ferreira, conta que "tanto os livros teóricos, mas principalmente os literários podem auxiliar, ajudar e interferir na vida de qualquer pessoa. Os literários por permitirem uma identificação genuína com o leitor, e os teóricos por trazerem um embasamento científico para as ideias abordadas".

Os livros podem trazer percepções que na maioria das vezes não conhecemos. O estudante, Lucca Fanti, de 18 anos, em entrevista, contou a experiência com o livro "O Mundo Assombrado Pelos Demônios - de Carl Sagan", que mudou a vida do leitor, que inicialmente era católico, e após a leitura do livro entrou num processo de transição para o ateísmo:

Qual foi o impacto que esse livro te proporcionou?

Fiz a leitura deste livro em um momento de transição em minha vida, estava passando do ensino fundamental para o médio e muitas coisas estavam mudando, inclusive pontos de vista. O livro veio como uma grande experiência de desconstrução, desmontando alguns conceitos que carregava e fazendo com que questionasse a mim mesmo sobre diversas coisas nas quais acreditava; ao final da leitura iniciei um longo processo de reconstrução, aprendendo a questionar-me sempre. O Mundo Assombrado Pelos Demônios foi o responsável por fazer florescer o amor pela ciência em minha vida, o fascínio pela ciência me move e é a ela que pretendo dedicar minha humilde existência frente a "vastidão do tempo e a imensidão do universo" (parafraseando Carl Sagan).

Como foi essa experiência como um todo?

Recebi o livro como um presente de aniversário, em janeiro, foi dado por meu primo, que na época cursava física; quando me deu o presente me avisou que seria um livro que mudaria minha vida. Mesmo gostando bastante de ler acabei por dedicar-me a outras leituras e o livro

ficou guardado, sem ser lido. Foi só um dia, próximo das férias de fim de ano, que durante uma aula de ciências no nono ano que acabei por encontrar algumas fotos interessantes no livro didático: uma delas era de uma sonda lançada pela NASA que contava com um disco carregado de informações a respeito da Terra, a outra era de um dos cientistas responsáveis pelo projeto, era Carl Sagan, lembrei-me do nome e logo me recordei do livro que havia sido escrito por ele. Fiquei curioso, em seguida resolvi começar a leitura, que, por motivos diversos, se estendeu durante praticamente todas as férias. Como mencionei, essa leitura foi a responsável por desconstruir diversos conceitos e modificar completamente minha vida, sou uma pessoa completamente diferente desde então. Devo a esta leitura o fato de ter encontrado sentido em minha vida, esta leitura é a responsável por me transformar em um admirador da infinita beleza da natureza e da ciência. Hoje sonho em ser Paleoantropólogo, dedicando assim minha vida aos estudos da evolução humana, o principal é que tenho certeza que as coisas seriam muito diferentes caso não tivesse sido instigado, por um evento do acaso, a um dia começar aquela leitura.

Dicas de estudantes

A casa dos espíritos de Isabel Allende

“ É um livro que se passa no Chile e conta a história de uma família ao longo do tempo e também um pouco da história do país. Considerando o momento político vivido pelo Chile atualmente, acho interessante saber um pouquinho do passado. Apesar de ser um livro de ficção, ele tem uma grande carga emocional, já que o pai da autora era primo do presidente Salvador Allende, deposto pelo golpe de Pinochet. Além disso tudo, a história do livro é muito boa! ”

Helena Xavier, estudante de Direito na UFPel

O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry

“ O Pequeno Príncipe, é, sem dúvida, um dos meus livros favoritos, e talvez o que mais me marcou. Ganhei ele de presente quando tinha uns 15 anos, e, já na primeira página, é possível quebrar a ideia que eu tinha inicialmente de que se tratava de um simples livro infantil. Gosto muito da forma como o pequeno príncipe vai definindo os adultos e sua relação com eles, e acredito que por conta da fase de transição pela qual eu passava na época, tive uma identificação enorme com o que ele "dizia" página após página. É um livro fácil e ao mesmo tempo mágico, talvez por isso seja um dos mais traduzidos no mundo. ”

Amanda Dettmann, estudante de Psicologia na UFPel

Cândido, de Voltaire

“ É um retrato bem humorado das mazelas da humanidade, bem representadas na hipocrisia da maioria dos personagens com quem Cândido convive. As situações, muitas vezes cômicas, fazem com que o leitor entre num universo insano - que, no fim das contas, não parece tão diferente deste que realmente vivemos. Além disso, ainda que ironicamente, o livro não deixa de exaltar as qualidades do ser humano, como a manutenção do otimismo frente a situações de dano emocional e físico, e a eterna busca pela felicidade, que nos motiva a seguir em frente. Assim, de uma forma fantástica, o livro nos joga, através de muitos exageros, a realidade cotidiana “na lata”, e por isso precisa ser lido. ”

Nicolas Mauch, estudante de Direito na UFPel

Brazil Pittoresco A joia da nossa biblioteca

De sua Majestade Dom Pedro II e da Família Imperial



Fachada da Biblioteca Pública de Pelotas, cuja obra física final foi concluída em 1913

Pedro Lopes

Ronaldo L. F. Siqueira

A Biblioteca Pública de Pelotas-BPP, localizada na Praça Cel. Pedro Osório, ao lado do prédio sede da Prefeitura Municipal, assessorada pelo historiador Ueslei da Cruz Goulart, bibliotecária Anelise Silva Rosa e pedagoga Camila Correa Pierzckalski, possui em seu acervo público, uma autêntica Joia bibliográfica de caráter universal. Trata-se do Álbum Brazil Pittoresco de 1861, eleito como sendo a Joia da Biblioteca. Com autorização especial do Prof. Sérgio Romeu Vianna da Cruz Lima (Vice Presidente da BPP), foi fotografado tal trabalho histórico de origem francesa, o Álbum Brazil Pittoresco.

Em contato com os funcionários da BPP, abaixo entrevistados, foi solicitado qual seria a Joia da Biblioteca, a peça mais rara da Instituição?

O historiador Ueslei da Cruz Goulart, responsável pela manutenção e restauro do acervo da Instituição, disse que:

UCG: Bem, obviamente para mim, não existe apenas uma obra que poderíamos chamar de Joia, mas sim 200.000 joias. Mas gostaria que ouvisse os outros colegas também. Estou falando em uma das obras mais raras que possuímos no acervo que é o Álbum Brazil Pittoresco.

No segundo pavimento do prédio, separado por longa escada de mármore branco encontra-se a bibliotecária Anelise Silva Rosa, responsável pelo acervo da Biblioteca. Perguntada sobre a Joia da BPP responde:

ASR: Bem, são milhares de joias que possuímos, das mais diversas origens. Livros em latim, espanhol, inglês, árabe, alemão e inclusive em português, (risos). Fica difícil escolher uma Joia da casa. Mas temos uma que está guardada a sete chaves e não a disponibilizamos ao público. Trata-se do livro Brazil Pittoresco, um álbum que teve, inclusive, parte da obra furtada em 1944, por uma pessoa que vivia na cidade de São Paulo, e que aqui veio para conhecê-la. Conseguiu burlar nossa segurança e levou o álbum, tendo inclusive desmembrado ele totalmente da capa e suas páginas separadas para melhor transportá-lo devido ao peso, algo em torno de 20kgs. Depois que foi preso, já fugindo de Pelotas, aceitou devolver a nossa “Joia”, alegando que ficou sabendo em SP, que existia aqui em Pelotas tal raridade. Ficou impressionado com seu conteúdo e resolveu furtá-la.

A pedagoga Camila Correa Pierzckalski, também contribuiu com sua opinião.

CCP: Essa obra, cuidadosamente conservada em ambiente e sala especial, é composta de álbum com três volumes litographados na França. O livro Brazil Pittoresco foi encomendado pelo Imperador Dom Pedro II em 1859. Tenho particular e inexplicável admiração por essa peça do nosso acervo. Seu conteúdo, apropriado à época do Império e à tecnologia então disponível para sua diagramação, nos remonta ao período cultural em que a língua portuguesa se fundia com o caboclo brasileiro. Na minha opinião é a Joia da Biblioteca.

Desta forma, o álbum Brazil Pittoresco, cujo valor financeiro é incalculável por toda sua história literária, foi escolhido por unanimidade dos responsáveis culturais, “A JOIA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE PELOTAS”.

Sabe-se pouco sobre sua origem, apenas que chegou a BPP por doação.

A Instituição teve sua instalação física em março de 1876, no térreo do prédio cedido pelo então Visconde da Graça, e localizado na esquina das ruas General Neto com Padre Anchieta. Contava então com acervo inicial de 960 volumes. Esses volumes ainda fazem parte do acervo e alguns são mantidos sobre condições especiais.

Usuários da BPP, que estavam no local, também participaram da pesquisa.

O aposentado, Jair Tedesco, natural de Pelotas, vem regularmente atrás de alguma informação junto à biblioteca. Comentou ainda que desconhecia haver peças do acervo não disponíveis para os usuários.

Perguntado se tinha conhecimento sobre qual seria o livro mais importante da Instituição, disse desconhecer a informação. Sempre olha o acervo público de uma forma geral, jamais procurando uma Joia.

A advogada aposentada, Janice do Amaral, natural de Rio Grande RS, disse ser frequentadora habitual e desconhece qual seria a obra mais importante da biblioteca.

O estudante, Paulo da Silva Pedroso, natural de Pelotas, disse que jamais procurou uma joia espe-



Funcionários da BPP, responsáveis pela conservação do patrimônio, Camila Correa Pierczkalski-(pedagoga) Ueslei da Cruz Goulart-(historiador), e Anelise Silva Rosa-(bibliotecária)

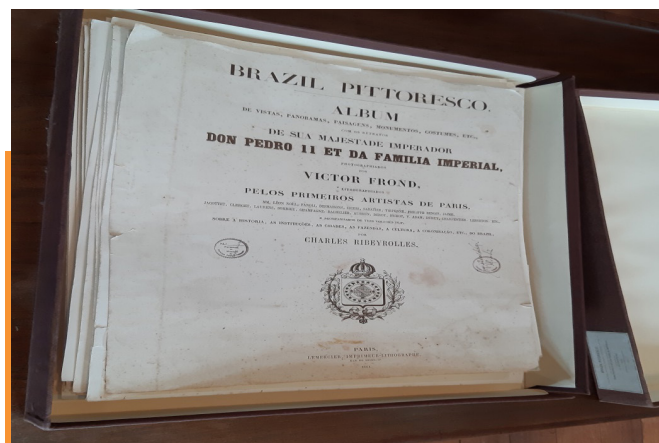
Pedro Lopes

cifica na biblioteca, mas que gostaria de conhecê-la, após sua descoberta.

Após as entrevistas, chega-se a conclusão que a peça mais importante da biblioteca deveria ser a mais rara e que, por sua importância histórica, merecer o título da Joia da Biblioteca.

A advogada aposentada, Janice do Amaral, natural de Rio Grande RS, disse ser frequentadora habitual e desconhece qual seria a obra mais importante da biblioteca.

O estudante, Paulo da Silva Pedroso, natural de Pelotas, disse que jamais procurou uma joia específica na biblioteca, mas que gostaria de conhecê-la, após sua descoberta



Álbum da sua capa e desmembrado após o furto Brazil Pittoresco em 1944. No conjunto da obra, estão os retratos de Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II e da Família Imperial, que foram na época fotografados por Victor Frond. Este trabalho litografado foi concluído pelos primeiros artistas de Paris na arte litográfica, e estão acompanhados de três volumes sobre a história, as instituições, as cidades, as fazendas, a cultura e a colonização do Brasil, da autoria de Charles Ribeyrolles

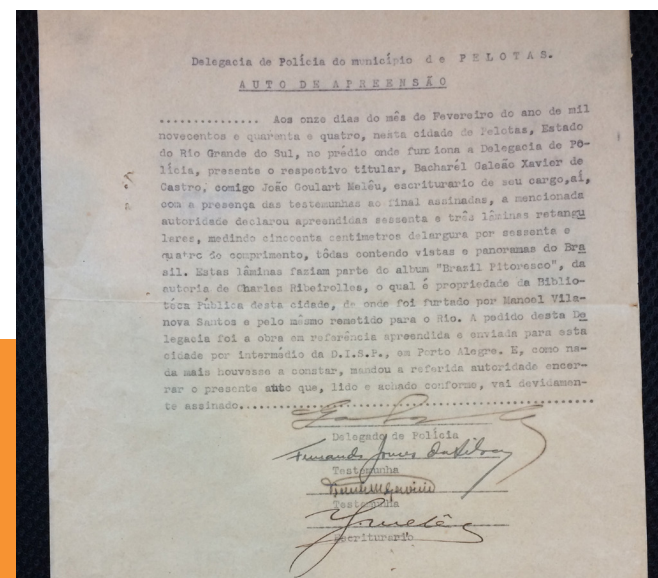
Pedro Lopes

Após as entrevistas, chega-se a conclusão que a peça mais importante da biblioteca deveria ser a mais rara e que, por sua importância histórica, merecer o título da Joia da Biblioteca.

Sobre o livro raro, Ueslei disse que o tratam com muito carinho, seu manuseio somente com luvas especiais e em dias secos. Que não permitem aos usuários a leitura conservando assim sua integridade física. Existe toda uma segurança voltada para a preservação do acervo público.

Em 1944, o conjunto de álbum Brazil Pittoresco foi furtado por um novo usuário da BPP, Manuel Vila Nova Santos, natural de Cachoeira-Bahia. As autoridades informaram que Santos, havia sido localizado a bordo de uma aeronave que seguia para a cidade de Jaguarão onde foi detido. Alegou estar rumando para a Argentina onde tinha negócios a tratar.

Este documento comprova o furto do Álbum em 1944, período em que o mundo passava por muitas dificuldades econômicas.



Auto de Apreensão da Delegacia de Policia do Município de Pelotas datado de 11.02.1944

Pedro Lopes

Manuel Santos confessou o crime tentado pela raridade do Livro que pesava mais de 20 Kg e teve que enviá-lo por via férrea, para São Paulo-SP onde residia com sua família. Posteriormente, todas as 63 lâminas furtadas medindo 50 cm de largura por 64 cm de comprimento, foram recuperadas na cidade de Porto Alegre e devolvidas pela polícia local. (conforme documentos - Fotos 3 e 4). Hoje é, sem dúvida, uma das joias mais protegidas e

raras do acervo da Biblioteca que possui em torno de 200 mil volumes.

A Bibliotheca Pública de Pelotas foi fundada no século XIX, para atuar como centro multicultural de caráter regional.

Possuidora, por doação, dos três volumes que compõem a obra Brazil Pittoresco, exige profundas restrições para seu manuseio, sendo que não estão disponíveis aos usuários, como qualquer outro item do acervo da BPP. Para ser analisada é necessário o uso de luvas com permissão especial da direção da Biblioteca, que atua na proteção de seu patrimônio cultural desde 14 de novembro 1875.

A biblioteca nasceu assim: “Sua primeira reunião foi em um prédio cedido por João Simões Lopes, o Visconde da Graça – avô do escritor João Simões Lopes Neto”. Klécio Santos, autor da frase, é jornalista e historiador, natural de Porto Alegre, autor dos livros “Sete de Abril, o Teatro do Imperador”, “Mercado Central – Pelotas 1846-2014”, e “Bibliotheca Pública Pelotense”

Ainda em local provisório, em 14 de novembro daquele ano, uma assembleia reuniu 45 ilustres colaboradores, lançando as bases da sociedade civil sem fins lucrativos, cujo padrão nome e estilo são conservados até os dias de hoje. Assim surgia a Bibliotheca Pública Pelotense, cujo idealizador foi Fernando Luís Osorio, filho do General Osorio, já em 1871.

Antônio Joaquim Dias, diretor do Correio Mercantil, em jornal datado de 12 de novembro de 1875, publicou um convite geral à sociedade pelotense para a “Fundação da nova instituição cultural”.

O endereço atual da Bibliotheca Pública Pelotense é na Praça Cel. Pedro Osório, 103 – Pelotas RS. Telefone: (53) 3222-3856

Para além da dança, a preservação da história do Rio Grande do Sul

A preparação de entidades tradicionalistas para o maior festival de arte amadora da América Latina, um especial com a União Gaúcha João Simões Lopes Neto

Vitória Costa



Invernada adulta apresentando coreografia de saída

Vitória Costa

Memória, amor e suor. É dessa forma que a entidade tradicionalista União Gaúcha João Simões Lopes Neto, e tantas outras do Rio Grande do sul, passam o ano se preparando para o Encontro de Arte e Tradições Gaúchas (ENART), considerado pela Unesco o maior festival de Arte Amadora da América Latina. Este ano o evento ocorreu entre os dias 15 e 17 de novembro, em Santa Cruz do Sul, no Parque da Oktoberfest. Os ensaios das invernadas adultas foram intensos até a data.

O ginásio principal, com capacitação para 5.375 lotou por diversas vezes. Ali estavam amigos, familiares dos dançarinos, grupos que estavam participando e amantes do tradicionalismo. E apesar de toda beleza que é vista através das apresentações, a vida de dançarino durante o ano não exibe nenhum glamour, pelo contrário, são horas a fio de ensaios, momentos abdicados para estar presente na entidade, investimento financeiro e principalmente, muito amor pelo tradicionalismo gaúcho.

O Patrão da centenária União Gaúcha, Romualdo Cunha Junior, participa da entidade desde 1990 quando tinha apenas 8 anos de idade, e conta que nessa época de preparação do grupo adulto para o ENART, ele chega a dormir apenas três horas por noite em função da organização, para que tudo ocorra dentro do planejado. Além disso, mantém todos os compromissos da vida profissional, trabalhando durante o dia e ao final indo para a sede conferir os projetos.

Devido ao nível de preparação dos dançarinos, o envolvimento de tantas pessoas e a grandiosidade do evento, chega a ser contraditório manter o posto de festival amador, pois todo o esforço que é realizado os torna profissionais em dançar, atuar e transmitir sentimentos.



Dançarinos transmitem felicidade durante a apresentação

Vitória Costa



Detalhes da pilcha: bota e esporas usadas pelo peão

Vitória Costa

A cultura tradicionalista gaúcha é uma das coisas que mais se destacam no nosso estado. Dentro dela é encontrado vertentes trazidas por colonizadores, que contam a história do Rio Grande do Sul desde seus primórdios.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e dentro desse, os Centro de Tradições Gaúchas (CTG), os Grupos de Arte e os Centros Culturais, são grandes responsáveis por resgatar e preservar o tradicionalismo. São décadas de pesquisa, literaturas, resgate de danças, trajes e gastronomia que recordam um tempo de lutas e de muito folclore.

Fundado em 1899, em Pelotas, a União Gaúcha João Simões Lopes Neto foi a primeira entidade tradicionalista da história do estado, criada antes mesmo da organização do movimento tradicionalista. Por esse motivo é um dos nomes mais conhecidos quando o assunto é cultura gaúcha.

Centenária União Gaúcha

A União Gaúcha João Simões Lopes Neto iniciou sua história há 120 anos atrás, antes mesmo do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) surgir de forma organizada. Em 10 de setembro de 1899, 62 pelotenses se reuniram para a primeira reunião que marcaria anos de tradição de uma entidade. Eles buscavam resgatar e conservar as tradições que haviam no nosso estado e que eram mantidas por gerações.

No dia 19 de setembro fundou-se então a União Gaúcha, e no dia 20 de setembro, data que se comemora a Revolução Farroupilha no RS, se deu oficialmente a inauguração da entidade. A história infelizmente foi interrompida durante a 2ª Guerra Mundial, que fez com que as atividades fossem paralisadas até o ano de 1950, quando grandes nomes do tradicionalismo gaúcho, Barbosa Lessa e Paixão Cortes, se reuniram a outros partici-

pantes para reerguer a sede. A partir de então, também trouxe o nome de João Simões Lopes Neto, escritor Pelotense que se destacou por livros que narram contos e lendas do sul, o mesmo chegou a ser Patrão da entidade e foi também um dos maiores contribuidores para manter a UG em funcionamento.

Hoje a Centenária se tornou símbolo de dedicação às raízes do RS. Um dos destaques da entidade fica por conta da inverno adulta, (grupo de danças com integrantes de 18 à 27 anos), que acumulam troféus de participações em rodeios e em concursos de danças tradicionais, com viagens e apresentações nacionais e internacionais. Desde 2001 o grupo apresenta suas danças no Encontro de Arte e Tradições Gaúchas e se classifica na grande maioria entre os 10 melhores grupos do estado. Neste ano, com uma inverno adulta de 40 integrantes, ficaram em 9º lugar na classificação geral e com a 3ª melhor dança de saída.



Apresentação durante o jantar de Pré-Estrela

Vitória Costa

Entenda o ENART

O Encontro de Arte e Tradições Gaúchas, além de ser o maior evento tradicionalista do mundo, também é o maior festival de arte amadora da América Latina.

Realizado desde 1986, o evento reúne mais de 2.000 dançarinos a cada edição anual, fora as demais categorias como declamação de poesias, intérprete vocal, chula e muitas outras. Desde 1997 o evento é realizado em Santa Cruz do Sul, no Parque da Oktoberfest, geralmente durante o terceiro final de semana de novembro. Neste ano, a edição ocorreu entre os dias 15 e 17 de novembro.

Para participar do ENART a classificação é feita em etapas. A primeira que pode ou não ser realizada é a regional, então passa-se para a inter-regional na qual se classificam de 8 a 9 entidades de cada grupo de região tradicionalista. E então a etapa final que é o maior evento, onde os grupos dividem-se em categorias A e B.

São meses e até anos de preparação em busca do sonho de conquistar um troféu na competição, mas com a principal motivação de honrar a cultura tradicionalista gaúcha.

Preparação intensa

A cada ano os grupos de dança que participam do Enart montam coreografias baseadas em um tema da história e cultura gaúcha, essas coreografias são dançadas como entrada para as danças tradicionais e para a saída e finalização da apresentação. Isso demanda um tempo extra de estudos, elaboração da coreografia e ensaios do grupo.

Neste ano, a UG preparou a temática “Vocês me tornaram lenda!”, lembrando algumas das mais conhecidas lendas do escritor pelotense que está no nome da entidade, João Simões Lopes Neto, enaltecendo o traba-



Apresentação durante o jantar de Pré-Estrela

Vitória Costa

lho do autor que mesmo depois de sua morte deixou um legado para o tradicionalismo gaúcho.

Para isso, os ensaios que iniciaram logo após as férias no início de 2019, aconteciam duas vezes por semana, e segundo Kako Bolfoni, instrutor do grupo, ao se aproximar a data do concurso os ensaios chegam a cerca de sete horas aos domingos.

Para montar toda a produção e cobrir as despesas, os integrantes realizam jantares e vendem rifas. O último jantar foi de pré-estrela, para apresentar à sociedade a temática, as coreografias e as pilchas, cerca de 1000 ingressos foram vendidos.



Apresentação durante o jantar de Pré-Estrela

Vitória Costa

Dedicação, amor e suor

Para falar da preparação do grupo, é necessário conhecer de perto quem são essas pessoas que dedicam suas vidas à arte. Uma delas é Patrícia Salaberry, dançarina há 10 anos e agora pelo quinto ano consecutivo participou do ENART com o grupo adulto. Quanto a correria para dar conta de tudo, ela é sincera: “É sempre bem desgastante conciliar nossa vida pessoal com a de dançarino, precisamos de muita dedicação em ambas as partes e uma às vezes acaba saindo prejudicada.”, também comenta que uma das maiores dificuldades que um dançarino enfrenta hoje, além da financeira, é a falta de apoio e compreensão da sociedade, que não entende o trabalho e o esforço que eles fazem.

Da mesma maneira, o Patrão Romualdo fala que

apesar de o grupo viver uma fase muito boa, com uma administração organizada, as maiores dificuldades hoje são financeiras e de falta de apoio “Acredito que a dificuldade enfrentada é a semelhante do resto do país inteiro e das entidades e instituições que trabalham diariamente para manter as contas em dia sem perder sua essência. Antigamente era mais fácil promover um baile e lotar a Entidade, hoje em dia tem sido mais difícil” conta. E desabafa: “Já para o grupo as dificuldades são as mesmas enfrentadas pela maioria no Estado: a falta de incentivo por parte da iniciativa privada e apoio do poder público. Hoje manter uma internada no padrão que desejamos é semelhante a uma empresa pois envolve músicos contratados, instrutores, costureiras, artistas e tantos outros profissionais que nos acompanham”.

“Mesmo assim, remangamos a camisa e vamos à luta.” é a frase otimista dita por Romualdo. Que descreve todo trabalho realizado por eles, com tanta dedicação e amor. A exemplo de mais um integrante, Junior Sandrini, estudante de Artes Visuais da UFPel, acompanha a internada adulta da UG desde 2011, sendo que este foi o 60º ano no ENART como dançarino. Ele conta como o trabalho vai muito além das danças, quando se tem montagem de alegorias e figurinos, feitos na maioria das vezes de maneira manual por alguns integrantes e até mesmo com ajuda dos pais, isso desde 2014. Junior é um dos contribuintes: “Eu estou no meu segundo ano fazendo os figurinos de peões e prendas para as coreografias de entrada e saída e geralmente somos nós, junto ao coreógrafo do grupo que pensamos e criamos juntos

os adereços e figurinos.

A União Gaúcha João Simões Lopes Neto é um exemplo entre tantos outros centros de tradições gaúchas, grupos de artes e centros culturais, que promovem o estudo e resgate da história do Rio Grande do Sul. Dentro dessas entidades encontramos crianças, jovens, adultos e idosos, trabalhando juntos, comemorando, dividindo o mesmo espaço e realizando o mesmo esforço.

Tudo isso vai muito além de um final de semana em um festival de artes, que um troféu e todas as gotas de suor derramadas em ensaios e apresentações. Mas mostra que a dança proporciona momentos únicos e soma na vida de quem se envolve. São gerações que perpetuam valores, união e paixão pela cultura do estado, e que fazem da arte, um propósito na vida.

Qual o momento mais marcante que você viveu com o grupo adulto até agora?

“ Muitos de verdade! Momentos tristes como o incêndio que nossa sede sofreu em 2010, momentos alegres como as conquistas do grupo adulto, momentos tristes como o erro do pau de fitas na finalíssima do Enart 2014 que éramos os grandes favoritos ao título e ultimamente momentos muito marcantes estando como patrão da Entidade e levando tanta conquista para a União Gaúcha. ”

Romualdo (Patrão)

“ Seria injusto eu marcar um momento específico, pois foram tantos memoráveis na minha vida. Eu valorizo cada ensaio, cada apresentação, cada ensinamento e cada troca de energia com meus companheiros de grupo. ”

Kako (Instrutor)

“ Com certeza o momento que mais me marcou na UG foi em 2014 onde seríamos campeões e por erro nosso mesmo, acabamos errado a dança do Pau de fitas e acabamos sendo desclassificados e ficando em 20ª já finalíssima do enart. Mas também o de vice campeão de 2011, onde não esperávamos a colocação e foi muito bem recebida por todos. ”

Junior (Dançarino) - Charqueador

“ Tenho lembranças inesquecíveis de todos os anos, mas a maior foi no Enart de 2018 que todo ginásio acendeu a lanterna na nossa coreografia que falava da fé do Negrinho do Pastoreio. Senti naquele momento que toda dedicação realmente valia a pena. ”

Patrícia (Dançarina) - Baronesa

Os desafios da trajetória de estudantes de outros estados na UFPel

A decisão em mudar-se de Estado para e ir à busca do curso de graduação desejado é influenciada por diversos motivos pessoais

Larissa Bueno

Não importa a localidade, o curso, ou a idade. A história de diversos universitários está ligada em uma só, em consequência da mesma atitude; a decisão de sair de casa e ir atrás do curso escolhido em outra região após passar no vestibular e ter a oportunidade desejada de ingressar em uma universidade pública, passando por experiências desafiadoras e ganhando lições de vida que renderão histórias e serão marcantes para sempre.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) é responsável por dar todo o suporte e acolhimento necessário para estes estudantes, desde o auxílio moradia, alimentação, transporte e saúde, tornando-se assim, a segunda casa para quem está longe da sua. Ter mais cautela ao ad-

ministrar o dinheiro com as despesas que a universidade não cobre, se virar para fazer tarefas que antes tinham a ajuda de familiares próximos, lidar com problemas que agora só dependem de si mesmo para serem resolvidos... Tudo isso faz parte deste processo novo na vida destes universitários.

A procura por um curso que não tem próximo, a vontade de estudar em uma determinada universidade, a chamada através do Sistema de Seleção Unificado (Sisu), o desejo de desafiar-se e sair da zona de conforto, o sonho de estar mais próximo de alguém especial, são alguns dos variados motivos que levam estudantes a mudarem-se para Pelotas e fazer parte da UFPel.

A carioca Beatriz Regina Gomes Pereira chegou para ficar em Pelotas movida pelo coração. Estudante de Jornalismo e tendo recém completado os seus 22 anos, ela conta que fez o Enem duas vezes. A primeira chance para integrar-se no curso de Jornalismo foi na Universidade Federal Fluminense (UFF) no Rio de Janeiro, mas acabou desistindo da vaga na hora de fazer a matrícula, por motivos de estar passando na época, por desafios relacionados à questões pessoais. Ela não desistiu, em 2018 fez novamente o Enem e conseguiu mais uma vez passar para o curso desejado, e conta que o que fez tê-la a decisão de que iria estudar em uma universidade em outro estado foi o sonho de ficar mais perto do namorado, com quem namorava a distância há sete anos: “Eu estava me sentindo um pouco mais preparada, também psicologicamente pra entrar de cabeça nessa vida acadêmica e vim pra cá. Basicamente foram esses motivos, foi bem pessoal, foi bem do coração e também por questões de tentar me sentir um pouco melhor, viver a vida de uma nova atmosfera, de outra perspectiva.”



Beatriz Regina, 22 anos

Larissa Bueno

“A saudade é muito grande (...) já me perguntei se realmente valia à pena estar aqui. Mas eu sei que vale, no futuro vou agradecer por esse tempo aqui”

Ana Beatriz Assunção Garrafiel, estudante de Jornalismo com 18 anos, saiu de Lages - Santa Catarina no início de março e conta que amadureceu demais nesta fase, viveu coisas que nunca imaginou, aprendeu a se virar, a lidar com diversos problemas que até então, eram vistos por ela como “coisas de adulto”, conheceu muita gente, fez muitos amigos e mesmo com prós e contras, conta que está sendo tudo incrível: “A saudade é muito grande, você perde muitos momentos ao lado das pessoas que ama. Muitas vezes já me perguntei se realmente valia à pena estar aqui, perdendo tudo isso. Mas eu sei que vale, no futuro vou agradecer por esse tempo aqui. Também penso muito nos meus pais, que estão felizes em me dar algo que eles não puderam ter.”



Vitória Santos, 18 anos

Larissa Bueno



Ana Garrafiel, 18 anos

Larissa Bueno

Todos os anos, a cada novo início de semestre, grandes mudanças acontecem na vida de todos estes estudantes que resolvem dar o primeiro passo para desafiarem-se nesse mundo novo. Vitória Santos, futura Jornalista de 18 anos, saiu de São Paulo - SP e aterrissou em Pelotas querendo ter uma experiência diferente da época de escola: “Não queria que minha experiência da faculdade fosse uma extensão do meu ensino médio, precisava de uma nova rotina. Como eu saí direto da escola para a faculdade senti que precisava disso”, citou. A saudade também aperta nos momentos em que se lembra dos momentos juntos com a família: “Domingos são muito difíceis geralmente. Domingo era meu dia mais família. Tem sempre os amigos para confortar, mas às vezes parece que falta aquele macarrão de mãe, sabe?”, complementa.

Mesmo com todos os pontos positivos e negativos de morar longe de casa, a vida acadêmica dentro de uma universidade é de extrema importância para quem busca um diploma com qualificação e sucesso. Essa jornada é responsável por proporcionar um crescimento pessoal grandioso, que jamais será esquecida.

A vez deles

Alunos com deficiência falam sobre a questão da acessibilidade em suas diversas formas na Federal de Pelotas

Beatriz Regina

Inseridos na correria diária da vida universitária, muitas realidades ao redor do espaço físico da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) passam despercebidas pelos olhares dos estudantes, professores e servidores. As pessoas com deficiência dentro da instituição parecem, muitas das vezes, ser uma delas.

O convívio com essa realidade ainda bastante invisibilizada é constante, mas ao mesmo tempo parece ficar no campo do esquecimento. Enquanto sociedade e comunidade acadêmica de uma universidade pública, prestar atenção e dar voz a quem passa por essas dificuldades todos os dias é o mínimo que se deve fazer.

Conheça Samira, Leandro, Alécia e André. Quatro alunos, quatro histórias, quatro lutas dentro da UFPel. Vivências que buscam trazer à luz questões e reflexões sobre acessibilidade no ambiente acadêmico.



Samira posa sorridente na frente do letreiro da UFPel, no campus Anglo. Ela está de pé, de calça preta, camisa azul clara e tênis, segurando sua bengala de locomoção

Beatriz Regina

Samira Lucas Silveira tem 22 anos e é estudante do curso de Jornalismo. Interessada pela área da comunicação, ela possui deficiência visual, cegueira no olho esquerdo e pouca percepção de luz no direito. A escolha pelo Jornalismo veio através de suas afinidades com esportes, cultura, rádio e escrita. Atualmente cursando o quarto semestre, Samira diz que sempre se interessou pela vida acadêmica: “Gosto de conhecer coisas novas, aprofundar os conhecimentos”. Ela define sua atuação na UFPel como uma “importância de ocupar um espaço que ainda é inimaginável para alguns, de querer evoluir.” Quando o assunto é a preparação e capacidade dos professores, colegas

e servidores para lidar com pessoas com deficiência no ambiente acadêmico, ela afirma: “Quase ninguém está preparado para atender alguém com deficiência. Mas acredito também que existe falta de informação. Às vezes o pessoal fica sem reação pelo fato de não saber como agir, mas acabam ajudando.”

Já sobre a estrutura acadêmica da UFPel e suas dificuldades diárias, a estudante conta que não enfrenta maiores problemas para realizar suas atividades, e que quando surge, busca “dar uma adaptada” e achar outra forma.

Já sobre o espaço físico e suas limitações, Silveira conta: “Na questão da estrutura, o entorno do campus Anglo,

por exemplo, é o mais dificultoso por não ter uma boa calçada, que fique no nível da rua. Isso acaba exigindo mais atenção ou até mesmo o auxílio das pessoas.”

A acessibilidade referente aos recursos oferecidos pela universidade também foi tema da entrevista. Sobre os ônibus de apoio fornecidos pela instituição, Samira diz: “Às vezes utilizo e acho tranquilo, de boa estrutura. No RU (restaurante universitário) do Anglo, também não tenho maiores dificuldades. Particularmente não uso os assentos reservados. Na biblioteca nunca retirei um livro por usar

“Às vezes (...) poucas atitudes mudam muita coisa.”

e-books mesmo, mas caso necessite, tenho que transformá-los em PDF.” Em relação ao material das aulas, a aluna explica que como a maioria dos conteúdos são disponibilizados em formato digital, acaba sendo mais fácil acompanhar. “Acessibilidade é uma palavra grande, mas na prática pode ser deixada bem pequena. Às vezes, basta pensar que poucas atitudes mudam muita coisa. Então acredito que a galera pode se informar mais, se atentar ao que está ao seu redor caso não saiba como proceder e procurar saber.”

Leandro



Leandro em seu ambiente de trabalho, o Laboratório de Educação para o Patrimônio, localizado no Campus 2 da UFPel. Ele está de pé, sorridente e segurando sua bengala de locomoção. Leandro usa uma camisa verde escura com estampa e o cenário é um mural e uma mesa cheia de arquivos

Beatriz Regina

Leandro Freitas Pereira tem 38 anos e é estudante de Museologia. Interessante no ano de 2016, foi o primeiro aluno cego do seu curso e o primeiro a ser atendido pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI).

Pereira conta que foi muito difícil no início, pois os professores não possuíam nenhuma informação sobre como ensinar uma pessoa que não enxerga e desconheciam recursos e tecnologias que ele já utilizava.

“Eu já usava computador adaptado, celular adaptado, mas os professores desconheciam todos esses recursos e isso deixou eles bem preocupados e até meio desesperados sobre como fazer para eu aprender. Aí, no início, eu procurei auxílio e apoio no NAI, porque eu já sabia que a universidade tinha aderido a um plano federal que se chamava “Projeto Incluir”, (...) em 2008. Só que eles não colocavam isso na prática.”, conta. “Como eu fui o primeiro aluno cego, então comecei a fazer essa movimentação e gerar essa demanda para o NAI. Aí depois, com a entrada de outros alunos com deficiência visual, a partir de 2015, quando comecei a ter as cotas para pessoas com deficiência, mais alunos ingressaram. E aí a demanda foi aumentando e o Núcleo

foi se organizando para poder atender mais adequadamente essas pessoas. Mas, como eu fui o primeiro, (...) foi um pouco mais trabalhoso para mim, mas fui abrindo caminhos para outros alunos que também não enxergam.”

Questionado se já vivenciou situações de preconceito na UFPeL, o estudante revela: “Olha, que eu me lembre, de preconceito explícito as-

Toda vez que eu me candidatava a ser bolsista de algum projeto, na hora da entrevista os professores achavam legal a minha produção acadêmica, o meu envolvimento com o curso, as atividades que eu já participava, mas chegava na hora mesmo de ser bolsista, nunca eu era selecionado. E quando eu me candidatava a ser voluntário no projeto, daí era aceito de primeira, sabe? Então isso é

e a bolsa é importante para esse tipo de situação. Só que os professores não dão o crédito, a credibilidade por causa da deficiência.”

Leandro ainda reflete sobre a existência da pessoa com deficiência no ambiente acadêmico: “(...) A luta da pessoa com deficiência é sempre uma luta sozinha, né? Por exemplo, eu busco, luto pelos meus direitos, pelo meu espaço sozinho, porque é muito difícil um colega que não tem deficiência reivindicar junto comigo. (...) Isso é uma coisa totalmente desgastante, cansativa, então o ideal seria que a própria universidade tomasse consciência sobre a importância da presença das pessoas com deficiência no meio acadêmico para que haja uma construção de um ambiente o mais ideal possível.”

“A luta da pessoa com deficiência é sempre uma luta sozinha”

sim, não né. Mas a gente percebe nas atitudes das pessoas, principalmente a questão da discriminação. (...) Outro tipo de discriminação que eu percebi bastante foi na concorrência às bolsas.

uma coisa que deixa bem chateado, porque a gente sabe que para participar dos eventos acadêmicos a gente tem que pagar a inscrição. Às vezes tem que fazer alguma viagem, alguma coisa assim,

alguns problemas que enfrentou em relação à universidade. Ele planeja pedir o reingresso para o próximo semestre e continuar seus estudos.

André tem 25 anos e é aluno do curso de Engenharia da Computação. Porém, no momento, sua matrícula se encontra trancada justamente por

UFPeL no ano passado, em 2018. Ela possui paralisia cerebral, diplegia espástica, e costuma utilizar a cadeira de rodas para se locomover.

Aléxia e André

Aléxia Juliane Iahnke Steim e André Nunes Natchigall são amigos desde o ensino médio. Aléxia, de 24 anos, se formou em Psicologia na



André e Aléxia posam para a foto em frente aos degraus do chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. Ambos estão sentados em suas cadeiras de rodas. André veste uma camisa e calça pretas, Aléxia veste uma blusa de alcinhas preta com listras horizontais brancas e calça preta.

Beatriz Regina

Com quadro parecido com o de Aléxia, André conta que não respirou ao nascer e até hoje ainda não descobriram de fato seu diagnóstico correto. Ele também utiliza uma cadeira de rodas elétrica no dia a dia.

Comparando as duas épocas, o ensino médio e a graduação, Aléxia comenta que o colégio em que estudavam se adaptou semanas antes do ingresso deles. “Essa [escola] foi a melhor em questão de acessibilidade, porque as outras nem tiveram interesse mesmo em adaptar. Agora, na universidade, eu tinha que fazer reuniões com o pessoal da infraestrutura no Anglo, rolava manifestação e tudo mais. Precisa de muito mais trabalho (...)”

A psicóloga conta que o início na Federal de Pelotas foi complicado, mas que recebeu o apoio dos colegas de turma. “No meu campus (FAMED), no começo eu não tinha acesso, eu tinha acesso a sala de aula com elevador, à biblioteca no térreo... Mas eu não tinha acesso, era tudo com degrau. Para o bar era com degrau, para o “xerox” que ainda tinha no começo do curso era com degrau, e

eu não tinha acessibilidade ao colegiado do curso. Porque era com escada, prédio antigo, né. A questão toda de tombamento, não pode mexer na fachada, enfim. Isso eu passei acho que até o sexto semestre. As coisas só de rampa, da calçada, foram rápidas. Mas para conseguir com que criassem acessibilidade pro colegiado foi uma luta. Eu fiz reuniões com o pessoal da infraestrutura da universidade, a gente fez uma manifestação, uma mobilização que ocuparam a escadaria do colegiado (...) O bom de “Psico” é que a gente sempre está junto pras lutas, estamos sempre unidos. (...)”

André sentiu na pele os problemas de acessibilidade e locomoção até a faculdade. “Desde quando eu entrei [na UFPeL] sempre dependia da minha mãe para me levar e buscar ou de ônibus. Só que o meu curso é de turno integral e eu sempre sentia muita dificuldade e me cansava muito isso, porque várias vezes eu ficava esperando várias horas a minha mãe se desocupar para ir me buscar e levar. Isso durou até o começo desse ano, quando eu

ganhei um triciclo, e com isso eu conseguia ir e voltar tranquilo. Só que durante todos esses anos eu não conseguia acompanhar a turma porque várias vezes chegava atrasado e ficava cansado. Daí a 2 anos ou mais, o pessoal do NAI já me chamava e falava que eu corria risco de perder o curso por causa do tempo, e juntando tudo isso acabei me desmotivando. (...)”

Natchigall diz achar que acessibilidade é muito mais do que um “acesso propriamente dito”, é fazer com que as pessoas com deficiência possam fazer tudo o que qualquer um pode. Sobre a estrutura no campus Anglo, por exemplo, ele comenta: “Eu literalmente não entendi porque agora eles fizeram escadas gigantes com grandes áreas entre um piso e outro. Não consigo entender porque não fizeram uma rampa no lugar das escadas, porque pelo espaço (...) tinha espaço para fazer uma rampa. Só

“ **Pensar em pessoas com deficiência é pra sociedade inteira.** ”

tem dois elevadores e várias vezes tem um que estraga e fica vários dias sem arrumar. (...) Se tivesse uma rampa ia ser muito melhor o acesso, quando é uma coisa rápida, por exemplo, acho que usaria muito mais ela do que o elevador.”

Steim conclui deixando um recado para toda a comunidade da UFPel: “Ninguém se liga que qualquer um pode se “tornar deficiente” qualquer dia. Tu pode quebrar um pé, tu pode precisar de cadeira de rodas um dia, por um mês... Isso pode acontecer com qualquer um. Com a prefeita, com as pessoas que fazem as ruas, pessoas responsáveis pela infraestrutura da UFPel. (...) Ninguém está livre disso. Então eu acho que pensar em acessibilidade, pensar em pessoas com deficiência é pra sociedade inteira, não cabe só a nós lutar por isso, entendeu? As pessoas não vêem a importância que tem.”



André utilizando seu celular para dar entrevista. Ele se comunica digitando através do aplicativo Gboard, do Google. Na foto, ele aparece sentado em sua cadeira usando seu telefone

Beatriz Regina

O feminismo além dos direitos iguais

O movimento político que luta pela libertação das mulheres merece uma análise mais profunda

Helena Isquierdo



Getty Images

A luta feminista ganha cada vez mais voz e espaço para discutir suas vivências e seus desafios. É de extrema importância a naturalização do tema, seja em filmes, novelas, nas escolas e até mesmo nos jornais. A discussão do assunto tem feito a nova geração de mulheres compreender com maior facilidade a força que o patriarcado exerce sobre elas, e principalmente: a importância de não se calar diante dessa realidade. Facilmente encontramos casos de meninas que lutam contra opressão dentro das escolas, ou dentro do ambiente familiar, e essa atitude é uma das maiores contribuições para que, a longo prazo, nossa voz tenha cada vez mais força.

É a partir desse contexto que conhecemos e temos o primeiro contato com a famosa luta por igualdade, pois diariamente somos diminuídas, temos nossas capacidades testadas e lidamos com o dobro de obstáculos em nossos caminhos. E é indiscutível a necessidade de resistir e batalhar pelo fim desses hábitos patriarcais que nos prejudicam drasticamente. Como por exemplo, quando mulheres ganham menos que homens, ou não conseguem emprego por serem mães. Ou até mesmo quando são assediadas e precisam man-

ter silêncio pois a lei ainda não é forte o bastante para nos defender. Essas questões são uma guerra contra legislações e empresas que ainda não nos asseguram a “igualdade de gênero”. Porém, existe uma necessidade em pensar e analisar as raízes por trás dessas opressões. Em meio a um cenário de ideologias e violência, homens rebaixam e oprimem mulheres nos quatro cantos do mundo. Frederick Engels define como “grande derrota mundial do sexo feminino”, e realmente a derrota foi – e ainda é – sangrenta e genocida.

Ao longo do tempo, o movimento se organizou em torno de diversas pautas, e pouco a pouco foi criando maiores recortes sobre as diferentes realidades e as razões da resistencia foram tornando-se cada vez mais profundas.

Com isso, outro tipo de opressão encontra um obstáculo ainda mais complicado de se vencer. A emancipação feminina não é algo tão simples, e envolve centenas de amarras que se iniciam pelo sexismo presente em nossa sociedade. O apagamento social das mulheres é algo histórico, e ainda em 2019 não temos uma versão tão melhor dessa situação para apresentar. As questões envolvendo estereó-

tipos, apesar de estarem começando a ser discutidas, ainda nos afetam de uma forma que, na maioria das vezes, acabamos não tendo noção da força.

A imposições de gênero, ligadas as socializações femininas que somos obrigadas a sofrer desde a infância, quando nos dizem o que devemos vestir, o que dizer, como agir, e até mesmo a cor que devemos usar, estão presentes desde que nascemos e infelizmente não são vencidas com alguma lei ou regra. Mulheres são julgadas e menosprezadas desde o seu primeiro momento de vida, basta uma rápida busca sobre os casos de recém nascidas mortas, e meninas abusadas sexualmente. A hierarquia sexual perpétua que homens são mais dignos e merecem mais respeito, e exalta o poder do patriarcado. A feminista Ariana Amara diz que “O ‘pátrio poder’ nasce desse golpe ancestral: ao tornar a mulher uma posse, destituindo-a de sua natureza subjetiva, os objetivos da propriedade privada e concentração de riquezas poderia seguir com menos abalos e favorecendo os homens.”

Feminismo é sobre libertação, e essa liberdade não pode estar nichada a apenas algumas categorias

Nesse novo período que vivemos, a força patriarcal detém o poder, e não há dúvidas sobre isso. Esse é um sistema a ser combatido, que prega a dominação e opressão sob a mulher, e não espera nada além da subordinação feminina.

Qualquer passo dado contra essa perpetuação de submissão é facilmente dissolvido por nossa cultura machista. Nos pregam um modelo de moral a ser seguido, enquanto controlam nossos corpos, nossa sexualidade e nossa reprodução, vista como uma ameaça, já que a paternidade seria algo muito mais complicado de provar-se e ameaçaria o “direito masculino”. A nossa sexualidade e nossa biologia fazem com que tenhamos que vivenciar os milhares de casos de casamentos infantis, os feminicídios, estupros e a criminalização do aborto. A falta de amparo da saúde pública ainda assola milhares de mu-

lheres que não têm acesso a produtos de higiene básica, como absorventes, mas essa questão recebe pouquíssima visibilidade do feminismo que está sendo vendido pela mídia. A rede de prostituição é composta por 89% de mulheres. Enquanto a pedofilia, é praticada majoritariamente por homens, e atinge em maioria esmagadora as meninas.



Jessica Podraza

A frase da feminista marxista Heleieth Saffioti exemplifica a situação citada até aqui:

“(...) ser mulher significa ser membro duma classe, duma casta, ‘portar a estrela de Davi’. Não é sensação, nem sentimento, nem performance, nem decisão. É apartheid. É ser parte daquelas pessoas que, como dito, foram designadas como estupráveis, e são mantidas nessa classe por meio disso, de estupro e pela força, pelo terror, para que não se sublevem. Identificar-se com uma classe seria o mesmo que dizer que proletariado e pobreza são uma performance e uma identificação e algo a ser celebrado” Podemos perceber então, que para uma luta justa e consciente é preciso analisar o problema a partir da sua raiz, além de todas as suas estruturas e ramificações. O sistema patriarcal, aliado ao capitalismo, se reinventa a cada novageração, e cria mitos cada vez mais difíceis de serem derrubados. É importante ressaltar que essa força não é algo que atinge e oprime a todos.

Essa fala – problemática – desvia o foco daquilo que realmente importa: nossos corpos sendo transformados em objeto de benefício aos homens.

A união é necessária, mas a luta deve existir com a consciência de olhar para a outra é enxergar todas as amarras que nos prendem, mas parte do tempo acabam imperceptíveis. Como disse Simone de Beauvoir “que nada nos defina, que a liberdade seja a nossa única substância”.

Afromisoginia

“Afromisoginia é uma misoginia direcionada a mulher preta, pode ser identificada como uma misoginia mais brutal e violenta contra as pretas. Quanto mais escura, mais afro e sem traços da estética branca, mais vítima de afromisoginia uma mulher será.” – Negras Negralistas.

Essa é a causa de um sistema que perpetua diariamente o racismo estrutural. O recorte do sofrimento dessa parcela de mulheres, diversas vezes ignorado, acarreta em trauma e desafios que afetam todas as áreas da vida, seja em questões emocionais, profissionais ou sexuais. O estigma por trás da mulher negra, envolvendo seu corpo e sua vivência social, acaba tornando-a “duplamente subalternas”. E se o patriarcado não deseja a libertação das mulheres, quando essas são negras a situação é ainda pior.

A estudante Mariah Coi faz uma reflexão sobre o tema. “É conhecimento de todos que as mulhe-



Stephanie Kenyaa Mzee

res foram colocadas no papel de inferioridade aos homens durante muito tempo, porém as mulheres negras acabam por ficar mais à margem da sociedade, pois além de terem que combater a misoginia, também precisam combater o racismo.

As mulheres negras, desde a infância são nichadas em estereótipos, que as seguem por toda sua vida. Desde os tempos da escravidão, as mulheres negras escravizadas eram diretamente ligadas a atitudes grosseiras e raivosas, despro-

vidas de sensibilidade e humanização, como revela o livro “Mulheres, raça e classe” de Angela Davis. Já atualmente, é possível notar a hipersexualização da mulher preta, que por vezes são resumidas ao estigma da “mulata Globeleza”, que por vezes são objetificadas e vistas apenas como mulheres para serem usadas, mas há também as mulheres que não se encaixam neste padrão, que tem traços grossos, são gordas e são automaticamente excluídas do direito a relação interpessoais.”

Tim Lopes, o primeiro coletivo negro do Jornalismo UFPel

Crescimento da população negra na universidade e suas formas de aquilombamento



Primeira reunião do Coletivo

Divulgação/Instagram

Mariah Coelho e Thierry Cunha

Arcanjo Antonino Lopes do Nascimento, ou para o grande público, Tim Lopes, foi um jornalista negro e pelotense, que fez de sua paixão pelo jornalismo investigativo a sua vida. E até hoje inspira jovens negros no âmbito jornalístico.

Arcanjo, nasceu no dia 18 de novembro de 1950. Era o quarto filho de doze irmãos, vivendo até seus oito anos em Pelotas, no bairro Fragata. Depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu de forma humilde na favela da Mangueira.

Conhecido pela forma que se dedicava à investiga-

ção, Lopes, ganhou destaque em 1978, quando trabalhou em um canteiro de obras em subterrâneo do Metrô do Rio, para denunciar as condições precárias de trabalho. A partir daí, passou a ser chamado de Tim Lopes, pela sua semelhança com o cantor Tim Maia e, esse ano perdurou no restante de sua vida. Com isso, se tornou um dos grandes jornalistas investigativos da época, sendo premiado diversas vezes pelo seu modo de noticiar.

Tim nunca hesitou no exercício da profissão e tal comprometimento o levou a morte. Quando estava em



Evento realizado em Outubro com Isabela, Ediane, Seu Zé e integrantes

Diulia Rocha

mais uma das suas comuns investigações, investigando denúncias de moradores sobre tráfico de drogas e exploração sexual de adolescentes durante bailes funk, no Complexo do Alemão, foi descoberto gravando imagens do tráfico e da prostituição infantil que acontecia na comunidade. Logo após, foi levado por um grupo de traficantes até Elias Maluco, chefe do narcotráfico. Torturado até a morte, Tim foi carbonizado no dia dois de junho de 2002.

A morte de Lopes, causou tamanha repercussão nos anos 2000 que é até hoje um exemplo para os comunicadores e os futuros comunicadores. Um exemplo disso, é o primeiro coletivo negro do Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Coletivo Negro Tim Lopes.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2018, cerca 1,14 milhões de estudantes se declaram pretos ou pardos, representando 50,3% dos estudantes matriculados na rede pública.

E, um dos reflexos desta pesquisa pode ser visto no curso de Jornalismo da federal de Pelotas, que a cada ano tem aumentado o número de alunos pretos, sendo este um dos fatores determinante para a criação do coletivo.

Essa organização surgiu de um grupo de mais ou menos 5 alunos após uma palestra na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), no entanto, a vontade já vinha de antes.

Os integrantes contam que, depois dessa reunião, se foi passado nas turmas informando sobre a iniciativa e então agendaram uma primeira reunião, nela foi tratada do intuito e, estabelecido que dentro do coletivo não teriam cargos para que não houvesse uma hierarquia entre os estudantes.

A ascensão de corpos negros dentro do ambiente acadêmico se deu de forma gradativa, os passos foram e, seguem lentos, com ressalva às ações afirmativas que, de certa forma, impulsionaram esse processo.

Micael Carvalho, 20 anos, estudante de jornalismo e integrante do coletivo fala que “buscamos no coletivo um espaço para nos expressarmos e compartilhar vivências. Em muitas partes do mercado de trabalho nós somos vistos em segunda instância”

“Buscamos no Coletivo
um espaço para nos
expressarmos e
compartilhar vivências”

E a intenção é justamente essa, organizar boa parte dos alunos negros do curso e propor o diálogo, não só sobre racismo e coisas que tangenciam à vida de qualquer pessoa negra, mas também, de falar sobre suas vitórias e ter um momento de lazer com quem mais possa te entender que são aqueles vivem coisas semelhantes às suas.

Em Outubro, o Coletivo organizou um dia da V

Semana Acadêmica do curso, trouxeram a jornalista Isabela Reis, que se intitula como feminista, jornalista e antirracista. Também contaram com a presença de dois comunicadores locais, Ediane Oliveira, jornalista pelotense e o intitulado Seu Zé, locutor da RádioCom desde seu princípio. O evento se preocupou em tratar da temática comunicadora-negra no mercado de trabalho.

Pertencer à academia enquanto aluno negro é uma tarefa e um esforço diário, pessoas negras não são vistas nos corredores, nos docentes e, muito menos, nos referenciais teóricos. Essa falta gera, nos estudantes, uma baixa auto estima intelectual, fazendo com o que os mesmos não se sintam pertencentes àquele espaço que, ainda é, ocupado majoritariamente por brancos.



O jornalista Tim Lopes

Divulgação

A irmã de Tim, Tânia Lopes sempre fala que “a maior homenagem é dar dignidade para os humildes e pobres, porque era por eles que Tim viveu, até ser sequestrado, torturado e morto por criminosos.”, explicita. Por isso, esse coletivo toma o nome de Tim Lopes, pela diferença que ele promoveu sendo negro e revolucionando a forma de se fazer jornalismo investigativo no Brasil.

“A maior homenagem
é dar dignidade para
os humildes e pobres,
porque era por eles
que Tim viveu”



Jornalismo de moda? Sim!

Bate-papo com a jornalista de moda e influenciadora digital Tais Barreto, sobre sua carreira e o mundo do jornalismo de moda na região Sul.

Diulia Rocha

Em entrevista, a jornalista de moda Taís Barreto, responsável pelo blog Moda e Conteúdo, comentou sobre seu início no Jornalismo de moda, como vê o mundo da comunicação de moda em Pelotas e região, e deu dicas para quem pretende seguir nesse ramo do jornalismo.

Taís é formada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas e especializada em Gestão de Moda – Comunicação, Marketing e Estilo, também pela UCPel. A jornalista disse que até o final de sua faculdade não se identificava com nenhuma área do curso.

“Quando entrei na faculdade fiz basicamente tudo, rádio, televisão, jornal. Quando cheguei no final do curso eu não me identificava com absolutamente nada. Até que um dia a gente teve um mega recesso por gripe suína, e aí nesse meio tempo fiquei muito em casa e comecei a descobrir moda e amar moda, uma coisa meio doida. Foi bem no final da faculdade, mudei meu TCC. Na época se discutia muito se quem não era jornalista poderia

produzir um conteúdo jornalístico, era a discussão do momento. Fiz um estudo de caso sobre isso, na época era sobre o blog Garotas Estúpidas.” Taís diz que já fez de tudo no mundo da moda. Foi assessora por cinco anos do maior evento de moda da região sul, o Moda Pelotas, foi professora de cursos de moda, já teve uma coluna sobre moda no jornal Diário Popular, prestou consultoria para diversas marcas, foi consultora editorial da revista Babado, teve sua própria agência de comunicação, a Sete-do-7, sem contar seu blog, o Moda e Conteúdo, que é sua marca registrada.

“Eu não escolhi muitas coisas, as coisas foram acontecendo.”

Atualmente além de jornalista, também é influenciadora digital, e acredita que esse é o chamado jornalismo 2.0, e diz que as duas coisas se interligam.

“Eu acho que eu nunca pensei muito sobre isso mas eu comecei a me dar conta do caminho natural que o mercado estava tomando.”

“Eu comecei a ver que o que eu falava não fazia sentido para as pessoas se eu não fosse alguém.”

Desde o início de 2019, Tais começou a focar em sua carreira de influenciadora digital, e atualmente o seu instagram que se chamava “Moda e Conteúdo”, passou a ter ser próprio nome.

“Eu comecei a ver que o que eu falava não fazia sentido para as pessoas se eu não fosse alguém.”

Além de moda, seu instagram tem conteúdo sobre beleza, consumo mais consciente, vida mais saudável, acontecimentos da região, e principalmente sobre seu lifestyle, e tenta sempre mostrar uma vida mais real ao seus seguidores.

“Eu estou terminando 2019 com canal no youtube, com podcast, com live toda semana, com stories falando de domingo a domingo, com as pessoas conhecendo a minha gata, o meu marido, a minha casa, o que eu como...”

Perguntada sobre como ela vê o mercado de jornalismo de moda na região sul, Taís fala sobre a carência de veículos que deem espaço para o mesmo,

apesar de ser uma região muito próspera e criativa.

“Isso é uma questão mercadológica complexa.”

“A gente tem muita coisa boa aqui, temos muitos profissionais ótimos, vários materiais produzidos e várias marcas que tem o perfil que poderia ser de qualquer lugar do Brasil e às vezes talvez a gente não reconheça tanto porque as pessoas tão aqui do lado. Só que o problema é que a gente não tem onde mostrar isso, vejo uma carência de veículos que deem espaço e oportunidade pra isso.”

E também deu algumas dicas para quem pretende seguir nesse ramo tão complicado aqui na região. Incentivou os jovens jornalistas de moda a buscarem seu espaço e criar o próprio veículo de comunicação, assim como ela fez, além de buscar parcerias com pessoas que tenham um trabalho para complementar.

“Eu aprendi tudo na marra, mas se eu fosse pensar hoje em dia, ia procurar um amigo meu que fosse um bom fotógrafo, um bom cinegrafista, enfim, pra fazer um coisa legal.”

O futuro do jornalismo de moda. A revista impressa de moda atual é obsoleta?

Taís falou sobre sua opinião em relação ao meio de comunicação de moda impressa atual. A jornalista acredita que a forma com que as revistas tradicionais trabalham deveria mudar, por conta de reproduzirem ainda padrões que não fazem mais sentido para a sociedade atual. Além de dizer que as revistas impressas estão perdendo espaço para o digital por conta do imediatismo da sociedade atual.

“Hoje em dia tu pode ver um desfile da Gucci ao vivo, não faz nenhum sentido tu ler um mês depois sobre aquilo. Os próprios jornalistas de moda, que na minha opinião tem um espaço sim, e muito relevante para explicar para as pessoas questões tanto de mercado quanto de criação.”

Mesmo com tanto contras, ela acredita sim que ainda exista espaço para as revistas impressas.

“Sempre vai ter espaço para alguns, poucos.”

Por fim, falou sobre seus planos futuros para sua carreira. Disse que pretende sempre inovar, mas que não planeja nada a longo prazo, e que sua prioridade é que seu trabalho faça sentido na vida das pessoas que a acompanham, e isso é o que faz seu trabalho mudar.

“Eu não tenho chance nenhuma de me acalmar, quem trabalha com isso é cada vez mais, senão passam por cima, o mercado te derruba!”



Duas modelos e ao meio Bathie Fall, imigrante senegalês, em outro editorial do atelier.

Instagram Kanimambo

África Kanimambo: A moda mudando vidas

O atelier que além de criar renda, criou raízes para imigrantes senegaleses na princesa do sul

Mariah Coelho Coi

Kanimambo é uma palavra do idioma Changane do sul de Moçambique, que significa obrigado. Em Pelotas, ela ganhou uma ressignificação: é sinônimo de esperança. África Kanimambo, é um atelier de vestuário africano brasileira criada imigrantes Senegaleses.

O projeto abrange diversos imigrantes que residem na cidade e um deles é Bathie Fall, no Senegal, vivia com sua família, estudava e trabalhava, mas em 2014, sua vida tomou rumos distintos quando veio para o Brasil, sua primeira estada foi em São Paulo, tempos depois Rio Grande e por fim, a cidade que vive atualmente, Pelotas. Para eles os primeiros meses em terras brasileiras foram difíceis, por conta da cultura, língua e por não ter renda.

Bathie, trabalhou como vendedor ambulante pelo calçadão pelotense até 2018, a partir daí, sua vida ganhou um capítulo novo, com a criação do

Atelier África Kanimambo. A ideia veio da jornalista, Ediane Oliveira, e foi logo colocada em prática por eles com a ajuda de um amigo em comum, Vinicius Moraes. Contudo, o projeto foi financiado e aprovado pelo sistema de Procultura de Pelotas.

Ediane, conta que o processo de criação das roupas no princípio tinha como objetivo ser uma produção dos próprios senegaleses, mas por vez, eles não conseguiram adaptar-se, sendo assim o trabalho era feito por uma costureira pelotense, Dona Carmem, mas atualmente, a produção é toda reproduzida no país da costa ocidental da África, exercidas pela irmã de Fall.

Todas as vestimentas produzidas na Kanimambo têm apenas um tecido, a Capulana, tecido originário da África, que carrega tamanho simbolismo da cultura africana, já os modelos são todos inspirados nas roupas africanas e para Ediane, todo o processo



Três modelos negros em dos editoriais da Kanimambo. Imagem: Instagram Kanimambo

“ Foi uma mão africana que fez nossas roupas.”

tem estado cada vez mais próximo da características da moda africana: “Foi uma mão africana que fez nossas roupas.” conta, Oliveira.

Pelotas, em todo o seu processo de criação até os dias atuais teve e tem grande participação da população negra em sua história, com isso, Bathie acredita que grande parte da cidade acolheu a marca, e afirma que há muito interesse em geral pela cultura negra, já que a população procura e veste a Kanimambo: “Eles gostam da cultura africana.” Afirma Fall, e para ele, isso se dá por Pelotas ter uma população preta tão significativa. Mas, Ediane revela que o projeto por ser muito crítico, não tem reconhecimento de algumas instâncias da cidade como de fato uma marca, Oliveira ainda citou como exemplo, o Moda Pelotas, que é um dos maiores eventos de moda da região sul, não propiciou abertura para a marca desfilar.

Há 6.363 km, de distância de Senegal, Ediane acredita que a Kanimambo afetou de forma positiva a vida dos senegaleses, já que gera trabalho e renda para eles, e muito das verbas providas do atelier são enviadas para suas famílias no continente africano, como também a valorização da cultura africana: “Fortaleceu a identidade deles na cidade.”, afirma Oliveira. Atualmente Bathie, está mais envolvido com atelier, e de acordo com ele, a marca deu mais sentido e valor a sua vida: “Estou feliz trabalhando com a moda africana.” Além de coordenar a Kanimambo o senegalês também faz o curso de Letras Português/Francês na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e tem desejos de continuar com o projeto e expandir cada vez mais no âmbito da moda: “Quero abrir mais lojas de roupas masculinas e femininas.”, finaliza Fall.



As passarelas ainda não foram tomadas por gente preta, mas em breve serão

A ascensão do povo negro nesses espaços cresce cada vez mais

Thierry Cunha

Os desfiles de moda surgiram no século XX, com o costureiro francês Paul Poiret. Trazendo um padrão de beleza já, fora da realidade da época e da realidade de quem consumia aquela marca. O costureiro foi altamente criticado e, logo após, as mulheres da época acabaram por ceder e pensar que aquele corpo esguio, alto e branco representado, poderia um dia ser o delas. Com isso, surge a vontade ainda maior de consumir aquele produto.

Tentar se falar sobre moda e desfiles, sem falar de padrão de beleza, é basicamente impossível. Os padrões de beleza, sobretudo o europeu, foi criado e moldado por costureiros e estilistas do século passado e é perdurado até os dias atuais. Ser magra, loira, branca, alta foi imposto de maneira que não se consegue fugir disso e, caso fuja, será rejeitada pelos mais diversos meios.

O mundo da moda, durante muito tempo não se preocupou em segregar pessoas pelos seus mais diversos tipos de corpos e tons de pele. Esse mercado foi, como já citado, moldado sobre isso. Só pisa na passarela quem se adequa aos padrões, se não se curva à eles, não serve para o estilista e para estampar a cara da marca.

A marca francesa, Chanel, levou 109 anos desde seus primeiros desfiles até por um homem negro em sua passarela. E, não se engane acreditando que mesmo com tanta demora, isso ocorreu a uns 10 anos atrás, não, o primeiro modelo negro a desfilarm pela marca foi Alton Mason, no ano de 2018.

Ao se discutir o panorama local, Pelotas conta com o evento Moda Pelotas há mais de 10 anos e, a inserção de modelos negros não foi tão tardia. Em contrapartida, ainda são poucos os que chegam lá. E você pode se questionar o porquê poucos chegam, a resposta pode ser simples e resumida a duas coisas: racismo e medo.

O medo que o oprimido possui, o paralisa. Com isso, não permite que você se desenvolva em espectros sociais e em ambientes profissionais. Modelos negros são, diariamente, alvos de chacota e exclusão das seleções para desfiles e, isso, reflete nas próximas que ao terem ciência disso, do que realmente ocorre nesse mundo, decidem por nem ao menos tentarem.

O racismo funciona, no mundo da moda, de uma maneira extremamente bem articulada. E não é possível refutar isso.

Durante o Moda Pelotas nº26, abordamos Pietra Rafaela 17 anos e modelo, sobre como era para ela estar ali, ocupando aquele espaço, ela inicia sua fala, dizendo que se sente muito feliz e grata pela oportunidade e acolhimento que recebeu, tanto da equipe do evento, quanto das outras modelos.

Ainda completa que “a gente sempre teve um padrão de mulheres magras, brancas e secas e agora o mundo da moda vêm renovando isso. E eu, como negra, me sinto mais inclusa nisso.”



Mariah Coi



Karoline Martins para Beth Schneid

Mariah Coi

Karoline Martins, 21 anos, estudante e modelo do evento há 5 anos, fala muito sobre o medo em relação que modelos sentem “o André Guerra (idealizador do evento) tenta sempre procurar mais, mas ainda assim é muito difícil. As meninas não procuram, parecem ter medos de não serem aceitas, de sofrer aquele preconceito ou coisas do tipo.

Martins ainda fala que, o evento tem cada vez mais introduzido também pessoas gordas, que era algo que estava em falta. A gordofobia também foi um dos aliados na criação desse padrão inalcançável e, termos na última edição, marcas estritamente plus size e -jovem- é um avanço gigante.

Modelar sempre foi um sonho de Karoline, desde pequena idealizava isso e, hoje, ao desfilar durante 5 anos para o maior desfile de moda da Zona Sul, já ter feito campanhas para marcas à nível nacional como O Boticário, é extremamente gratificante, como ela mesma pontua.



Desfile marca A.K Plus Size

Mariah Coi

Larissa Xavier, 20 anos e estudante de moda no IFSul Campus Visconde da Graça (CAVG) foi uma das organizadoras do MPN26, ao ser abordada sobre a falta de representatividade, comenta que “Sempre tive noção disso e, hoje, estando no curso ainda é meio difícil”.

“Até na sala de aula, tu não te enxerga ali, mas eu, enquanto estudante, tento sempre mudar isso propondo trabalhos e coisas do tipo”

Sobre o evento, Xavier fala que “é sensacional, é uma experiência muito boa. Ano passado eu estava aqui só assistindo de pé, só olhando, e agora eu estava organizando, ajudando, estando no backstage. Me sinto de coração aquecido.”



Desfile 3 Gurias

Mariah Coi

O corpo e a personalidade PLUS

A.K Plus e sua criadora, Alexa Kaufmann após seu lançamento no Moda Pelotas

Por: Giéle Sodré

Como o ano em que a Victoria Secrets contratou sua primeira modelo de manequim maior, denominada como plus size, 2019 vê uma mudança em paradigmas quando se fala sobre a imagem. O crescimento do mercado da moda para pessoas gordas vem para refletir a representatividade que tem sido pedida com as ondas de movimentos sociais crescentes, procurando não só por uma condição de vida melhor, mas também por espaço na sociedade.

Alexia Kaufmann, de vinte e três anos, lançou sua marca plus no dia 10 de outubro desse ano durante o Moda Pelotas e agora trabalha em uma coleção de verão para a mesma. A estudante do último ano de Design de Moda da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) conta que o projeto nasceu em 2016, durante seu curso técnico em vestuário no CaVG, de um trabalho da professora Frantieska Schneid.

A marca que carrega o nome de Alexia é uma representação de um sonho de criação acessível para pessoas gordas e uma motivação. Com peças básicas, mas cheias do estilo e personalidade de sua criadora. Vendendo uma necessidade de peças que fossem mais baratas, diz que não queria criar algo claramente mais caro para que pessoas gordas se sentissem obrigadas a comprar por falta de opção.



Giéle Sodré

Alexia conta que, quando perdeu o pai esse ano, ficou com muita tristeza e saudade, mas também lhe foram deixados alguns bens, com os quais ela decidiu que iria tirar a ideia do papel com a ajuda e incentivo de seu noivo – e agora sócio – Miguel Tavares. Já tendo toda a identidade pronta, graças à cadeira do CaVG já mencionada, a única coisa que faltava era o empurrãozinho financeiro, ao qual Alexia é muito grata ao pai, o chamando de “anjo da guarda” e “protetor” por várias vezes, sempre com muito carinho na voz.

“Se eu vendo algo que carrega o meu nome, automaticamente ele tem que ser parte de mim, né. [...] Tem que ter esse propósito.” Diz a empreendedora, defendendo o estilo mais básico de suas peças, que faz parte da sua própria identidade e por isso, de acordo com ela, se torna verdadeiro com sua venda. Além de ser um visual da marca por si só.



Alexia Kaufmann em seu atelier

Giéle Sodré

Também se conversou sobre o casting e a representatividade envolvida, Alexia apenas usou modelos gordas para apresentar sua marca, uma vez que o número mínimo de suas peças é 46. “Eu queria trazer algumas gordas pequenas, gordas grandes, negras, cabelo afro, com cabelo colorido. Tudo isso eu queria trazer para a passarela para que as pessoas vissem que a gente existe. A gente existe e a gente tá aqui pra ser visto.”

Alexia também não se diz exatamente feminista, mas admira e carrega muitos dos ideais em seu trabalho e na vida, querendo dar a mais mulheres um positivismo que não afete só seus corpos.

“Com a minha marca eu queria que as pessoas se aceitassem mais, sabe, tivessem mais empoderamento. E que elas fossem mais fortes em tudo, não só com o corpo. A questão de ser mulher, de não depender de ninguém [também].”

“A gente existe e a gente tá aqui pra ser visto”

Por uma moda MAIS consciente

Frantieska fala sobre o mercado de moda consciente em Pelotas e questões que envolvem uma moda mais sustentável

Por Diulia Rocha

Frantieska Schneid é representante local da cidade de Pelotas - RS do movimento Fashion Revolution, um movimento global sem fins lucrativos, com equipes em mais de 100 países ao redor do mundo, que faz campanha pela reforma sistêmica da indústria da moda, com foco na necessidade de maior transparência na cadeia de suprimentos de moda.

Em entrevista Frantieska falou sobre o cenário da moda sustentável na Região Sul, e como na visão dela esse movimento vem mudando o consumo consciente na Brasil e no Mundo.

Pergunta: Qual a definição de moda sustentável e consumo consciente? E como tu vê essas questões no mercado de moda atual de Pelotas?

Frantieska: Na verdade eu acho que a gente não pode usar a expressão moda sustentável porque se a gente for pegar a etimologia das duas palavras a moda tem um caráter efêmero passageiro de curta duração. Sustentabilidade é algo comum. A própria palavra já diz que se sustente sustentável então a expressão moda sustentável ela é contraditória. E por isso a gente utiliza a expressão por uma moda mais sustentável.

Acho que essas questões aqui no mercado da moda atual de Pelotas vejo que a gente não teve grandes crescimentos desde 2009 e se eu tivesse que está uma ação que está em um grande desenvolvimento seria um surgimento dos brechós.

Pergunta: O que é preciso para que uma marca de moda seja considerada sustentável?

Frantieska: Quando a gente pensa na palavra sustentabilidade ela na verdade são várias sustentabilidades, ou seja, a sustentabilidade está ancorada em diversos pilares, por exemplo não é apenas a questão do material. Não quer dizer que uma roupa de algodão seja mais sustentável uma roupa de poliéster por exemplo.

Depois seria questão social ou seja quem são essas pessoas que estão por trás da confecção desta roupa. E aí as marcas precisam sim estar alinhadas com todos as etapas desse processo desde a aquisição da matéria prima até a distribuição, colocando por exemplo todas as etapas de um mesmo patamar. Não adianta uma roupa ser vendida a duzentos reais e a costureira que fez aquela roupa ganhar 10.

Pergunta: Na sua perspectiva, dá para ser sustentável e ter um negócio lucrativo de moda? A matemática é a mesma de um negócio convencional?

Frantieska: Com certeza. Ela pode se tornar um pouco mais cara, porque ela é mais justa, pagando o devido valor para quem está confeccionando. Vamos supor um algodão orgânico um pouco mais caro do que o algodão convencional, são valores na verdade agregados a todo produto e não só o custo da peça em si, claro que é a mesma. Porém se for levado em conta todos esses aspectos retribuindo para todas as pessoas que vão trabalhar na construção dessa peça pode se tornar um pouco mais caro sim.

Pergunta: O que há de mais legal sendo feito no Brasil de moda sustentável hoje? Para ti, quais são as grandes marcas nessa área, que unem sustentabilidade e produto de moda consistente?

Frantieska: Aqui no Brasil existem inúmeras marcas que já nascem focadas em atingir todos os pilares da sustentabilidade. Teriam muitos exemplos para falar aqui, mas eu vou falar de uma marca gaúcha que chama-se revoada. Ela surgiu como modelo e depois teve que se reposicionar e passou a ser revogada. A revogada é uma marca de Porto Alegre que utiliza câmaras de pneu e guarda chuvas sombrinhas descartados. As gurias vão até as cooperativas de Triagem de Resíduos Sólidos adquirindo esse material e então criam produtos extremamente conceituais com um design bem arrojado para criar essas peças.

E aí sim se preocupou toda toda as questões do processo desde a aquisição dessa matéria prima que estaria gerando mais lixo no ambiente até na produção. As pessoas que confeccionam essas peças são super bem remuneradas. Pra mim é um exemplo de sucesso nessa área que já nasce com todo esse intuito e tem maior sucesso e reconhecimento no Brasil inteiro.





Vamos simplificar o empreendedorismo

Empreendedorismo pode ser feito por amor, mas também pode ser por necessidade. De qualquer forma, em ambos os casos, existem muitas questões que complicam a vida dos novos empresários.

Pedro de Almeida

Quero empreender, mas não sei administrar! O que eu faço?

Administrar o dinheiro é essencial para aqueles que buscam começar um negócio próprio, mas também é um grande obstáculo para muitos.

Para que um empreendimento obtenha sucesso, é necessário investir e administrar competentemente a receita arrecadada através dele. Contudo, esta é uma tarefa complexa e que exige um conhecimento mais técnico e muita atenção. O que acaba assustando os aspirantes mais inseguros ou cautelosos.

Por isso, Anna Laura, estudante de psicologia, aos 18 anos de idade, sonha em ser maquiadora profissional. Ainda que acostumada a realizar as produções de beleza da sua irmã e também das suas amigas, teme a entrada no mercado. Para ela, o maior desafio é não ter muita noção de contabilidade, como por exemplo o que seria sua a renda bruta (total) e a líquida (lucro).

Nesse sentido, a contadora Giovana Camisa traz dois aspectos importantes e que devem ser levados em consideração na hora de organizar os rendimentos.

Organização de caixa

Não se deve misturar o caixa pessoal com o da empresa. A separação de ambos é extremamente importante, pois mesmo que o profissional ainda não tenha se regularizado formalmente, o controle só acontece quando existe o discernimento entre o que é da pessoa jurídica (empreendimento) e o que é da pessoa física (empreendedor).

Controle das finanças

É muito importante ter uma planilha de controle financeiro que traga clareza e objetividade em seu layout. Sendo que ela sempre deve trazer totalizadores, demonstrando, dessa forma, o resultado em cada ato que tu pretendes controlar.

Tendo em vista que cada mercado possui uma média de valor, é preciso que o empresário saiba estudar este mercado e precificar seu produto da forma correta. Além disso, as formas de entrada do capital variam de negócio para negócio. Portanto, quando se tem uma planilha atualizada que controle as entradas e as saídas de capital, descrevendo a origem e/ou destino de cada movimentação fica mais fácil observar se o valor, mensal por exemplo, dos seus impostos, mais os custos de produção e manutenção são menores que o valor arrecadado neste período. E se forem, significa que seu empreendimento está fluindo corretamente.

Para organizar melhor seu orçamento pessoal e, além de conseguir juntar algum dinheiro em uma reserva de emergência, também conseguir fazer seu dinheiro durar mais, tente adaptar seu consumo ao seguinte modelo: a partir de 100% da sua renda, divida em:

60%

Para as suas despesas fixas e necessárias à sua sobrevivência. Por exemplo: aluguel, comida, água e energia.

25%

Para seu gastos “avulsos”, ou seja, roupas, lazer, cursos e investimentos pessoais, por exemplo.

15%

Para a sua poupança. Evite usar a sua reserva em coisas desnecessárias. O único segredo desse modelo de controle orçamentário é o comprometimento.

Ganhe dinheiro trabalhando com o seu hobby

As atividades de lazer que preenchem nossas horas vagas podem ter potencial para se tornar uma fonte de renda integral

É muito comum as pessoas reclamarem que não se identificam com seus empregos, ou mesmo que não conseguem encontrar um. Por conta disso, acabam se frustrando e têm dificuldades em obter a ascensão profissional que almejam. Contudo, já parou para pensar em como seria trabalhar com o seu passatempo favorito e conseguir uma boa renda com isso?

Existem muitos casos de sucesso de empreendedores que decidiram inovar e investiram nas suas paixões como forma de trabalho e desenvolvem, atualmente, trabalhos e projetos que, além do sustento, lhes proporcionam realização pessoal e profissional. Logo, esta pode ser uma boa estratégia para os universitários que querem conquistar a independência financeira mas que precisam de flexibilidade de horário.

A blogueira Tabatha Cuzziol, por exemplo, é estudante de Relações Internacionais na Universidade Federal de Pelotas e desde 2013 produz conteúdo para internet sobre seus assuntos favoritos. Ela começou escrevendo sobre literatura em seu blog porque nenhum de seus amigos compartilhava com ela o hobby de ler, levando-a a encontrar na blogsfera uma forma de contar sua experiência com os livros.

Mas em 2016, ao entrar para faculdade, os textos acadêmicos ocuparam a maior parte do seu dia. Assim, para não parar de criar conteúdo na internet, Cuzziol decidiu falar de maquiagem, assunto que desenvolveu interesse quando começou a se maquiar para gravar os vídeos em seu canal no youtube.

Hoje, com mais de 57 mil seguidores no instagram, a jovem conta que planejou cada passo. “Desde a criação do blog eu já tinha isso na cabeça e fui colocando metas para crescer cada vez mais. Muitas vezes um hobby pode se tornar o nosso trabalho, mas se já tivermos na cabeça que queremos trabalhar com aquilo desde o princípio, fica mais fácil de cumprir os objetivos”, explica a digital influencer.



Tabatha Cuzziol / Reprodução Instagram

Portanto, para te incentivar e ajudar a transformar um hobby em um projeto rentável, a Tabatha separou três dicas simples, mas fundamentais para quem quer começar a empreender:

- 1 Escolha falar sobre algo que você realmente goste e tenha propriedade no assunto;**
- 2 É importante saber qual o público você quer alcançar. Por isso, Defina um nicho!**
- 3 A maioria dos produtores de conteúdo desistem no primeiro ano. Não desista!**

Como lidar com a jornada dupla entre trabalho e faculdade

Cursar o ensino superior não é uma tarefa fácil, nem barata. Por isso, atualmente, tem crescido bastante o número de jovens empreendedores nas universidades.

Em meio a uma jornada dupla de trabalho e estudos, eles transformam, muitas vezes, seus hobbies em projetos rentáveis, a fim de custear os estudos e conquistar sua independência financeira.

Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) muitos alunos têm, paralelo às atividades acadêmicas, uma rotina de trabalho autônomo. São diversos tipos de iniciativas. Algumas desenvolvidas dentro dos campi universitários e outras fora.

Dentro da universidade é possível, por exemplo, vender doces. Pode-se começar pelos colegas de turma, calouros e veteranos e, logo, através da propaganda “boca a boca”, expandir para as demais turmas ou até mesmo outros cursos. Como é o caso da Brígida Sodré, aluna do curso de jornalismo que, junto com sua mãe, possui uma empresa informal do ramo a confeitaria. A jovem vende as guloseimas no campus Ânglo, da UFPel.

Brígida conta que dedica cerca de duas horas e meia na produção dos doces. Período entre sua chegada do estágio e ida para faculdade. “Em geral, o principal desafio nas vendas, é saber quais são os doces que não podem faltar, quantos levar cada dia, para não sobrar e, também, agradar a clientela, que nem sempre é fácil”, afirma a estudante.

Além disso, outros universitários buscam desenvolver seus projetos fora da universidade. Em geral aproveitam

do seus hobbies e talentos e/ou a partir de conhecimentos adquiridos na faculdade.

A também acadêmica em jornalismo Ana Julia Nat-chigal é fotógrafa profissional e está trabalhando no ramo há dois anos e ingressou no curso da UFPel no primeiro semestre de 2019. Ela destaca que levou cerca de um ano até conseguir uma boa média de clientes e uma boa lista de contatos.

Atualmente, com a agenda cheia de trabalhos, ela desabafa sobre as dificuldades para conciliar a faculdade com a fotografia:

“É complicado dividir o tempo, às vezes me sobrecarrego por trabalhar demais, mas acredito que o correto seja se organizar e fazer as coisas com antecedência para dar tempo de tudo. Contudo acabo notando um impacto negativo nos estudos porque Tenho dificuldades em administrar meu tempo e às vezes acabo perdendo alguma coisa da faculdade.”

Na esfera acadêmica, o incentivo às iniciativas empreendedoras ainda é pequeno. Uma pesquisa realizada pelo Sebrae e a Endeavor, em 2016, com foco em Empreendedorismo nas universidades brasileiras, apontou que os programas que proporcionam maior visão e viés inovadores, como criação de novos negócios, gestão de pequenos negócios, franquias, inovação e tecnologia, estão presentes em somente 6,2% das instituições, em média.



Brígida vendendo doces em frente à sua sala de aula no campus Ânglo, no intervalo da aula

Pedro de Almeida

Pensando nisso, a Jornalista, filmmaker e empreendedora Larissa Pez Wociechoski, aconselha que, além de um bom planejamento, também seja estruturada uma rotina. Ou seja, planejamento das atividades e uma rotina bem definida para executá-las. A empresária explica que quando se tem um dia cheio e pouco tempo, as atividades acontecem de forma mais direta. Desse modo, evita-se a procrastinação. Porém, ela ressalta que é fundamental reservar um período para lazer ao término dos deveres. E finaliza dizendo:

“Uma pessoa com dupla jornada necessita de uma agenda para que possa cumprir todo o prometido. Por isso comprometimento é a chave.”



Os sonhos, as necessidades e a Coolkies

Ariane Bertinetti

Até pensei em começar com um “Você quer casar comigo?”, mas isso não seria o começo certo.

Quando comecei a morar em Pelotas, para cursar Jornalismo na UFPel, eu não tinha muito dinheiro e tampouco o apoio financeiro dos meus pais. Tanto que, pra vir do Paraná pra cá, tive que vender todo meu equipamento fotográfico de trabalho e também fazer um bazar com Boa parte das minhas roupas.

E foi assim, com 12 reais na minha conta bancária, numa madrugada no ano de 2015, que desenvolvi não só a ideia, mas também o nome, a proposta visual e fiz todas as mídias sociais da Coolkies. A empresa de biscoitos que me ajudou a pagar o aluguel e não passar fome no início do sonho de conseguir o diploma. Sem forno para produzir, acabei recorrendo à casa de amigos para realizar fabricação e depois ir abordar pessoas na rua oferecendo os “biscoitos estilo americano”.

Empreender hoje em dia é algo muito romantizado. O próprio governo usa dados comemorando o número de empreendedores no país. Mas a verdade é que boa parte dos empreendedores não começam porque sonham em empreender e “ser patrões”. Começam por necessidade. Porque se não “derem um jeito” vai faltar comida na mesa.

É claro que não são todos, mas a mulher que começa a fazer bolo de pote e vender na vizinhança normalmente faz isso porque precisa de uma renda complementar por

não ser valorizada no trabalho ou até por estar desempregada.

Foi essa mesma necessidade que, de novo, quatro anos depois, me fez tirar a Coolkies da gaveta. Afinal, começando a vida a dois, eu e meu companheiro vimos que seria preciso batalhar ainda mais para conseguirmos casar ou nossos sonhos jamais aconteceriam. Visto que ele acaba de entrar no mestrado, justamente em um período que temos no poder um governo que não presta muito suporte à educação e que eu sigo lutando para lidar com algumas questões ligadas à problemas de depressão e ansiedade, além da pressão em me formar na faculdade.

Por isso a Coolkies, hoje, é nosso ganha pão e orgulho. E graças a Deus tivemos a oportunidade de conquistar o apoio da comunidade pelotense que comprou, não só a ideia da Coolkies, mas também comprou o nosso sonho de casar e constituir nossa família.

Ainda falta muito para conseguirmos, mas não tivemos medo de tentar e não temos medo de continuar. Porque empreender sendo universitário, principalmente nos dias de hoje, é isso: não ter medo de tentar. Se você tem uma ideia e precisa dar um jeito pra realizar teus objetos, se joga! Só assim terá a oportunidade de receber um “sim”.

Formei e agora? Diploma na parede ou na bagagem?

A situação econômica do país está cada vez mais instável, o que leva as pessoas a repensarem seus planos, sair do convencional e romper fronteiras.

Bruno Bonilha e Gabriel Gonçalves



Acervo Pessoal Micael Kuntzer – Fazenda Quatro Irmãos – Santa Vitória, RS.

O universitário recém-formado de hoje difere em muitos quesitos do formado nas gerações anteriores. Hoje não podemos nos acomodar, deixar o certificado na parede de nossas casas e ficar naquela zona de conforto. O mercado de trabalho está mais ágil e afunilado. É necessário repensar nossos objetivos gradativamente, conforme mais próximos estamos do final da graduação.

Como exemplo, temos a experiência do recém-formado Engenheiro Agrônomo Micael Kuntzer, de 28 anos e ex-aluno da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (-FAEM/UFPel), está formado desde 2018. É gaúcho, natural de Três de Maio.

Durante a graduação investiu no inglês, inclusive realizando intercâmbio nesse período. E ao se formar não se limitou a trabalhar na região Sul. De acordo com Micael, a situação atual do mercado desfavorece a atividade do profissional recém-formado no Brasil: “Vou falar que para a nossa profissão de agrônomo, há poucas oportunidades. É uma profissão que está pouco reconhecida no mercado de trabalho, então tem muito agrônomo ganhando salário de técnico agrícola. Isso dificulta um pouco a entrada no mercado e muitas vezes tem que buscar emprego fora do país. Dessa maneira, eu acho que quem está disposto a crescer e buscar oportunidades melhores

tem que encarar o mercado fora do país, pois no momento aqui não está sendo dado o valor necessário ao profissional. Então, creio que o mercado de trabalho ainda tem muito a melhorar para esse profissional”.

Micael, após formado, foi para os Estados Unidos trabalhar em uma fazenda localizada em Minnesota, a qual ele foi duas vezes. De acordo com Micael, a troca de culturas é uma experiência única: “O que me influenciou a voltar mais uma vez foi, principalmente, a cultura deles de dar a devida valorização ao produtor. Já que aqui no Brasil é totalmente ao contrário, o produtor rural é criminalizado por tentar produzir mais e não é valorizado. E, além disso, muitas vezes é prejudicado pelo próprio governo com taxas, multas e demais impostos que ele venha a pagar. Então, decidi retornar para lá por esses motivos e só não fiquei pelo fato de não conseguir possibilidades de um plano de carreira”.

Hoje, Micael está de volta ao Brasil. Ele trabalha como gerente comercial em uma empresa de Agronegócios, Pecuária Leiteira e de Corte e Nutrição Animal em Belo Horizonte, Minas Gerais. “Como eu já tinha ido duas vezes para fora do Brasil e tinha visto que meu crescimento pessoal e profissional foi muito maior de que todo o tempo de faculdade, com certeza eu escolhi vir para cá (MG) visando sair da zona de conforto, porque ao sair dela, eu acredito que a pessoa tem mais vontade de crescer e não se acomoda onde está. Então, eu acho que se eu estivesse em casa, com certeza não estaria nas condições que me encontro hoje. Provavelmente, eu estaria trabalhando no mesmo cargo que entrei na empresa”.

Micael é um exemplo de profissional em constante crescimento, pois colocou o certificado na

bagagem e partiu rumo às amplas opções que sua profissão oferece no mercado de trabalho. É cada vez mais crescente a quantidade de profissionais recém-formados que criam novos projetos de vida ao sair da universidade para o campo de trabalho. Eles buscam estabilidade financeira, diante de um mercado de trabalho flexibilizado e de mudanças rápidas. Portanto, hoje em dia é necessário o formando estar ciente que ele irá trabalhar para o mundo. E, para finalizar, deixamos abaixo uma mensagem que Micael transmite para os jovens formandos:

“O conselho que deixo para os estudantes que leem essa matéria é sempre tentar deixar a zona de conforto. Aproveitem a faculdade para fazer tudo o que tiverem vontade. Se der vontade de viajar, de fazer intercâmbio, inglês ou espanhol, faça na faculdade, que é o momento. Muitos ficam em dúvida em relação a esses intercâmbios, mas é tão bom que eu fiz dois. É um dinheiro bem investido, que vai mudar 100% a vida do aluno pessoalmente e profissionalmente. Eu indico para os amigos e conhecidos que façam intercâmbio para ter essa experiência única que o estudante não vai se arrepender de ter feito. Alguns acham que é um ano perdido da faculdade, mas, na verdade, é um ano ganho, pois na carreira profissional é que tu vais aprender a trabalhar direito, entendendo como funciona o mercado de trabalho. Na faculdade, tu aprendes a teoria e onde buscar coisas que tu precisas depois no emprego. Então, esses estágios já servem como uma experiência profissional e enriquecem o currículo do estudante. É essa a mensagem que quero passar aos



Acervo Pessoal MicaelKuntzer – Belo Horizonte, MG.

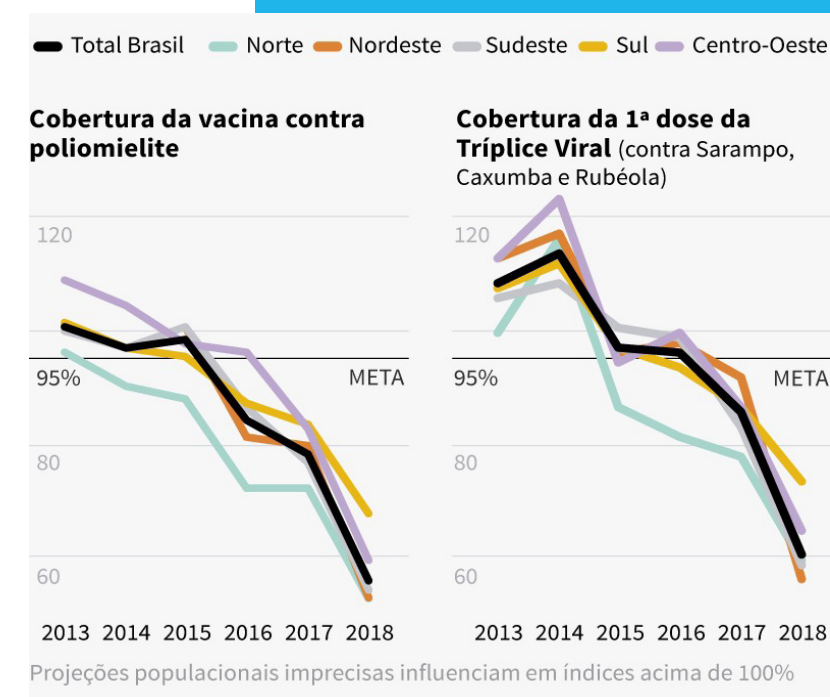


Vacinação: Mitos e Verdades

Joanna Manhago

A vacinação é uma polêmica muito antiga na sociedade, no século XX – mais precisamente em 1904 – aconteceu a “Revolta da Vacina”. A população, majoritariamente pobre, por falta de informação, acreditava que a aplicação da vacina contra a varíola causaria doenças e levaria a morte daqueles que a tomavam.

Ainda que isso pareça um acontecimento do passado, atualmente o mesmo tem acontecido. O índice de vacinação no Brasil teve uma grande diminuição nos últimos anos:



Existem vacinas que precisam ser renovadas de tempos em tempos. É o caso, por exemplo, da que protege contra tétano e difteria, que exige um reforço a cada dez anos.

De acordo com a Dirigente de Núcleo de Imunizações da Vigilância Epidemiológica de Rio Grande, Lilian Rosinha o principal motivo para esse acontecimento é a agilidade nos repasses de informação, a falta de conhecimento da fonte dessas notícias e a diminuição dos casos ou até mesmo erradicação de algumas doenças imunopreviníveis. Além disso, outros países têm organizado movimentos antivacinas, o que influencia na opinião e ação dos brasileiros em relação a mesma.

Marcia Chagas, desempregada e moradora de zona periférica de Rio Grande disse: “as informações não chegam aqui, eu tinha mais medo do que segurança em tomar e levar as minhas filhas para tomar a vacina.” E nesse viés, Lilian aconselha “aqueles que têm dúvidas sobre a vacinação devem buscar as informações em postos de saúde, sites oficiais do município, estado ou país e verificar se a informação tem algum selo do Ministério da Saúde ou das Secretarias Municipais e Estaduais da saúde.”

MITOS

- Vacinas comumente causam efeitos colaterais perigosos

MITO. Algumas até provocam eventos adversos com certa frequência, mas são leves ou moderados. As reações mais graves são raríssimas e, às vezes, estão ligadas a contraindicações. Fale com o médico sobre o assunto.

- Vacinas são úteis, mas às vezes, causam mais doenças do que previnem

MITO. Todos esses produtos passam por testes rigorosíssimos antes de chegarem na população.

- Hoje confio menos nas vacinas do que confiava no passado

MITO. Não há motivo para isso. Essa área de pesquisa avançou nos últimos tempos e a qualidade das formulações só melhorou.

- Vacina pode causar autismo em crianças

MITO. Inúmeros estudos de altíssima qualidade já comprovaram que essa história é uma mentira deslavada.

- Pessoas com doenças crônicas (diabetes, hipertensão) não podem se vacinar

MITO. Pelo contrário! Esses cidadãos fazem parte do grupo de risco e carecem ter mais atenção ainda com as doses.



Na bandeira bissexual o rosa representa a homossexualidade, o azul representa a heterossexualidade e o roxo é a mistura as duas cores, portanto, representa a concição bissexual.

Bissexuais e Saúde Mental: Uma conversa sobre Invisibilidade

Pesquisas indicam que população bissexual é mais suscetível a sofrer de problemas relacionados à saúde mental

Isabella Barcellos e Vitor Porto

No estado americano do Tennessee, Channing Smith, 16, teve prints de conversas pessoais publicadas em redes sociais, sem autorização, por colegas de escola. Entre as fotos vazadas estavam imagens trocadas com outro menino, que deixavam explícito a sexualidade do jovem. Assim como muitos adolescentes LGBT, Channing não suportou a discriminação, e, no dia 23 de setembro de 2019 tirou a sua própria vida com uma arma de fogo.

Ao redor do mundo existem milhões de jovens iguais a Channing Smith, adolescentes que sofrem algum tipo de violência por causa de sua sexualidade. No Brasil estimasse que 10% da população seja LGBT, ou seja, cerca de 20 milhões de brasileiros, a maioria com histórias de rejeição, preconceito, violência e luta.



No ano de 2017, segundo a ONG, a cada 19 horas um membro da comunidade LGBT foi assassinado ou cometeu suicídio no Brasil.

O governo federal brasileiro não produz relatórios a nível federal sobre os crimes motivados por LGBTfobia, sendo assim, é necessário recorrer aos levantamentos de organizações não governamentais, que nem sempre conseguem mensurar com exatidão o tamanho da violência contra a população LGBT em todo o país.

Uma destas ONGs é o “Grupo Gay da Bahia”, que anualmente produz um relatório sobre a violência LGBT no Brasil. No ano de 2017, segundo a ONG, a cada 19 horas um membro da comunidade LGBT foi assassinado ou cometeu suicídio no Brasil. Em números absolutos foram registrados 445 casos em todo o país, e 75% das vítimas pertenciam à faixa-etária de 16 aos 25. Das 445

vítimas de LGBTfobia registradas em 2017, 194 eram gays (43,6%), 191 eram transgêneros (42,9%), 43 eram lésbicas (9,7%), 5 eram bissexuais (1,1%) e 12 eram heterossexuais (2,7%).

Os lares das vítimas foram os locais de 37% dos casos, com a violência doméstica e a rejeição familiar sendo a principal motivação para os casos de suicídio registrados. A violência contra as pessoas LGBT está presente em todos os ambientes, o relatório da Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil aponta que 76% dos estudantes LGBT já sofreram violência verbal e 36% dos alunos já foram agredidos fisicamente dentro do ambiente escolar.

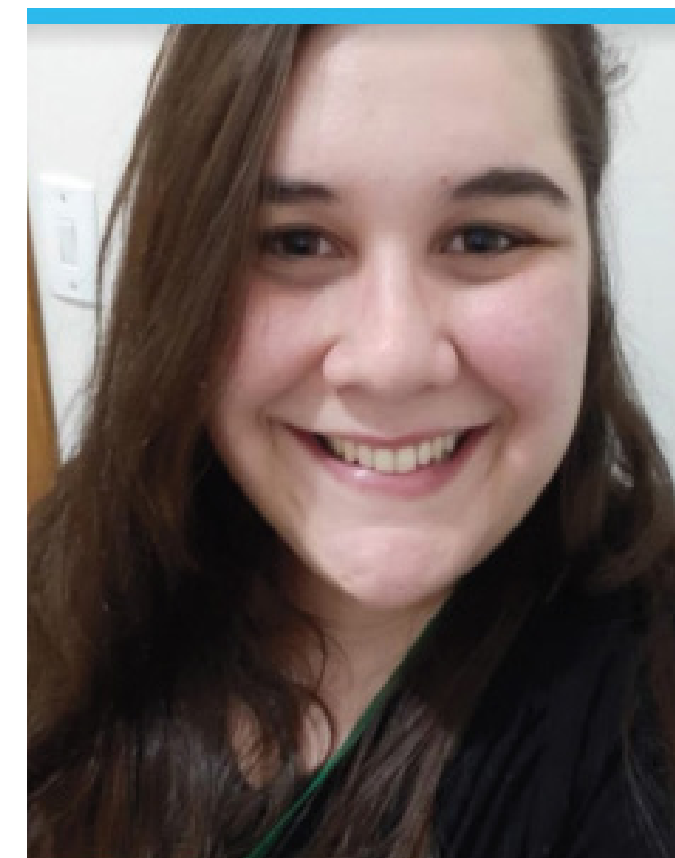
Sobre a bissexualidade

Contudo, quando se refere à saúde mental de jovens LGBT, é possível identificar uma peculiaridade referente à bissexualidade. Cerca de 5% dos bissexuais já tentaram se suicidar a menos uma vez, em artigo publicado pela Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, pessoas bissexuais (em especial mulheres) se encontram em situação marginalizada tanto dentro quanto fora da comunidade LGBT.

Apesar se gozarem de uma “passabilidade hétero” quando se relacionam com alguém do sexo oposto, bissexuais acabam sofrendo com a hipersexualização e preconceito por parte de gays e lésbicas, por crença de que um parceiro bissexual teria mais propensão de trair sua confiança. A pesquisa aponta que bissexuais também tem mais chances de desenvolver vícios e ter mais instabilidade em seus relacionamentos amorosos.

A estudante de psicologia Jade Azevedo explica: “acredito que a maior dificuldade seja o estigma que a bissexualidade ainda carrega. Essas pessoas são acusadas de serem indecisas, de usar a bissexualidade como disfarce, ou que é um passo antes de se assumir homossexual. Fora que a imagem da bissexualidade ainda é ligada a “promiscuidade”; há a crença de que pessoas bissexuais não podem/conseguem ser monogâmicas. A forma com que as pessoas bissexuais são representadas na mídia ainda não retrata a realidade do que é ser bissexual, o que gera falta de representatividade e acentua os conflitos”.

A invisibilidade dos bissexuais é uma das maiores causas de crises de identidade que geram conflitos internos que podem levar a problemas psicológicos “Infelizmente ainda há bastante invisibilização de bissexuais por parte da própria comunidade LGBT,



Jade Azevedo, estudante de Psicologia da UFPel.

muito pelos estigmas já citados. As pautas ainda ficam mais concentradas nas outras letras da sigla e as demandas bissexuais se perdem. Acredito que esteja surgindo um movimento de mudança e que as questões específicas da comunidade bissexual passem a ter mais força” completa a psicóloga Júlia Maciel.

O espaço universitário é de extrema importância para lidar com a recepção dessa comunidade. Para Jade, a inclusão ocorre através de projetos que os incluam e os deem voz, convidando a compartilhar suas especificidades.

“A UFPel, por exemplo, conta com o NUGEN - Núcleo de gênero e diversidade sexual”, conta ela, “E o NUGEN vem trabalhando de forma a fomentar o debate acerca da temática, promovendo rodas de conversa, congressos e trazendo visibilidade à luta”. Os estudantes da UFPel que tenham interesse podem contatar o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual através do número 99109570 ou pela página do Facebook NUGEN UFPel.

No país do futebol as mulheres quebram barreiras

Mesmo após a Copa do Mundo Feminina a luta por espaço no esporte segue viva

Josimara Megiato Rodrigues
Andressa Siemionko Lacerda

O crescimento do futebol feminino é inegável e a Copa do Mundo ocorrida este ano na França, contribuiu ainda mais para esse aumento. Antes de tamanha visibilidade, as mulheres precisaram lutar muito para obter o direito de jogar futebol já que havia um decreto assinado por Getúlio Vargas em 14 de abril de 1941, durante a ditadura do Estado Novo, o artigo 54 do decreto-lei 3.199 que dizia: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

Apenas em 1979 que o decreto foi revogado, já no final da ditadura. Porém a regulamentação da categoria feminina no esporte só se realizou quatro anos depois, mesmo assim as regras estipuladas reforçavam a ideia do sexo frágil.

Passados 40 anos, o futebol feminino vive uma realidade diferente, mas não como o almejado pela categoria. A ascensão da participação das mulheres na cate-

“As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

artigo 54 do decreto-lei 3.199/ 1941

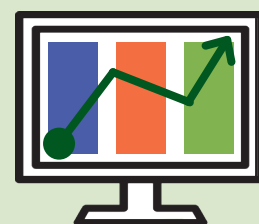
goria, não está somente dentro de campo, mas também na audiência. Só em 2018, segundo o IBOPE as mulheres representaram 41% da audiência do futebol na televisão brasileira. Atualmente, existe o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino com

as categorias A1, e A2, além dos campeonatos esta-duais. Mas em geral a visibilidade na maioria das vezes é apenas para os clubes que participam das competições maiores, enquanto clubes de menor expressão não atraem tantos olhares.

41%

da audiência do futebol na televisão brasileira são mulheres

IBOPE/ 2018



Lobas Phoenix em oração antes do treino

Andressa Siemionko Lacerda

Os caminhos do futebol feminino na região



Treino na Boca do Lobo do Lobas Phoenix

Andressa Siemionko Lacerda

Treino na Boca do Lobo do Lobas Phoenix

Josimara Megiato Rodrigues



Treino na Boca do Lobo do Lobas Phoenix

Andressa Siemionko Lacerda

O clube de Pelotas, Lobas Phoenix, é único clube de futebol feminino profissional da cidade, e existe há 23 anos, atualmente pos-

sui categorias sub18 e sub16. No primeiro semestre deste ano as atletas disputaram o gauchão sub18, no qual foram vice-campeãs. Já no segundo semestre, a

categoria que atuou foi a sub16, também na competição estadual. Nesta categoria, 28 jogadoras compõem o time e destas, 14 não residem nem próximo a Pelotas, percorrendo quilômetros até chegar as dependên-

cias do clube, somado às condições financeiras precárias, isso dificulta a rotina de treinos do time. É o que diz Marcos Planela Barbosa, técnico do time: “As de mais longe vem um final de semana por mês outras vêm todos finais de semana.”

“As condições do próprio ambiente, muitas vezes não são as melhores, o que é possível perceber nos treinos e dia a dia das atletas.”

”

As condições do próprio ambiente, muitas vezes não são as melhores, o que é possível perceber nos treinos e dia a dia das atletas. Para vestirem o fardamento as jogadoras do não utilizam vestiários, o mesmo

acontece na própria arquibancada. Ademais as mesmas enfrentam dificuldades diárias como a de pagar o ônibus pra viajar, buscar patrocinios. Mas, apesar dos percalços, o ambiente é muito saudável e disciplinado. As jogadoras carregam sempre um sorriso, junto a uma grande esperança de evolução para o futebol feminino.

Além disso, é notório que futebol feminino e masculino tem públicos diferentes. No interior este fato se destaca. Marcos ressalta que é um público restrito, como familiares, amigos, colegas,

“Está se construindo uma pirâmide do cume para a base. Não há uma preocupação com os estaduais e com os clubes formadores, e sim com uma pequena elite.”

na-
mo-
rados
e na-
moradas.
Apesar de
números mui-
tas vezes insa-
tisfatórios, um
levantamento do glo-
boesporte.com mostra
que na Copa do Mun-
do deste ano, o público
aproveitou para conhecer
mais os times femininos
de seus países, resultan-
do em bons números de
público nos jogos. Mes-
mo com toda a evolução,
Planela ressalta um erro
na construção do fute-
bol feminino no Brasil:
“Está se construindo

“Não só por mim, mas também para o futebol feminino se desenvolver, ter mais visibilidade e apoio”

uma pirâmide do cume para a base. Não há uma preocupação com os estaduais e com os clubes formadores, e sim com uma pequena elite.”

Planela enfatiza a importância dos estudos na vida das atletas e conta que é critério de entrada no time ter bom rendimento. Esta preocupação do clube é percebida pelas jogadoras, como conta a volante, de 14 anos, Ana Laura de Souza Pires:

“O futebol nos ajuda, não só nos estudos, mas até em casa, no comportamento, em ser mais disciplinado, tudo conta.”

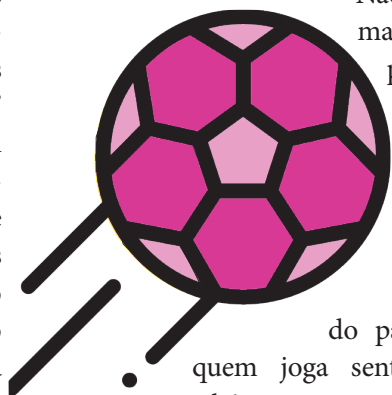
A carreira no futebol começa a ser construída desde muito cedo, e geralmente por clubes de menor expressão, é o caso da meio campista do Portland Thorns FC e da seleção brasileira Andressa Cavallari, mais conhecida como Andressinha, que iniciou sua carreira no Lobas Phoenix, um caso de sucesso que serve de ins-piração para as atuais jogadoras do clube. O esporte não tem gênero e é isso que elas querem levar para fora dos campos. Dentro de muito pouco tempo no futebol feminino as atletas lidam com deficiências na categoria, que vão desde a estrutura até o preconceito.

Mesmo com tantos percalços, o amor pelo futebol segue vivo e fala mais alto. É isso que faz com que Ana Laura, saia de Arroio Grande, sua cidade, para treinar todos os finais de semana na sede do clube em Pelotas. A mesma comenta que há uma grande falta de valorização e visibilidade, fator de extrema importância no futebol.

Contudo, apesar da evolução dos últimos anos, em diversos aspectos, seja dentro ou fora de campo, é preciso ainda assim valorizar cada vez mais a categoria, estimulando um crescimento maior ainda. Em esportes de grupo, o conceito de coletivo é sempre levantado. Para o futuro, Ana Laura não pensa diferente, seu desejo é coletivo:

“Não só por mim, mas também para o futebol feminino se desenvolver, ter mais visibilidade e apoio”

O l h a n - do para o futuro, quem joga sente esperança, mas há no ar um receio de que a luta não continue. Histórias de preconceitos e dificuldades são fatos que meninas como Ana Laura não deixarão cair no esquecimento. A Copa do Mundo deste ano contribuiu bastante para a visibilidade do futebol feminino, mas após seu término foi possível perceber que o interesse do público pela categoria, não prosseguiu da mesma maneira, Muitas jogadoras profissionais incentivam jovens meninas a jogar, mas com o incentivo e a força de vontade é preciso ressaltar que nem só disso o futebol resiste. É necessário oportunidade, participação do valor comercial, para que o trabalho seja completo e o sucesso apenas consequência.



Acostume a ver gays, lésbicas, mulheres, bissexuais e transsexuais no esporte

Comunidade LGBT vêm tomando força no futebol de sete



Equipe Completa

Foto: Divulgação/ Instagram

Thierry Cunha

Brasil de Pelotas? Farroupilha? Pelotas? Nenhum dos anteriores. Falaremos agora sobre minorias. Falaremos sobre Real Flamingos Futebol Clube.

Historicamente, os esportes e, principalmente, o futebol sempre foram pautados por diversos casos de machismo, racismo, sexismo e homofobia. Ir para estádios e ouvir músicas que ofendem o tom de pele, orientação sexual e gênero sempre fizeram parte das minorias que

ainda insistiam em frequentar espaços como esse. No entanto, a estrutura vem mudando e que bom que esse processo está ocorrendo.

O time Bees Cats Soccer Boys, do Rio de Janeiro, surgiu em 2017 e foi um dos percussores do movimento. Tendo essa sua trajetória conquistado diversos campeonatos importantes para a cena do esporte LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e travestis), como a Taça Hornet no ano de 2018 e o World Gay

Games Paris, também no mesmo ano. A Ascensão desse novo modo de fazer futebol, encoraja e empodera mais homens gays, mulheres ou negros a irem para o campo.

Criar times destinados à minorias tem se tornado cada vez mais normal, é importante que, se crie esses times e dê mais espaços para se praticar o que se gosta, mas, é necessário não se esquecer de mudar e, lutar, sempre, para a mudança de estrutura e paradigmas das torcidas

e times tradicionais

Em Pelotas, essa cena está sendo mudada. A cidade conta com um time destinado à essa parcela da população, chamado de Real Flamingos Futebol Clube. O time de futebol de sete surgiu no ano de 2017, da ideia e desejo de Norton Lopes Duarte, 26 anos, costureiro, criador e propagador dessa organização até os dias atuais. O nome, Flamingos, surgiu pela elegância da ave e por sua cor, que simboliza muito para Lopes.

Norton, conta que sempre teve uma ligação imensa com o futebol, até os seus 13 anos ele costumava jogar e, com o passar do tempo, foi deixando de lado essa atividade de que tanto tinha apreço pelo fato de sentir uma falta de espaço. Completa dizendo que na época, não sentiu homofobia de uma forma direta, mas sempre soube que ela estava presente em outros ambientes do mesmo nicho, o esporte.

“A gente tenta, desde o início, nos treinos, conversar sobre isso. É obrigatório que não tenha discriminação nenhuma, seja de gênero, cor, peso. Isso não existe aqui.”

É possível perceber, esse medo e receio que paralisa a minoria e então saímos apenas do meio esportivo e vamos também para outras áreas.

Modelos negros não vão à castings pelo medo da rejeição. Jornalistas assumidamente homossexuais ou lésbicas em suas vidas pessoais, não levam isso para o ambiente corporativo e poderíamos citar diversos outros casos do mesmo nível. O medo paralisa, traumatiza e

até que impulse para agir, pode levar anos.

O meio dos esportes sempre foi exclusivo e Duarte ressalta isso, ainda complementa com “A gente tenta, desde o início, nos treinos, conversar sobre isso. É obrigatório que não tenha discriminação nenhuma, seja de gênero, cor, peso. Isso não existe aqui.”, ressalta. Ainda fala que, caso alguém descumpra uma das regras estipuladas, será advertido e, possivelmente,

afastado do time.

O time não tem um local fixo e próprio, costumam organizar-se para que cada um contribua com uma

parte, para que assim, consigam alugar alguma quadra e poderem fazer seus treinos e terem, ao mesmo tempo, seu tempo de lazer. Conseguir patrocínio e parceiros não foi uma tarefa fácil. No campeonato Copa Sul LGBT de Futebol, maior campeonato de times LGBTs do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná que

participaram em Abril, conseguiram apoio para transporte de um vereador e cada integrante arcou com o resto dos gastos. No último campeonato, já conseguiram patrocínio de mais marcas, como a Vanglass, marca pelotense de óculos. Mesmo com esse avanço, ainda assim, é



difícil e nem se compara a quantidade de patrocínios e propostas de parcerias que times tradicionais e, tomado por homens heterossexuais recebem quase que, diariamente. O Flamingos conta com duas modalidades de times: Masculino, apenas para homens

LGBTs e o time Feminino, que ser LGBT não é uma limitação.

Questionado sobre ter ou não esperança em um estádio de futebol mais tolerante, Norton fala que “Eu nunca fui em estádio de futebol por conta disso, por medo, nem tanto de homofobia em si, mas mui-

to de brigas. E, acredito que isso não vá acabar, principalmente gritos racistas, isso parece ser uma tradição da torcida.”, acrescenta. Ainda complementa que “Falta apoio da CBF, dos times, enquanto os times não forem punidos quando isso acontecer, isso não vai mudar.”, acentua Duarte.

O acesso da periferia ao esporte

Projeto de Jiu-Jitsu em Rio Grande oferece aulas gratuitas

Tais Carolina A. Pereira e Rayla Ribeiro

Ações sociais são grandes chaves para o desenvolvimento de parcelas menos privilegiadas da sociedade. Sabendo disso, a Associação Mad Max deu ao esporte um significado maior do que ele já possui, fazendo dele não somente algo que

influencia no condicionamento físico das pessoas, mas também, uma ferramenta de inclusão, que agrega no lado social, cultural e educacional de crianças e jovens.

Pensando nisso, a Associação criou o projeto “Lutando pelo Futuro”, em 2015, que disponibiliza aulas gratuitas de Jiu-Jitsu para crianças e jovens caren-

tes, entre 7 e 18 anos. Os alunos são moradores de bairros periféricos de Rio Grande, tais como Getúlio Vargas, Santa Teresa, Mangueira, Vila Militar, Navegantes, etc. O projeto possui aulas semanais, com periodicidade de três dias por semana, questões ministradas pelo professor, Faixa Preta 2 Graus, Maximiliano Lima. É

ensinado o Jiu-Jitsu desportivo e o competitivo, além de princípios, hierarquias e técnicas do esporte. Atualmente o Lutando pelo Futuro tem como coordenador o professor Maximiliano – além de dois professores voluntários, um auxiliar técnico, um assistente de coordenação e uma profissional de comunicação e mídia.



Alunos reverenciam o símbolo que representa a academia

Foto: Tais Carolina

A arte marcial Jiu-Jitsu e suas técnicas

O Jiu-Jitsu é uma das artes marciais mais tradicionais existentes, ela foi criada por monges e popularizada por japoneses. Em seu início, tinha a função de desenvolver a defesa pessoal, hoje é uma modalidade esportiva, praticada por homens e mulheres, que tem como objetivo principal o lutador derrubar seu oponente e

imobilizá-lo. A luta ocorre em um tatame quadrado e, para tal, é requisito que os participantes estejam vestidos com o kimono – uniforme composto por calça e paletó, nas cores preta, azul ou branca. Além do kimono, existem as faixas, as quais indicam o nível do lutador, elas têm as cores: branca, cinza, amarela, laranja, verde,

azul, roxa, marrom, preta, coral e vermelha, sendo a faixa branca utilizada por iniciantes e a vermelha por experts dessa arte, as trocas de faixa acontecem durante a graduação. Dentre os principais movimentos do Jiu-Jitsu estão o “joelho na barriga”, quando o lutador põe o joelho por cima do outro conseguindo o imobilizar, a “queda” que é quando existe um desequilíbrio que leva o adversário

ao chão e o “mata-leão”, uma técnica de estrangulamento. Cada posição executada garante uma quantidade específica de pontos, os quais são importantes para a vitória da luta. Além da pontuação, outras formas de definir a luta são desistência, quando o lutador bate três vezes no tatame, desclassificação, interrupção, perda dos sentidos, decisão do árbitro ou sorteio.

Lutando pelo futuro além do esporte

A amplitude do projeto não se limita ao tatame. Sendo o bom rendimento escolar um dos requisitos para a permanência no Lutando pelo Futuro, a academia se preocupa em ofertar aulas reforço de matemática e português, que são ministradas após o período do treino ou no final de semana. Ademais, existe o Centro de Transformação Social, que proporciona atividades de artesanato, literatura e arte, além de disponibilizar uma biblioteca e um laboratório de informática.

Maximiliano Lima, além de professor de Jiu-Jitsu, é advogado e pertenceu ao exército, lugar aonde começou sua jornada no jiu-jitsu. Perguntamos a ele quais foram suas motivações para começar o projeto e ele afirmou:

“Depois de anos praticando, presenciei e vivenciei a dificuldade do acesso ao esporte para a classe pobre [...] o jiu-jitsu é elitizado, é considerado esporte de ‘play boy’.”

O professor também possui uma academia particular e diz que não vê crianças com uniformes de escolas públicas, mas somente particulares. No início, o local aonde são minis-



Treinamento de posição de guarda e ataque, com a orientação do Professor Maximiliano Lima

Foto: Taís Carolina

tradas as aulas de jiu-jitsu era precário, não tinha banheiro, vestiário nem refeitório e o projeto tinha apenas uma criança. O lugar foi sendo, aos poucos, restaurado e adaptado para as aulas.

Max busca fazer um acompanhamento dos boletins dos alunos, bem como de suas famílias. Foi nesse processo que ele percebeu que não poderia simplesmente cobrar um bom desempenho das crianças na escola, mas teria que fazer algo para ajudá-las a conseguir tal resultado.

“Cobro escolaridade, mas eles vêm de uma alfabetização fraca, a família não dá suporte, então como eu vou cobrar escolaridade se eles não têm suporte?”

Devido a isso, a academia começou a ofer-

tar aulas reforço que, e por não ter nenhum professor voluntário, são ministradas pela esposa do professor. Sendo as crianças pertencentes a uma realidade precária, Max percebeu que também seria necessário investir na boa alimentação dos jovens, esta que é essencial para qualquer atleta, nisto que se notou também a necessidade de um refeitório. Dentre tantas dificuldades, Lima percebeu a falta de apoio da comunidade.

“As pessoas falam demais, idealizam demais, mas na hora de fazer alguma coisa, não fazem nada [...] eu digo em apoiar”.

Questionamos o professor se, apesar de todas as dificuldades, existem crianças que sonham em seguir carreira no jiu-jit-

su, seja como professores ou atletas, ele afirmou que sim, a maioria das crianças tem esse objetivo. Ele, no entanto sempre induz os jovens a estudarem e a buscarem uma formação no ensino superior, paralelamente à busca da faixa preta – que para ser conquistada exige o tempo de, aproximadamente, 6 anos a partir da faixa verde. Para pagar as despesas da participação dos campeonatos – que ocorrem em sua maioria na região metropolitana, o que dificulta a participação desses atletas; Max faz rifas para os alunos venderem e o que arrecadam usam para as despesas das viagens, inscrições nos torneios e os equipamentos que usam, como as faixas quando o aluno passa para uma nova graduação.

As famílias do futuro

Ao conversar com algumas mães dos participantes do projeto, foi possível perceber como a iniciativa auxiliou no desenvolvimento dos jovens. Patrícia Gonçalves, mãe de Danilo Gonçalves (7), afirmou que o menino está participando do projeto faz 1 ano e que já notou nele algumas mudanças de comportamento, tais como aumento de comprometimento e de

disciplina. Ao ser questionada sobre o motivo de ter colocado o filho no projeto, Patrícia disse que ele precisava praticar algum exercício físico e o jiu-jitsu foi o único que o agradou. Cristine Rodrigues, mãe de Miguel Rodrigues (7), disse que o filho participa do Lutando pelo Futuro faz 4 meses e que, nesse pouco tempo, já notou melhoras no comportamen-

to dele. Ela afirmou que a criança está interagindo e respeitando mais. Miguel é hiperativo e, de acordo com Cristine, esse foi o motivo de ele ter entrado no projeto, pois é uma forma da criança ocupar o tempo, além de se acalmar.

Muitas pessoas tem o desejo de mudar o mundo e pensam que, para isso, precisam fazer coisas grandes ou ter um gran-

de capital econômico e o Lutando pelo Futuro prova o contrário. O projeto mostra que a melhor forma de mudar o mundo é começar com o que se tem e buscar o crescimento a cada passo, assim transformando a vida de diversas famílias e dando esperança para os mesmos, além de honrar a essência do esporte: desenvolvimento, união e inclusão.

Jovem Pelotense Conquista Título Mundial

Antônio Portugal, de 15 Anos, é Campeão de Jiu-Jitsu

Augusto Cabral
e Gabriel Fagundes

“Feliz em ser campeão de uma competição tão grande”.



Apaixonado pelas artes marciais desde cedo, o estudante do Ensino Médio do Colégio São José começou com a prática do judô, aos 8 anos. Sempre conciliando os estudos com o esporte, Antônio se dedica a uma rotina de treinos para aprimorar suas habilidades. Realizado no mês de agosto, o torneio mundial realizado na cidade de São Paulo foi organizado pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu e contou com atletas de âmbito nacional e internacional. O jovem, através do What-

sApp, concedeu entrevista à nossa editoria a respeito de sua trajetória no esporte.

Repórter: “O que você viu nas artes marciais para começar a praticar?”

Antônio: “Comecei por conta do sobrepeso, tinha que começar a praticar alguma coisa. Tive orientação para fazer algum esporte, aí comecei no Judô, competindo muito também. Porém, vi que precisava buscar uma evolução no chão, fui pro Jiu-Jitsu e acabei ganhando muito tempo competindo e aca-

bei deixando como minha prioridade”.

Repórter: “Quando você viu que tinha capacidade de se destacar dentre os demais e conquistar títulos dentro do Jiu-Jitsu?”

Antônio: “Quando comecei a ‘encarnar’ no Jiu-Jitsu mesmo, treinando de três a quatro vezes por semana. Comecei a ter bons resultados nos campeonatos gaúchos, ir para as grandes competições e vencendo”.

Repórter: “Como foram as lutas no torneio mundial?”

Antônio: “É um campeonato muito duro. A primeira batalha sempre é bater o peso, a luta já começa antes de subir no tatame. Logo de cara enfrentei um atleta muito qualificado de São Paulo. Consegui pontuar bem e acabei avançando. Na final peguei um argentino, foi de igual para igual, porém consegui passar a guarda e fazer três pontos. A partir daí, fui controlando até o final e fui campeão. Feliz em ser campeão de uma competição tão grande”. Disse com a medalha na mão.



Bruno Bittencourt e
Gabriel Gonçalves

Nenhuma bola perdida

O atleta profissional de Pádel fala sobre sua trajetória e como o esporte mudou sua vida

Marcello Jardim, gaúcho, de Santa Maria, é um grande jogador de pádel. Atualmente, ele se encontra na posição 58 do ranking mundial. Estudante do curso de Direito quando mais novo, decidiu ir para Buenos Aires (Argentina) onde o esporte é mais conhecido e valorizado, para seguir seu sonho de ser um

atleta profissional. Com uma carreira brilhante, acumula passagens em campeonatos importantes, como o World Padel Tour e inspira os mais jovens que desejam ingressar no pádel. Seu filho Hector Jardim, de 18 anos, tem seu pai como referência e tenta seguir os mesmos passos para atingir o sucesso no esporte. Marcello concedeu entrevista ao repórter Bruno Bittencourt.

o mais importante são os valores que isso representa, que é não dar nenhuma bola por perdida por mais difícil que esteja e se esforçar ao máximo em todo momento, para não sair da quadra achando que poderia ter feito algo mais.

Se considera um espelho para o pessoal mais novo que está ingressando no esporte?

Não sei se me considero um espelho. Mas o que sei é que tanto no esporte como na vida, sempre tento fazer o meu melhor sempre e fazer as coisas de maneira honesta e justa. Depois pode ser que as coisas não saiam bem e aconteçam erros, mas sempre busco poder dormir com a consciência tranquila de estar dando meu melhor, tanto nos treinos, quanto nos jogos.

► Continua

O que é preciso fazer para que o Pádel seja mais valorizado como esporte, no Brasil?

Primeiro tem que fazer que o Pádel seja conhecido para que seja valorizado. É importante que pessoas conhecidas no Brasil (artistas, atores, jogadores de outros esportes, pessoas influentes de maneira geral) pratiquem Pádel e o promovam. Se pouca gente o conhece, ele vai ser pouco valorizado.

Qual a sensação de estar na história do Pádel com o ponto que é qualificado como um dos melhores do esporte, na sua partida contra a dupla Miguel Lamperti e Juani Mieres?

É sempre bom receber o carinho das pessoas quando vou em algum lugar e me lembram desse ponto. Mas, para mim,

A ascensão do Pádel

Cada vez mais conhecido, o esporte ganhou espaço em vários lugares

► Continuação



Qual a importância do esporte em sua vida?

O esporte sempre foi elemento primordial (acompanhado dos estudos) na minha vida. É meu trabalho e também meu lazer. O esporte me abriu portas e me proporcionou conhecer muita gente diferente e interessante, além de fazer novas amizades.

O quanto importante foi a presença e influência de seu pai, para que te tornastes um atleta de Pádel?

Eu sempre gostei do Pádel, sabia que meu pai já tinha sido o melhor do Brasil e sempre esteve no topo do ranking da Espanha, mas na época não acompanhava. Comecei a acompanhar em 2016 quando ele voltou a fazer uma das melhores duplas do mundo, junto com Franco Stupaczuk. Os dois foram minha inspiração para começar no Pádel, que sigo jogando até os dias de hoje.

Victoria Dutra e
Victoria Meggiato



O padel é um jogo disputado entre duas duplas. A quadra tem 20m de comprimento por 10m de largura, com paredes nos fundos e parte das laterais e dividido por uma rede com 90 centímetros de altura. O piso pode ser de cimento poroso, materiais sintéticos ou relva artificial, de cor verde, azul ou terracota. A bolinha do jogo é de borracha, com superfície uniforme, branca ou amarela com diâmetro entre 6,35 e 6,77 centímetros. O diferencial para outras modalidades com raquete é a interação das paredes, uma vez que elas recolocam a bola em jogo, o que dá mais emoção e dinamismo

à disputa de um ponto.

Surgiu no México no fim da década de 1960 e ganhou força na Argentina, onde chegou a ter quatro milhões de praticantes. No Brasil, é muito forte na região Sul, já que foi trazido pelos países vizinhos Uruguai e Argentina. As primeiras



quadras do país foram instauradas nas cidades gaúchas de Jaguarão e

Santana do Livramento.

Por ser muito praticado no Rio Grande do Sul, existem quadras em várias cidades. É o caso do complexo Billy Knorr, localizado em Pelotas e fundado pelo empresário e educador físico Eduardo Knorr. A estrutura conta com quatro quadras, sendo duas de alvenaria e duas de vidro.

Os lugares mais modernos para disputa do jogo, como as quadras de vidro, foram um dos motivos da ascensão do Pádel, já que deram espaço para a mídia e os jogos ficaram melhores de serem vistos. Além disso, a grande procura também

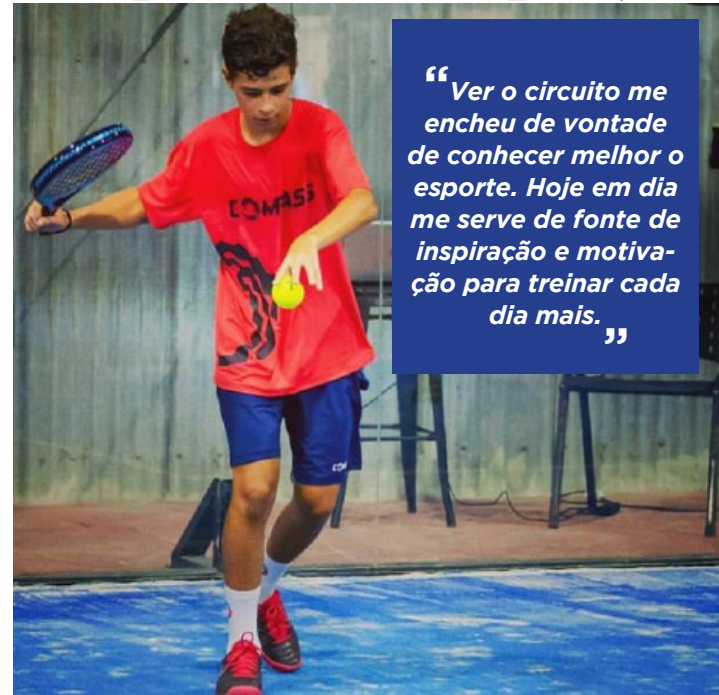
Jovem promessa já disputa importantes competições

Arthur Rodrigues, estudante de 15 anos e natural de Pedro Osório, recentemente voltou da Espanha, onde participou do mundial de menores, apoiado pelo Billy. Ele pratica a dois anos e meio, e conta que logo quando começou a jogar, já participava de torneios. Entre tantas atividades físicas, Arthur conta que escolheu o padel porque se inspirou no World.

Participando de torneios por vários lugares, Arthur conta que é um prazer poder se preparar

para os tão esperados torneios internacionais de menores: “É algo bastante gratificante, pois me preparo durante meses para disputar as seletivas. Onde a cada ano que passa se torna mais competitivo, com todos deixando tudo que tem em quadra para conseguir conquistar a tão sonhada vaga.”

O XII Campeonato Mundial de Menores aconteceu no mês de outubro em Castellon, na Espanha, e Arthur esteve presente competindo pela Seleção Brasileira de Padel. Para ele, foi uma grande experiência conhecer um lugar novo e poder competir fazendo o que ele mais gosta



“Ver o circuito me encheu de vontade de conhecer melhor o esporte. Hoje em dia me serve de fonte de inspiração e motivação para treinar cada dia mais.”

“A experiência é algo único que levarei para o resto da minha vida, tanto profissional como pessoal. Lá convivemos com pessoas dos mais diversos países e acabamos sempre aprendendo algo com eles!”

Padel e Saúde

aconteceu devido aos benefícios que ele proporciona, como: melhora da coordenação motora, ajuda na perda de peso e tonifica os músculos. Eduardo revela qual o benefício ele considera mais importante: “além de todos os benefícios físicos, é de fácil aprendizado”.

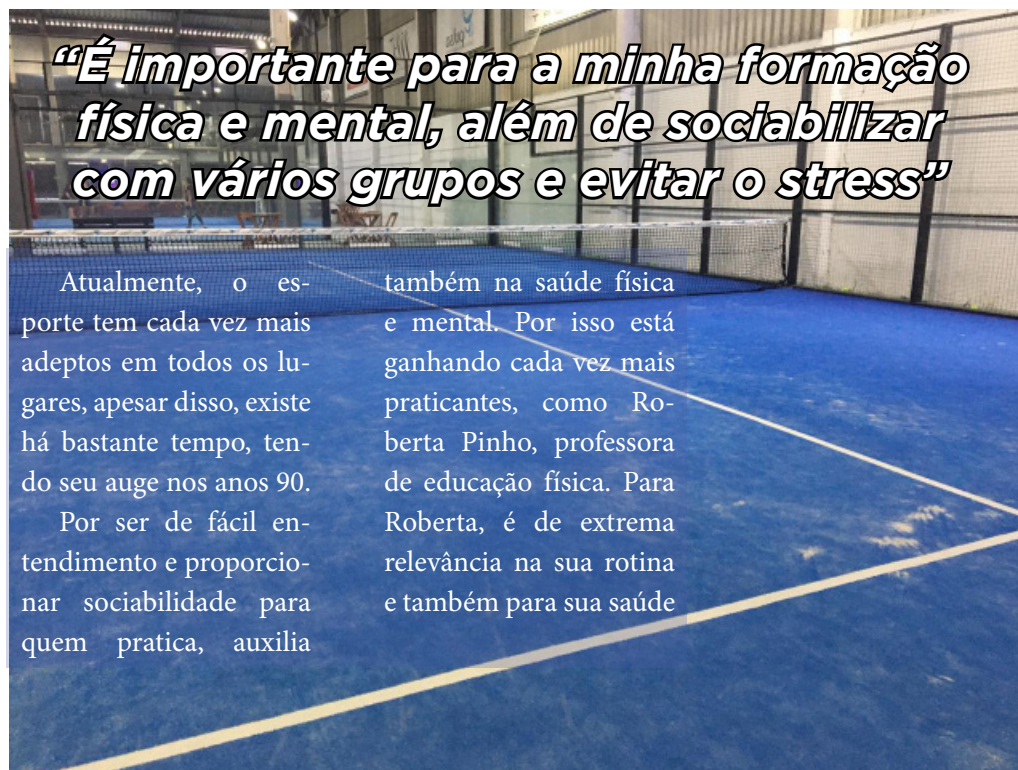
O estado do Rio Grande do Sul ainda conta com torneios que acontecem em várias cidades. O complexo Billy Knorr apoia alguns atletas: “Apoiamos alguns que jogam na categoria profissional e outras categorias também. Teve o Arthur agora que foi pra Espanha jogar pela associação brasileira na sub-16.” conta o empresário.

“É importante para a minha formação física e mental, além de sociabilizar com vários grupos e evitar o stress”

Atualmente, o esporte tem cada vez mais adeptos em todos os lugares, apesar disso, existe há bastante tempo, tendo seu auge nos anos 90.

Por ser de fácil entendimento e proporcionar sociabilidade para quem pratica, auxilia

também na saúde física e mental. Por isso está ganhando cada vez mais praticantes, como Roberta Pinho, professora de educação física. Para Roberta, é de extrema relevância na sua rotina e também para sua saúde



todos merecem informação



Samira Silveira tem 22 anos e é estudante do curso de jornalismo na UFPEL. A foto foi feita em frente a faixada da Universidade, no Campus Anglo.

Curso de Jornalismo